

Jornalismo digital na escola: narrativas de uma prática educomunicativa

Manassés Morais Xavier (UEPB)

Robéria Nádia Araújo Nascimento (UEPB)

Índice

INTRODUÇÃO	5
1 UM OLHAR SOBRE ASPECTOS METODOLÓGICOS	11
1.1 A natureza da pesquisa	12
1.2 A constituição do <i>corpus</i> de análise	13
1.2.1 O contexto da geração de dados	13
1.2.2 A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral	14
1.2.3 Os alunos participantes	15
1.2.4 Os procedimentos implicados	18
2 EDUCOMUNICAÇÃO: POR UMA EDUCAÇÃO MUDIÁTICA E UMA MÍDIA EDUCATIVA	25
2.1 Educomunicação: uma prática com diferentes acessos	25
2.2 Visão panorâmica da Educomunicação no Brasil: um caminho em construção	30
2.3 Educação e Comunicação: faces e interfaces	34
2.3.1 A Educação	34
2.3.2 A Comunicação	41
2.3.3 A função pedagógica das atividades midiáticas	44
2.4 O que significa (in)formar sujeitos críticos?	46
2.5 Educomunicação na cibercultura: educando com as novas tecnologias da informação	48
3 JORNALISMO DIGITAL: A PRODUÇÃO E A CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÕES NO CIBERESPAÇO	51

3.1	O ciberespaço e o jornalismo: uma relação logístico-funcional	51
3.2	O ciberespaço e o hipertexto: a construção de sentido hipermodal	53
3.3	O hipertexto e a hipermídia: uma conexão interativa no ciberespaço	59
3.4	Jornalismo <i>on line</i> e webjornalismo: o jornalismo na era digital	61
3.4.1	Origens do jornalismo digital no Brasil	62
3.4.2	Características e funcionalidades do jornalismo digital . .	65
4	A BUSCA DE INFORMAÇÃO PELA <i>WEB</i> : DAS PRÁTICAS DE LEITURAS DE TEXTOS JORNALÍSTICOS ÀS CONCEPÇÕES DE MÍDIA	90
4.1	O ciberespaço e as práticas de leituras dos alunos envolvidos na pesquisa: o que os dados nos revel(ar)am?	90
4.1.1	Um olhar sobre as práticas de leitura dos alunos	90
4.2	Das concepções de mídia dos alunos participantes	98
4.2.1	Mídia como poder ideológico	102
4.2.2	Mídia como agendamento	105
4.2.3	Mídia como fonte educadora	107
5	JORNALISMO DIGITAL NA ESCOLA: A LEITURA/PRODUÇÃO DE TEXTOS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO CIBERESPAÇO	111
5.1	Recordando o tipo de pesquisa adotado	112
5.2	<i>Blog</i> : interação e possibilidades pedagógicas	114
5.2.1	<i>Blog</i> : algumas concepções	114
5.2.2	<i>Blog</i> : sua natureza educ(comunic)ativa	116
5.3	Leitura ↔ Escrita: práticas sociais e interdependentes . . .	128
5.4	Escrita: a produção dos gêneros notícia e reportagem . . .	145
5.4.1	A notícia e a reportagem	147
5.4.2	Duas notas importantes	158
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
	REFERÊNCIAS	170
	APÊNDICES	180
	ANEXOS	203

Resumo

TENDO a Educomunicação como área norteadora, o presente trabalho, vinculado ao tipo de pesquisa-ação, surge da necessidade de se investigar a dialética entre novas tecnologias, comunicação e educação, bem como de proporcionar ao aluno do ensino médio o acesso à produção jornalística realizada no ciberespaço, fazendo com que este se mantenha informado a partir dos recursos interativos disponibilizados pela *Web*. Uma das inquietações da pesquisa se configurou na possibilidade de estimular os alunos participantes a fazerem do espaço digital um ambiente de busca de informação e não apenas um ambiente de entretenimento. Assim, representa uma das questões-problema: Como pensar, dentro de uma proposta educ comunicativa, em alternativas de ensino que contemplem o conteúdo do jornalismo digital como uma fonte de pesquisa para a sociedade contemporânea? Dentre os objetivos, destacamos: formar sujeitos críticos a partir de leituras de textos jornalísticos de editoriais políticos veiculados pelo jornalismo digital (jornalismo *on line* e webjornalismo), estimular a produção escrita dos gêneros notícia e reportagem, identificar as práticas sociais de linguagem digital destes alunos e oportunizar a criação do *blog* JORNALISMO.COM para postagem de textos produzidos pelos alunos. A pesquisa teve contribuições teóricas de autores como Bakhtin (2009), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Melo e Tosta (2008), Moran (1993) e Ferrari (2009). A geração de dados ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2010, período em que o Brasil vivenciava mais uma campanha eleitoral, e envolveu 15 alunos das duas primeiras séries do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral, localizada na cidade de Campina Grande – PB. Os resultados nos permitem afirmar que os alunos participantes, sujeitos escolares, assumiram práticas de leituras na Web diversas, que versaram do entretenimento (maioria dos alunos participantes) à busca de informação para pesquisas de natureza escolar. Através de comentários escritos no blog, os alunos se posicionaram criticamente diante das leituras sugeridas de textos de editoria política, o que ratifica a importância de atividades pedagógicas que contemplem a inter-relação existente entre Comunicação↔Educação↔Língua↔Sociedade. Concluimos que o fomento à construção do pensamento crítico, complexo e transdisciplinar diz respeito à necessidade de educadores e comuni-

cadores se engajarem em práticas cada vez mais educomunicativas, dando voz aos aprendizes, (in)formando-os a partir de ações linguageiras transcendentais e colaborativas. Endereço eletrônico do *Blog JORNALISMO.COM*:

<http://jornalismopontocom.blogspot.com/>.

Palavras-chave: Educomunicação, Jornalismo Digital, Leitura Crítica.

INTRODUÇÃO

O Clique Inicial

O saber é formado por elementos biológicos, cerebrais, culturais, sociais, históricos em movimento dinâmico. Sua organização parece ocorrer em função dos paradigmas que selecionam, hierarquizam, rejeitam, admitem ideias e inovações de natureza social. O saber, portanto, é coprodutor da realidade que cada um percebe e concebe no seu espírito/cérebro. A autonomia do espírito individual está inscrita, dessa maneira, no princípio de formação do conhecimento. Partindo dessa premissa, as condições emancipatórias dos sujeitos sociais podem ser ampliadas em virtude de uma consciência sobre o dinamismo inerente ao saber e da impossibilidade de se enquadrá-lo às normas e às regras do pensamento simplificador.

(ROBÉRIA NASCIMENTO, 2007)

Da motivação pessoal

Peço licença para fazer uso, nesse primeiro momento, do “eu”, a figura que particulariza a pesquisa em nome de uma “singularidade” assumida. No corpo do trabalho adotamos o plural, incorporando todos que auxiliaram no decorrer do estudo.

Uma vida, duas profissões. Sinceramente, não me vejo sem minhas duas faces: a de professor-comunicador e a de comunicador-professor. Letras e Comunicação Social estão na minha complexa base identitária, de modo que uma não completa a outra. Pelo contrário, elas são atravessadas/misturadas simultaneamente pelo mesmo entusiasmo, pelo mesmo desejo de construção do saber, pela mesma vontade de consciência emancipatória, conforme a epígrafe acima apresentada.

Trata-se, portanto, da busca de um sonho, ontem almejado, hoje alcançado e amanhã (...), certamente, recompensado pela trajetória vivida e pela colheita de frutos bons, oriundos de uma caminhada feita com dedicação e, sobretudo, alteridade. É o que Morin chama de complexidade do ser, como vemos nas palavras de Nascimento (2006) quando menciona que:

a alteridade delineada por Morin coloca para o sujeito uma dimensão transcendental, cujas fronteiras intelectuais escapam a compartimentações estanques. Trata-se de uma dimensão que reúne as fraquezas, as contradições, as ambivalências humanas na dicotomia do tudo e nada. Por isso, o sujeito à luz do Morin só pode ser pensado a partir de uma análise complexa. (NASCIMENTO, 2006, p. 168)

De fato, a minha identidade é fruto de contextos específicos de produção de conhecimento, marcados por ações languageiras que ecoam vozes múltiplas de pessoas heterogêneas e de autonomias relativas.

Compartilho com a noção de editar escrita por Baccega (1994), logicamente se referindo às atividades da Comunicação, mas que tomo como um fator representativo de minha condição humana hoje (12/02/2011, 22h37min14seg): “editar é reconfigurar alguma coisa, dando-lhe novo significado, atendendo a determinado interesse, buscando um determinado objetivo, fazendo valer um determinado ponto de vista” (BACCEGA, 1994, p. 08).

A edição ou as escolhas não aleatórias me fizeram chegar hoje aqui, (24/03/2011), no Encontro de Educomunicação da UEPB, cuja linha temática define-se como “Espaços de Diálogos e Socialização do Conhecimento no Campo da Comunicação”, com uma empolgante expectativa para defender, em público, este trabalho gerado desde o ano de 2008.

Esta pesquisa deriva de minhas intenções enquanto profissional da Educação e da Comunicação em trabalhar articulando estes dois campos do conhecimento que têm na (in)formação seu foco de atenção e como diz uma das epígrafes do trabalho: a Educomunicação consiste num modo de inter-relação que, transdisciplinarmente, constrói e reconstrói saberes.

Ainda entendo como oportuno destacar que, historicamente, a minha formação inicial em jornalismo foi marcada pela decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) da não obrigatoriedade do diploma de jornalista para o exercício da profissão. Este fato ocorreu em 17/06/2009, período em que completava 50% de meu curso. Defendo como extremamente necessária a articulação entre teoria e prática, de modo que a qualificação deste profissional esteja vinculada a uma experiência

acadêmica. Eis o meu repúdio a esta decisão e o meu encorajamento aos jornalistas pela busca do conhecimento crítico, atravessado por processos de formações inicial e continuadas.

Nesse momento, cometo a digressão de flexão em número da pessoa verbal – do “eu” para o “nós”. Convidamos a todos que se aproximem das narrativas educomunicativas presentes neste trabalho: vivências de aprendizagens para além das formalidades do saber instituído (acadêmico e/ou escolar).

Da justificativa, questões-problema, tipo de pesquisa e pressupostos teóricos

A linguagem humana é fruto de inquietações por parte dos estudos das ciências sociais. As constantes modificações ocorridas na área tecnológica vêm surtindo significados reais às mais variadas possibilidades de se estabelecer comunicação na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a presente pesquisa surge da necessidade de se investigar a relação entre novas tecnologias, comunicação e educação, bem como de proporcionar ao aluno do ensino médio o acesso à produção jornalística realizada no ciberespaço, fazendo com que este aluno mantenha-se informado a partir dos recursos interativos disponibilizados pela *Web*.

Uma das inquietações deste trabalho se configura na possibilidade de estimular os alunos participantes a fazerem do espaço digital um ambiente de busca de informação e não apenas um ambiente de entretenimento.

Nessa perspectiva, acreditamos que o desenvolvimento dessa atividade acadêmica torne o processo de ensino-aprendizagem de sujeitos/adolescentes/jovens mais significativo e aproximado das demandas da Sociedade da Informação, que exige cada vez mais posturas de um sujeito crítico-reflexivo diante da sua realidade.

A pesquisa parte do pressuposto de que levar para a sala de aula, especificamente de Língua Portuguesa, os gêneros textuais da esfera jornalística pode estimular a criticidade do aluno e, conseqüentemente, formar cidadãos emancipados diante da realidade que o cerca.

A escolha pela produção jornalística veiculada pelo ciberespaço justifica-se pela necessidade de proporcionar ao aluno o hábito de fazer

do ambiente virtual uma oportunidade eficaz de busca de informação. Esta proposta sustenta-se, também, pelo compromisso da Educação em unir as ferramentas tecnológicas como fontes pedagógicas específicas de construção do conhecimento.

Vale ressaltar que o uso de materiais midiáticos na Educação não o torna uma ferramenta meramente pedagógica, ou seja, o texto servindo como pretexto para se estudar conteúdos programáticos do currículo disciplinar. Não! Trata-se do reconhecimento da mídia como uma fonte contribuinte para se verificar as ações languageiras a partir de uma perspectiva ideologicamente situada. Portanto, se reconhece o espaço demarcado de circulação social das atividades midiáticas, longe de uma proposta que desvirtua os suportes de origens das práticas comunicativas.

A pesquisa parte das seguintes problemáticas:

1. O que fazer com a tecnologia na escola e com as consequências que os avanços tecnológicos trazem para os estudos dos textos produzidos em sociedade?
2. Qual o impacto que as novas tecnologias surtiram na produção e na construção de sentidos dos textos jornalísticos? e
3. Como pensar, dentro de uma proposta educacional, em alternativas de ensino que contemplem o conteúdo do jornalismo digital como uma fonte de pesquisa para a sociedade contemporânea?

Metodologicamente, o estudo situou-se na área da leitura e produção textuais e teve como público-alvo alunos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral, na cidade de Campina Grande – PB. Este trabalho vincula-se a uma pesquisa-ação e assumiu um caráter analítico-qualitativo dos dados.

No contexto da Educomunicação, os objetivos gerais foram:

- A) Formar sujeitos críticos a partir de leituras de textos jornalísticos de editoriais políticas veiculados pelo jornalismo digital e
- B) Estimular a produção escrita dos gêneros notícia e reportagem.

Sobre os objetivos específicos, destacamos:

- A) Identificar as práticas sociais de linguagem (e de linguagem digital) dos alunos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral envolvidos na pesquisa, no que diz respeito ao hábito de leitura de textos da esfera jornalística, bem como as suas concepções de mídia;
- B) Realizar discussões didáticas sobre a construção de sentidos no jornalismo digital;
- C) Instigar a criticidade destes alunos através da leitura de textos produzidos por diferentes portais de conteúdo jornalístico e da escrita de comentários;
- D) Desenvolver atividades de produção textual dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem e
- E) Oportunizar a criação de um *blog* para postagem de textos produzidos pelos alunos e demais textos concernentes ao desenvolvimento da pesquisa.

Do ponto de vista dos pressupostos teóricos, é possível diluir este caminho em cinco grandes eixos: Educação, Comunicação, Educomunicação, Jornalismo Digital e Estudos da Linguagem.

No campo da Educação tivemos contribuições de Bronckart e Giger (1998) e Bordet (1997) sobre transposição didática, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) sobre sequências didáticas, bem como nos respaldamos nas Leis de Diretrizes e Bases para a Educação.

Em se tratando da Comunicação destacamos Polistchuck (2003) com os estudos dos Modelos Teóricos da Comunicação e Pena (2008), Noblat (2008) e Seixas (2009) no que se refere às características e funcionalidades dos gêneros jornalísticos.

Para o eixo da Educomunicação tivemos contribuições de Soares (2003; 2000), Setton (2010), Melo e Tosta (2008), Machado (2003), Moran (1993), Biz e Guareschi (2005), Braga e Calanzans (2001), dentre outros.

Para os estudos do Jornalismo Digital tivemos contribuições de Ferrari (2009), Alzamora (2004), Borges (2009), Lévy (1999), Machado (2008), Palácios (2004), Pinho (2003) e outros. Especificamente para a investigação terminológica entre jornalismo *on line* e webjornalismo,

destacamos a relevância dos trabalhos de Canavilhas (2008; 2007) e Mielniczuk (2003).

Sobre os Estudos da Linguagem nos baseamos nos pressupostos de atividade sociointeracionista da ação discursiva defendidos por autores como Bakhtin (2009), Antunes (2003), Marcuschi (2008; 2005; 2004; 2001), Bezerra (2005), Dionísio (2006; 2003), Faraco (2003), Possenti (2002), dentre outros.

Da organização dos capítulos

A presente monografia está dividida em quatro partes: esta introdução, três capítulos teóricos – sendo um de metodologia e dois de teoria –, dois capítulos teórico-analíticos e considerações finais. O Capítulo I – Um olhar sobre aspectos metodológicos – trata do percurso metodológico desenvolvido neste trabalho. Para tanto, aborda questões relacionadas ao tipo de pesquisa adotado, procedimentos implicados e estabelece uma contextualização do *corpus* e da geração dos dados.

No Capítulo II – Educomunicação: por uma educação midiática e uma mídia educativa – há uma discussão teórica a respeito da dialética entre mídia e práticas de ensino, na tentativa da formação de um sujeito crítico-reflexivo diante de sua realidade. Temas como contexto histórico da Educomunicação no Brasil, faces e interfaces da Comunicação e da Educação, função pedagógica das atividades midiáticas são apresentados de modo a situar o leitor sobre os passado, presente e projeções futuras desta área educacional do conhecimento.

O Capítulo III – Jornalismo digital: a produção e a circulação de informações no ciberespaço – destina-se a uma conversa sobre a influência das novas tecnologias na produção e na circulação de conteúdo jornalístico. Características e funcionalidades da linguagem hipermidiática são discutidas, bem como as especificidades terminológicas do jornalismo *on line* e do webjornalismo são, didaticamente, apresentadas.

Com objetivos pontuais se inserem os capítulos de natureza teórico-analítica. O Capítulo IV – A busca de informação pela *Web*: das práticas de leituras de textos jornalísticos às concepções de mídia – trata das experiências dos alunos participantes com o discurso eletrônico e, especificamente, com textos de cunho informativo. Nesse sentido, é abordado frequência de uso da *Internet* e, nessa frequência, no uso de portais jor-

nalísticos como busca de informação. Há, ainda, neste capítulo, uma discussão sobre as concepções de mídia destes alunos.

O Capítulo V – Jornalismo digital na escola: a leitura/produção de textos e a construção de sentidos no ciberespaço – funciona como um relato de experiência do trabalho desenvolvido de leitura e escrita. O interessante do capítulo está na apresentação de como os percursos traçados na metodologia foram postos em prática, bem como a repercussão a partir do envolvimento dos alunos para a construção do pensamento crítico. O trabalho com o *blog* JORNALISMO.COM é mostrado passo a passo.

Nas Considerações Finais – Por uma prática que necessita de mais cliques – há uma reflexão a respeito dos objetivos propostos e dos objetivos alcançados. O envolvimento da turma, as contribuições para a área, as inquietações que ficaram e a análise geral da pesquisa aplicada são pontos que nortearam a conversa desta parte do texto que (re)avalia o trabalho feito e sugere caminhos para futuros trabalhos.

1 UM OLHAR SOBRE ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nem todo conhecimento é científico. Para que isso ocorra, são indispensáveis dois requisitos: primeiro que o campo do conhecimento seja delimitado, bem caracterizado e formulados os assuntos que se deseja investigar; segundo, que existam métodos adequados de pesquisa para o estudo desejado. O saber metodizado é fruto da permanente interação entre intuição e razão. O que é vivenciado, o que apenas é teórico ou conceitual, entre o concreto e o abstrato.

(IZEQUIAS SANTOS, 2005)

Neste capítulo apresentaremos o percurso metodológico que norteou a realização desta pesquisa, expondo informações sobre o tipo de pesquisa adotado, a constituição do *corpus* de análise, perfil dos alunos participantes e os procedimentos utilizados na prática educacional que propomos.

1.1 A natureza da pesquisa

A epígrafe acima elucida que o conhecimento científico é aquele cuja área de concentração é delimitada por ações metodológicas que objetivam responder a questionamentos *específicos* sobre determinados fenômenos.

O termo *específicos* não é entendido como excludente ou desprovido de interferências externas, mas centrado em práticas sistematizadas de construção de conhecimento científico, a partir de critérios ou métodos apropriados para tal finalidade.

Barros e Lehfeld (2007) mostram, com base em Bunge (1974), que dentre esses métodos apropriados de se produzir conhecimento científico há o cumprimento de etapas específicas, a saber: descobrimento do problema, colocação desse problema à luz de novos conhecimentos, procura de instrumentos relevantes do problema, tentativa de resolução exata ou aproximada do problema, investigação de consequência da solução obtida, comprovação da solução e correção de hipóteses, teorias, procedimentos etc.

O interesse em estabelecer metodologias eficazes de construção do saber metodizado vem desde o surgimento do pensamento científico como, por exemplo, as contribuições de São Tomás de Aquino quando, no século XIV, interpretou a metafísica e a ciência material.

A preocupação em descobrir e explicar a natureza vem desde os primórdios da humanidade. Os atuais sistemas de pensamento científico são o resultado de toda uma tradição de reflexão e análise voltadas para a explicação das questões que se referem às forças da natureza que subjugarão os homens e a morte. (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 69)

Sem pretender testar teorias ou comprovar hipóteses, esta pesquisa se caracterizou como de campo, vinculada a natureza da pesquisa-ação, “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação (...) *em que* os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 1998, p. 15, grifo nosso).

Julgamos o presente estudo como dessa tipologia por entendermos o pesquisador como um agente de intervenção no sentido de construir par-

participantes críticos diante da sua realidade. Essa conexão entre pesquisa-ação e intervenção é discutida por Chizzotti (2006) ao tratar das naturezas vinculadas às pesquisas ativas, caracterizadas por orientar a ação humana em uma situação concreta, na tentativa de criticar modelos convencionais e de incluir os sujeitos pesquisados¹ dentro de uma concepção complexa e interacionista.

Segundo Barros e Lehfeld (2007), são características da pesquisa-ação: há interação efetiva entre pesquisadores e pesquisados, o objeto de estudo é constituído pela situação social (representada pela instituição escolar) e objetiva aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o nível de consciência das pessoas ou grupos sociais considerados (no caso desta investigação, os alunos envolvidos ou participantes).

No que tange ao paradigma qualitativo que norteou este trabalho, entendemos como uma prática válida e importante para construção de estudos interpretativos sobre a vida social e, nesse sentido, de acordo com Chizzotti (2006), os pesquisadores qualitativos reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada a métodos puramente aplicacionistas de técnicas de análise e descrição.

Nessa perspectiva, é o contexto específico de cada investigação que condicionará o enfoque aos procedimentos de ordem metodológico-analítica dos dados a serem observados que, certamente, serão influenciados pelos objetivos particulares da pesquisa e pelas experiências de mundo vivenciadas pelos participantes dela.

1.2 A constituição do *corpus* de análise

1.2.1 O contexto da geração de dados

A pesquisa intitulada de “Jornalismo digital na escola: a leitura/produção de textos e a construção de sentidos no ciberespaço” foi realizada no período de quatro semanas consecutivas, entre os meses de setembro e outubro de 2010.

Conforme o Apêndice A – Sequência didática –, foram realizados cinco encontros com quatro horas-aula, o que correspondeu a um total de vinte horas-aula de construção de conhecimento presencial com alunos das 1ª e 2ª séries do ensino médio da Escola Estadual de En-

¹ Doravante, alunos participantes.

sino Fundamental e Médio Severino Cabral, localizada no município de Campina Grande – PB.

A escolha dessa escola para a realização da pesquisa deveu-se ao fato de ser, no contexto local, uma instituição de ensino conhecida por adotar em sua política pedagógica práticas voltadas a projetos interdisciplinares.

Outro fator determinante foi a disponibilidade de espaços físicos, como o laboratório de informática, para uma prática como esta que precisaria de um ambiente em que os alunos, no momento dos encontros, tivessem acesso a rede mundial de computadores.

1.2.2 A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral, localizada à Rua Joaquim Amorim Júnior S/N, no Bairro de Bodocongó, Campina Grande – PB, há 27 anos atende a um público de 1100 alunos de classe média baixa.

De acordo com fontes documentais, seu início foi consequência da necessidade da comunidade local. Atualmente, ao contrário de sua origem, apresenta uma demanda superior à oferta, o que faz com que a escola matricule alunos de bairros circunvizinhos.

A partir de 2002, com o reconhecimento do Conselho Estadual de Educação da Paraíba (CEE), a escola ganhou autonomia pedagógica, possibilitando a aprovação do Ato Normativo 2003, uma ação educativa de progressão parcial, cujo objetivo é o de diminuir o índice de repetência.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral conta com uma gestão democrática, tendo seus membros eleitos pela comunidade escolar através do voto, em que a participação de todos os segmentos escolares é relevante para o exercício da cidadania. Nesse sentido, alunos, pais, professores, funcionários e gestores são protagonistas do sistema educacional.

Para concretizar a participação efetiva dos segmentos escolares, o estabelecimento de ensino possui a Associação dos Estudantes (AEESC) e o Conselho Escolar (CE). Ambos visam, conforme o Projeto Político

Pedagógico (PPP), desenvolver ações que incentivam o desenvolvimento humanizado da comunidade escolar como um todo.

A escola também participa de dois programas federais do Ministério da Educação: “Ensino Médio Inovador” e “Mais Educação”. O primeiro se preocupa com a inovação curricular a partir do pressuposto de que o trabalho, a contextualização dos conteúdos, a interdisciplinaridade e o protagonismo juvenil são essenciais para a formação dos jovens nos três eixos indispensáveis para a fundamentação do currículo – trabalho, ciência e cultura.

O segundo – Mais Educação – propõe ampliar novas oportunidades educativas para induzir a organização curricular através do acréscimo da jornada escolar, na perspectiva da Educação Integral, diminuindo, assim, a ociosidade do aluno, visto que este fica mais tempo na escola, tornando, desta forma, a educação mais inclusiva e integradora.

Outra maneira de promover a educação inclusiva é a participação no Programa Escola Acessível, que assegura às pessoas com deficiência o direito de acesso e permanência na escola.

Como vimos, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral é uma instituição de ensino aberta à política de projetos educacionais que têm a finalidade de proporcionar o desenvolvimento humano-social, especificamente, dos alunos, o que justifica a sua escolha para a realização desta pesquisa.

1.2.3 Os alunos participantes

A proposta inicial da pesquisa seria trabalhar com uma turma completa de uma das três séries do ensino médio. Devido às programações da escola, como jogos internos e viagens de alunos e professores, bem como à entrega do prédio à Justiça Eleitoral para as Eleições 2010 de 1º Turno, a direção nos sugeriu formar uma turma piloto com alunos das 1ª e 2ª séries do ensino médio.

Nessas condições, seria uma turma com no máximo 15 alunos. Os encontros seriam agendados e ocorreriam no próprio laboratório de informática. Ficou a critério da direção selecionar os alunos participantes, de modo que um dos requisitos contemplados na escolha, segundo a direção escolar, foi a demonstração de interesse do aluno pelo projeto.

Assim, os alunos participantes se constituíram como voluntários da

pesquisa e compareceram aos encontros realizados no período da tarde, das 13h às 16h15min, equivalendo, por encontro, quatro aulas seguidas.

Os participantes totalizaram 15 alunos, sendo 10 da 1ª série do ensino médio e 05 da segunda série, o que em percentagem correspondeu, respectivamente, a 67% e 33% do total, como nos mostra o Gráfico 01 – Alunos distribuídos por série do ensino médio.

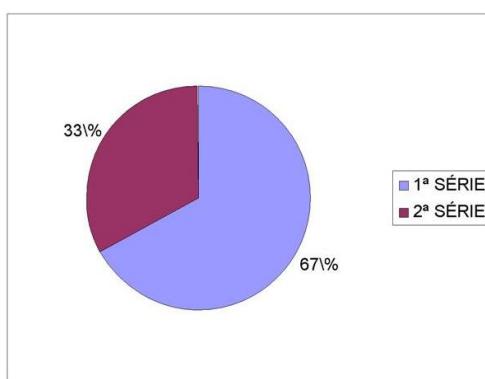


GRÁFICO 01 – Alunos distribuídos por série do ensino médio

Em se tratando da idade dos alunos participantes podemos observar que há uma variação entre 14 e 28 anos, sendo 16 anos a idade com maior ocorrência, atingindo 33% dos alunos envolvidos. O Gráfico 02 – Alunos distribuídos por idade – mostra esta variação.

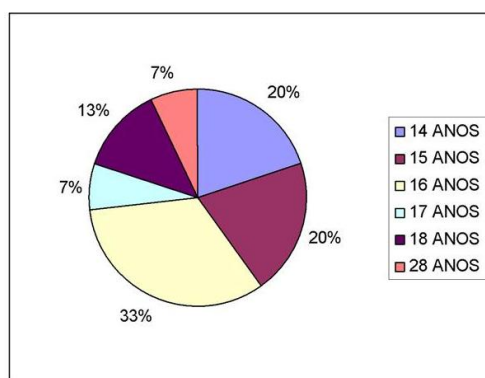


GRÁFICO 02 – Alunos distribuídos por idade

No que diz respeito ao fator gênero, 05 alunos são do sexo masculino e 10 do feminino. Tais números evidenciam que, de acordo com o Gráfico 03 – Alunos distribuídos por sexo –, 33% dos alunos pertencem ao gênero masculino e 67% ao gênero feminino.

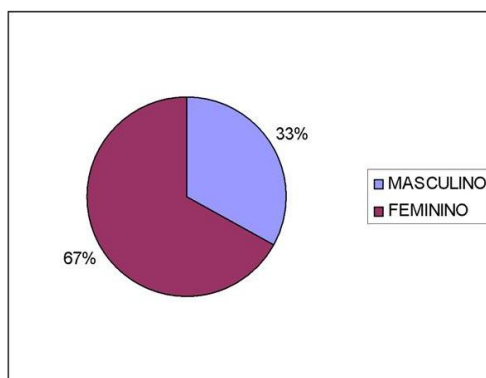


GRÁFICO 03 – Alunos distribuídos por sexo

Esses dados mostram o perfil dos alunos participantes da pesquisa distribuídos quanto à série em curso, à idade e ao sexo. Outros fatores se inserem na base sociocultural que os compõem. Dentre estes fatores destacamos:

- a) Profissão dos pais: comerciante, electricista, carpinteiro, funcionário público, vigilante, músico, professor, montador de móveis e dona de casa foram as profissões citadas pelos alunos participantes;
- b) Renda mensal familiar: dos 15 alunos, 09 informaram que a renda mensal de suas famílias se encontra entre dois e quatro salários mínimos, 05 alunos marcaram a opção um salário mínimo e 01 aluno não informou;
- c) Atividade remunerada: 12 alunos afirmaram não exercerem nenhuma atividade remunerada e 03 informaram que exercem, sendo: eventualmente (01), em tempo integral (01) e em tempo parcial (01);

- d) Estabelecimento de ensino em que cursaram o fundamental e cursam o médio: com relação ao ensino médio, os 15 afirmaram está cursando apenas em escolas públicas e em se tratando do ensino fundamental, 08 apenas em escolas públicas, 03 maior parte em escolas particulares, 02 maior parte em escolas públicas, 01 só em particulares e 01 marcou a opção Outros.

Esses dados foram retirados dos Questionários socioculturais: questionário aplicado com os alunos participantes na realização do primeiro encontro, como nos mostrará a discussão contida no tópico que segue.

1.2.4 Os procedimentos implicados

A geração de dados se deu em conformidade com os procedimentos da pesquisa de natureza qualitativa e, nestas condições, o levantamento destes dados incluiu: sequência didática, questionário, materiais para ensino-aprendizagem e a criação de um *blog*.

Como forma de documentar a pesquisa realizada, é oportuno mencionar que, durante os encontros, foram feitas gravações em áudio das interações entre o pesquisador e os alunos participantes, como também estes encontros foram registrados em fotos que, inclusive, alguns momentos podem ser conferidos no Anexo B – Fotos.

1.2.4.1 A sequência didática desenvolvida

A sequência didática desenvolvida na pesquisa (ver Apêndice A) surgiu da necessidade de se investigar a relação entre novas tecnologias, comunicação e educação, bem como de proporcionar ao aluno do ensino médio, dentro de um contexto didático, o acesso à produção jornalística realizada no ciberespaço, fazendo com que este aluno se mantenha informado a partir dos recursos disponibilizados pela *Web*.

Assim, esta prática de ensino partiu da tentativa de levar para o espaço educacional os gêneros textuais da esfera jornalística, no sentido de estimular a criticidade do aluno e, conseqüentemente, formar cidadãos reflexivos.

Para a realização das leituras dos conteúdos jornalísticos seleciona-

mos os seguintes portais de jornalismo digital (jornalismo *on line* e web-jornalismo²):

PORTAIS JORNALÍSTICOS UTILIZADOS NAS AULAS COM OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
	http://www.paraiba1.com.br/
	http://www.portalcorreio.com.br/portalcorreio/home.asp
	http://www.pbja.com.br/
WEBJORNALISMO	http://www.maispb.com.br/
	http://www.pbagora.com.br/
	http://www.paraibaonline.com.br/
	http://www.iparaiba.com.br/
JORNALISMO	http://www.portalcorreio.com.br/tv/
<i>on line</i>	http://www.paraiba.tv.br/site/

QUADRO 01 – Portais jornalísticos utilizados na sequência didática desenvolvida

A escolha pela produção jornalística veiculada no ciberespaço, e de cunho político, justifica-se por tentar estimular no aluno o hábito de fazer do ambiente virtual uma oportunidade eficaz de busca de informação. Esta proposta sustenta-se, também, pelo compromisso da educação em unir as ferramentas tecnológicas como fontes pedagógicas de construção do conhecimento, conforme já mencionado na página 18 deste trabalho.

Do ponto de vista temporal, a delimitação do conteúdo jornalístico vinculado à editoria política está relacionada ao fato de, à época, estarmos vivenciando, em nível nacional, as Eleições 2010 para Presidente da República, Governadores, Senadores e Deputados Estaduais e Federais.

Para as matérias postadas no *blog* selecionamos, apenas, as que trataram do jornalismo político em âmbito estadual, principalmente as relacionadas às campanhas dos candidatos ao governo do Estado da Paraíba. Salvo uma situação em que destacamos a cobertura da im-

² As noções de jornalismo *on line* e webjornalismo serão discutidas no Capítulo III – Jornalismo Digital: a produção e a circulação de informações no ciberespaço.

prensa paraibana sobre a eleição do humorista Tiririca no Estado de São Paulo.

1.2.4.1.1 O relato dos encontros realizados

(1º Encontro – 16/09/2010)

O primeiro encontro teve o objetivo de promover uma discussão sobre o uso dos gêneros digitais nas práticas sociais contemporâneas e identificar qual(is) a(s) concepção(ões) de mídia dos alunos. Para tanto, através de textos diversos, foi feita uma discussão sobre as características que definem a interação no ciberespaço e a relação entre mídia e sociedade.

Ainda nesse encontro, os alunos responderam ao questionário sociocultural (Apêndice B) e foram familiarizados com o *blog* JORNALISMO.COM: um espaço reservado para a leitura de textos jornalísticos da esfera política, postagens de comentários escritos e das produções textuais dos alunos.

Como alternativa de fixar o conteúdo, foi solicitado aos alunos uma atividade de produção textual cujo tema de discussão era um comentário sobre a relação entre mídia e sociedade, conforme Apêndice C – Materiais utilizados nos encontros.

Compareceram nessa aula os 15 alunos que representam a totalidade dos participantes da pesquisa.

(2º e 3º Encontros – 23 e 28/09/2010)

No segundo encontro compareceram, apenas, 03 alunos. O expressivo número de ausentes deveu-se a uma viagem que a escola fez para a cidade de Olinda – Pernambuco.

Nessas condições, resolvemos aumentar o número de encontros de quatro para cinco, de modo que a discussão feita no dia 23/09/2010 fosse realizada, também, com os demais alunos no dia 28/09/2010, aula em que compareceram 12 participantes.

Assim, os três alunos que tinham participado da aula anterior puderam intensificar suas produções com comentários escritos das postagens extraídas de portais jornalísticos e postadas no *blog* JORNALISMO.COM.

Os objetivos desses encontros, de acordo com o Apêndice A – Sequência didática – eram refletir sobre o jornalismo digital nas perspectivas do jornalismo eletrônico, multimídia, ciberjornalismo, jornalismo online e webjornalismo, introduzir as noções linguístico-funcionais dos gêneros notícia e reportagem e identificar ideologias em textos da editoria política de portais de conteúdo jornalístico.

No sentido de atingir esses objetivos foram feitos estudos sobre a multimodalidade presente nos textos do ciberespaço, enfatizando a natureza verbo-voco-visual típica do suporte eletrônico, por meio de práticas de leituras.

Também mostramos, em situações efetivas de comunicação, o discurso de sujeitos que interagem a partir de condições de produção específicas e conduzimos os alunos a opinarem, oralmente e por escrito, a respeito do conteúdo divulgado nos textos lidos. Ainda orientamos a atividade de escrita dos gêneros notícia e reportagem, conforme Apêndice C – Materiais utilizados.

Outro fato relevante a ser destacado diz respeito a, no questionário sociocultural (Apêndice C), termos verificado que nenhum dos alunos participantes marcou a opção jornal impresso quando perguntados sobre “qual é o meio utilizado por você para se manter informado(a) sobre os acontecimentos atuais”.

Diante desse dado, como forma de estimularmos uma experiência pedagógica de contato desses alunos com o jornal impresso, solicitamos que apontassem as características linguístico-funcionais dos gêneros de texto em estudo.

Os alunos puderam manusear exemplares de jornais e, oralmente, expuseram com êxito tais características, como nos mostra a discussão contida no Capítulo V – Jornalismo digital na escola: narrativas de uma prática educacional.

Com essa atividade reconhecemos que fugimos do suporte midiático foco de nossa atenção – o jornalismo digital. Mas, como não estamos presos a uma sequência didática entendida como estanque ou rígida, achamos oportuno flexibilizar a prática educacional em desenvolvimento e, com isto, como se diz em linguagem dos cerimoniais, “quebramos o protocolo”.

(4º Encontro – 05/10/2010)

Neste momento tivemos o objetivo de refletir sobre a *Internet* vista como um espaço de entretenimento e de informação, bem como discutir sobre a escrita e a reescrita das produções textuais dos alunos.

Para alcançar esses objetivos realizamos uma coletivização oral das produções escritas e, de acordo com as necessidades sugeridas, solicitamos atividades de reescrita. A partir de práticas de leituras de gêneros jornalísticos, mostramos a importância da formação de um sujeito crítico e realizamos uma discussão sobre a função social da *Internet* como um veículo propagador de cultura, entretenimento, informação e cidadania.

Desse modo, estimular a concepção de que a *Internet* pode ser usada como um espaço de construção de conhecimento e de busca de informação reforçou o objetivo deste encontro, que reuniu 10 alunos participantes.

(5º Encontro – 07/10/2010)

Este último contato com os alunos objetivou, conforme o Apêndice A – Sequência didática – identificar a repercussão do resultado das Eleições 2010 na semântica dos textos circulados em portais de conteúdo jornalístico, socializar/avaliar o trabalho desenvolvido durante os encontros anteriores e oportunizar uma avaliação crítica das atividades desenvolvidas ao longo das quatro semanas.

Para tanto, realizamos uma discussão que retomou os objetivos geral e específicos da pesquisa (ver página 19) e aplicamos uma avaliação que resgatou o conteúdo ministrado, especificamente sobre a relação entre mídia e sociedade.

Compareceram na oportunidade 10 alunos que, ainda, fizeram as últimas postagens de comentários escritos solicitadas sobre os textos da editoria política e produziram uma avaliação crítica do trabalho desenvolvido nas quatro semanas de aplicação da pesquisa.

1.2.4.2 O questionário

O questionário é um instrumento de pesquisa que se caracteriza por conter itens ordenados e bem apresentados. “Ao elaborar um questionário, deve ser observada a clareza das perguntas, tamanho, conteúdo e organi-

zação, de maneira que o informante possa ser motivado a respondê-lo” (SANTOS, 2005, p. 232).

Ainda segundo o autor, esse instrumento pode ser classificado em *aberto*, quando as perguntas permitem ao informante dar respostas livremente, *fechado*, quando há possibilidade de uma ou mais respostas apresentadas no próprio questionário, e *aberto-fechado*, quando há a junção destas duas classificações.

Nessa pesquisa, o questionário elaborado (ver Apêndice B) se aproxima do *aberto-fechado*, por conter perguntas dessas duas naturezas e, do ponto de vista da aplicação, ter adotado o contato direto, que permite ao pesquisador explicar, no momento adequado, os objetivos do estudo e, possivelmente, dirimir as dúvidas dos informantes.

1.2.4.3 Os materiais para ensino-aprendizagem

Para o desenvolvimento das aulas foram elaborados materiais de ensino-aprendizagem que, didaticamente, funcionaram como uma possibilidade de ilustração do que era ministrado nos encontros e ainda tiveram o objetivo de documentar os conteúdos.

Os materiais podem ser verificados no Apêndice C – Materiais utilizados nos encontros. Os enunciados das atividades práticas de produção textual estão presentes nestes materiais.

1.2.4.4 A criação do *blog*

O *blog* JORNALISMO.COM³, para esta pesquisa, representou um instrumento relevante à construção do conhecimento. Revestido do aparato dinâmico e hipertextual do discurso eletrônico, funcionou como o espaço em que eram postadas as matérias extraídas das editorias políticas de portais jornalísticos e, em seguida, os alunos participantes produziam os comentários textuais relacionados às leituras.

³ O endereço eletrônico do *blog* é:

<http://jornalismopontocom.blogspot.com/>.

O trabalho desenvolvido com o *blog* será melhor apresentado e discutido no Capítulo V – Jornalismo digital na escola: a leitura/produção de textos e a construção de sentidos no ciberespaço.

No *blog*, encontram-se as produções textuais (notícias e reportagens) dos alunos, fotos e vídeos dos encontros, bem como as reflexões que estes colaboradores fizeram sobre mídia e sociedade.

Metodologicamente, a pesquisa foi realizada seguindo os passos destacados neste capítulo. A seguir, faremos uma discussão teórica sobre a relação dialógica existente entre Educação e Comunicação, o que resultou na produção do Capítulo II – Educomunicação: por uma educação midiática e uma mídia educativa.

2 EDUCOMUNICAÇÃO: POR UMA EDUCAÇÃO MUDIÁTICA E UMA MÍDIA EDUCATIVA

Sem um mergulho no mundo da mídia, seus contrastes, suas contradições, o educador não terá condições de “reeducar” seus estudantes para a autonomia de si, condição para a consciência crítica face à sociedade em que transita.

(JAMIL CURY, 2008)

A discussão que norteia este capítulo refere-se ao papel da Educomunicação no contexto da formação de sujeitos críticos diante de sua realidade social. Neste sentido, partindo do conceito desta área do conhecimento, objetivamos dialogar sobre a importância de práticas educacionais para a construção de uma sociedade mais participativa e, como consequência, mais consciente.

Essa formação no âmbito educacional se desenvolve, acreditamos, a partir de iniciativas didáticas que contemplem um ensino aproximado de efetivas práticas sociais e, por sua vez, distanciado de atividades descontextualizadas, oriundas de uma concepção tecnicista de práticas pedagógicas.

Formação, na concepção aqui defendida, implica propiciar um ensino que vise formar criticamente o cidadão, o que justifica um dos pilares da Educomunicação. Deste modo, os liames entre Educação e Comunicação constituem o que iremos abordar nos tópicos a seguir.

2.1 Educomunicação: uma prática com diferentes acessos

A construção do conhecimento inserida em uma formação plural mostra os interesses do sistema educacional. Estabelecer a relação entre Educação e Comunicação pode ser o caminho na busca por condições de ensino-aprendizagem que promovam o desenvolvimento humano. Dentre estas condições, é possível citar o uso de materiais midiáticos como instrumentos pedagógicos.

A Educomunicação, área do conhecimento que estabelece o diálogo entre Educação e Comunicação, enfatiza a produtividade da utilização

de meios da esfera midiática como suportes didáticos. A ênfase está na preocupação em desenvolver no aluno a capacidade de se posicionar criticamente diante da sua realidade social.

Trazer para o espaço escolar o uso de recursos midiáticos justifica-se pela necessidade de refletir sobre Educação e Comunicação, visto que ambas instâncias letradas, escola e mídia, buscam informar o indivíduo na perspectiva da formação, da construção identitária de um sujeito que pensa e que age ativamente na sua sociedade. Esta prática reforça a função pedagógica emitida pela produção de conteúdos informativos em textos midiáticos e estimula a formação de um sujeito crítico-reflexivo, emancipado, objetivo principal da Educação.

Trata-se de uma proposta renovadora de ensino que acentua os objetivos do movimento iniciado na década de 70 do século XX de renovação básica da Educação. Este movimento caracterizou-se por reconhecer o papel ativo que estudantes e educadores podem exercer no processo educacional. Desta forma, entende-se a Educação como um processo mútuo de construção de conhecimento, cujas bases estão alicerçadas nas contribuições provenientes das experiências de vidas dos professores e dos alunos.

De acordo com Sena (2009), as atividades desenvolvidas no âmbito da Educação precisam considerar as diferentes dimensões formadoras dos seres humanos, dentre elas, a mídia. Neste sentido, a realização de projetos educacionais tem por referência o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, o que adiciona à escola uma proposta de natureza multi e transdisciplinar. *Multi*, devido ao fato de coexistir a multiplicidade de saberes que estão na base sociocognitiva do indivíduo. *Trans*, pela aceitação de que os limites específicos das disciplinas podem ser extrapolados em função do diálogo que rompe barreiras e que cumpre com a ampliação didática de saberes.

A Educomunicação constitui-se numa abordagem do uso das diferentes mídias na Educação, na tentativa de oportunizar uma aprendizagem significativa. Ela representa uma prática pedagógica mediatizada que oferece um processo de elaboração do conhecimento pautado na interação entre professor, alunos e mídia.

“A mídia-educação, ou educomunicação, tem como meta educar criticamente para a leitura dos meios de comunicação” (GAIA, 2001, p. 15). Para a autora, “ao usar a mídia em seu cotidiano, o educador tem

em mãos assuntos diversificados que permitem contemplar discussões sobre a sociedade na qual estamos inseridos” (GAIA, 2001, p. 16).

Dentro desse contexto, percebemos que a Educomunicação se desenvolve a partir de um espaço teórico capaz de fundamentar práticas que estimulem a formação de sujeitos reflexivos e cidadãos críticos⁴. Em outras palavras, significa transformar, didaticamente, a informação midiática em conhecimento de conteúdo informacional⁵.

São oportunas as palavras de Melo e Tosta (2008) quando afirmam:

com base na reflexão e partindo do pressuposto de que uma das principais funções da educação é formar a consciência crítica do indivíduo, sendo que ensinar não é transferir conhecimento simplesmente, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção, reafirmamos que se faz necessário, nos tempos atuais, pensar a Educação com uma perspectiva comunicativa. (MELO; TOSTA, 2008, p. 60)

Acreditamos que levar para Educação ou para o processo de ensino-aprendizagem ferramentas da esfera midiática corresponde ao mesmo que apresentar ao educando um horizonte de perspectiva vinculado à concepção transdisciplinar. Daí, uma prática com diferentes acessos, o que ratifica o subtítulo deste tópico.

Desse modo, as disciplinas do currículo escolar do Ensino Básico devem relacionar-se com temas variados, buscando a inserção de projetos voltados à aquisição de conhecimentos oriundos da informação contida nos espaços midiáticos.

Para Drigo (2009), há a necessidade de se fazer da escola

⁴ A noção de criticidade e a formação de sujeitos críticos serão discutidas ainda neste capítulo, no tópico 2.4 – O que significa (in)formar sujeitos críticos?.

⁵ A ideia de transformar para construir contrapõe a de transposição didática entendida como ação de transpor conhecimentos através de mediações sociais. O que se objetiva não diz respeito a uma simples transposição de instâncias socialmente distribuídas e localmente situadas – a Educação e a Comunicação (Mídia). Consiste em práticas reflexivas no trato com o conteúdo midiático, de modo a fazer com que os alunos sejam orientados a fazerem leituras críticas do que está sendo circulado pela mídia. A noção de transposição didática por nós entendida está explicitada na nota 20, contida na página 50.

um espaço propício para suscitar aprendizagens, capaz de envolver a atualização da inteligência coletiva, a qual corresponde a uma espécie de rede de significados instaurada, em que os nós são formados pelas inteligências individuais. Essa tessitura é tanto mais consciente quanto maior for a potencialidade dos signos e a capacidade dos nós para desvelar interpretantes. (DRIGO, 2009, p. 37)

Para que se desenvolva esse nível de aprendizagem, faz-se necessário um comprometimento dos educadores em traçar objetivos que contemplem, nas suas ações pedagógicas, um ensino contextualizado, realizado de modo a alcançar, através de estratégias dinâmicas, o pensamento reflexivo do aluno diante de suas realidades social, histórica, econômica, geográfica, linguística, dentre outras.

A inserção – quando logicamente inserida – dos recursos midiáticos nos processos de ensino-aprendizagem pode favorecer o desenvolvimento de uma Educação emancipatória. Esta é uma das finalidades de projetos na área da Educomunicação, uma prática que aglutina inteligências individuais e sociais em prol da organização educacional mais próxima de situações reais de construção do conhecimento.

O verbo emancipar é o mesmo que eximir, tornar independente ou libertar. Por Educação emancipatória entendemos como sendo aquela que se vincula, fortemente, à perspectiva libertadora de Paulo Freire. Em outras palavras, constitui-se como sendo uma impulsionadora da Educação concebida enquanto instância humanizadora de mobilização de saberes.

Em artigo publicado em maio de 2009 no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), a então estudante do 5º período de Jornalismo da Universidade Presbiteriana de Mackenzie, Flávia Prado Domingos da Silva, discute os princípios da Educomunicação através dos seguintes eixos norteadores:

- a) *Alteridade* – a busca pelo “olhar sobre o outro” isento de todo e qualquer preconceito;
- b) *Conscientização social* – construção de uma leitura crítica dos conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação de massa;

- c) *Integração social* – conectar as minorias e grupos marginalizados à sociedade;
- d) *Cidadania* – conceito que determina os deveres e direitos do indivíduo na sua construção moral;
- e) *Relações colaborativas entre sociedade e indivíduo* – envolvimento de trocas entre as duas instâncias citadas;
- f) *Processo educativo como espaço público* – trata-se da multidisciplinaridade de espaços modernos e socialmente situados;
- g) *Aprendizado como processo coletivo* – a Educação vista como um processo feito em grupo, valorizando a visão de diferentes ideias e
- h) *Democratização dos meios de comunicação* – resultado esperado de todas as ações anteriormente citadas.

Tais princípios reforçam a perspectiva da Educomunicação como uma prática integralizadora de conhecimentos, o que motiva pensar nesta interrelação existente entre a escola e outras linguagens, dentre elas, a midiática.

Para tanto, sugere-se aos profissionais da Educação e da Comunicação esforços que rompam barreiras e alcancem, significativamente, indivíduos ansiosos, conforme Silva (2009), por aprenderem e apreenderem culturas de acesso aos pensamentos altero, consciente, integrado, cidadão, colaborativo, educativo, coletivo e democrático.

Nesses termos, situamos as contribuições do professor e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), Ismar de Oliveira Soares. No Brasil, o professor Ismar é o pioneiro a definir a Educomunicação como um campo de intervenção social. Para tanto, os seus estudos organizaram este campo em cinco categorias de atuação ou sub-áreas: 1) educação para a comunicação, 2) mediação das tecnologias na educação, 3) gestão da comunicação nos espaços educativos, 4) da reflexão epistemológica e 5) expressão comunicativa através das artes.

Na sub-área 1 – educação para a comunicação – o objetivo é formar o receptor para leitura e análise críticas dos meios de comunicação de

massa. “A formação do cidadão crítico em contraposição ao consumidor inocente sugere estratégias para adaptar a escola aos novos tempos” (MACHADO, 2003, p. 52).

A sub-área 2 – mediação das tecnologias na educação – consiste no uso das tecnologias da informação nos processos educativos, no sentido de estabelecer o diálogo entre as problematizações da contemporaneidade como fator de interferência na percepção do homem e da técnica.

Com relação à sub-área 3 – gestão da comunicação nos espaços educativos – destacamos a noção de ecossistemas comunicacionais: resultado da dialogia entre comunicação ↔ cultura ↔ educação. Assim, o planejamento, a execução e a avaliação de projetos educativos passam por intervenções sociais culturalmente situadas.

A sub-área 4 – da reflexão epistemológica – diz que os estudos da comunicação e educação necessitam de aportes teóricos de fenômeno cultural emergente no campo acadêmico. Segundo Machado (2003), para o professor Ismar Soares esta sub-área compreende que os estudos educomunicativos podem ser processos mediáticos transdisciplinares e interdiscursivos.

Já a sub-área 5 – expressão comunicativa através das artes – estimula o desenvolvimento da capacidade criadora e expressiva dos jovens. Este desenvolvimento da capacidade criadora “espera que o jovem consiga expressar seus desejos, angústias, visões de mundo e mais especificamente da comunidade em que pertence” (MACHADO, 2003, p. 54).

Esta pesquisa se aproxima da sub-área 2 – mediação das tecnologias na educação – por compreender como objeto de investigação as mediações sociais de práticas jornalísticas realizadas em suportes tecnológicos, como é o caso do jornalismo digital. Vale considerar, também, que apesar de didaticamente Ismar Soares estabelecer essas cinco categorias, defendemos a perspectiva de que as atividades no campo da Educomunicação podem ser vistas pelo entrelaçamento destas cinco sub-áreas.

2.2 Visão panorâmica da Educomunicação no Brasil: um caminho em construção

Toda e qualquer área do conhecimento surge a partir de questionamentos que tentam responder indagações sobre determinados fenômenos.

Estes questionamentos, metodologicamente aplicados, geram conhecimentos que vão sendo construídos ao longo do tempo, promovendo os desenvolvimentos científico e humano.

É pensando na linha do tempo que situamos, no Brasil, a cronologia dos precursores da Educomunicação⁶. Os dados aqui apresentados – 1923-1971 – foram retirados de Melo e Tosta (2008, p. 94-96)⁷.

Em 1923, Roquette-Pinto fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (atual Rádio MEC) com o objetivo de educar a sociedade e popularizar a cultura e, em 1927, lançou o livro “*Seixas Rolados*”, incluindo textos contendo ideias educacionais. No ano de 1929, Fernando de Azevedo instituiu a utilização do cinema educativo na rede de ensino primário do Rio de Janeiro.

Contando com a ajuda de Roquette-Pinto, na década de 30, Anísio Teixeira fundou na capital fluminense a Rádio Escola Municipal. Em 1939, o professor Guerino Casasanta lançou o livro “*Jornais Escolares*”, fundamentado nas propostas pedagógicas de Dewey e Freinet.

No ano de 1945, Benjamin do Lago dirigiu o projeto Universidade do Ar, caracteristicamente parecido com uma radioescola. Ainda na década de 40, Álvaro Salgado publicou o estudo “*A radiodifusão educativa no Brasil*”.

Em 1955, Tasso Vieira de Faria lançou a coletânea “*Elementos psicopedagógicos e os meios de informação*”. Esta coletânea destinou-se a sensibilizar os futuros jornalistas para a função educativa da mídia.

1963 foi o ano em que Paulo Freire e sua equipe divulgaram na revista “*Estudos Universitários*” a fundamentação teórica e as diretrizes pedagógicas para o diálogo entre Educação e Comunicação. Tais diretrizes projetaram os princípios freireanos de pedagogia humanizada em escala internacional. As obras “*Extensão e Comunicação*” e “*Pedagogia da Pergunta*” representam um marco na discussão dialógica que reúne as duas áreas do saber notabilizadas pelo autor.

No ano de 1965, a professora Alfredina Paiva e Souza publicou o “*Relatório da TV Escola*”, com a finalidade de avaliar a experiência carioca de ensino pela televisão. No ano de 1967, Irene Tavares de Sá lançou o livro “*Cinema e educação*”, que serviu de referência bibliográfica para professores de todo o país.

⁶ Do original, Educomídia (MELO; TOSTA, 2008, p. 94-96).

⁷ Recomendamos a leitura na íntegra desta obra.

Em 1970, Anísio Teixeira publicou a resenha antológica “*O pensamento precursor de McLuhan*” na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Nesta resenha, Teixeira descreveu a forma com que McLuhan explicou o papel das tecnologias na variação de sentidos e na harmonização da percepção e do existir humanos. No ano 1971, Lauro Oliveira Lima publicou o ensaio “*Mutações em educação segundo McLuhan*” que contribuiu com a neutralização do preconceito dos educadores ao sistema midiático.

O professor Ismar Soares é um dos nomes representativos da Educomunicação no Brasil, sendo considerado um importante pesquisador do campo educativo. Dentre suas obras destacamos “*Comunicação e criatividade na escola*” (1990), “*Do santo ofício à libertação*” (1988), “*Para uma leitura crítica dos jornais*” (1984) e “*Juventude e dominação cultural*” (1982).

Também destacamos as contribuições da professora Maria Aparecida Baccega com a publicação de artigos para a revista da Escola de Comunicação e Artes da USP “*Revista Comunicação & Educação*”, especificamente a de Nº 19 (2000), bem como José Manuel Moran que em 1993 publicou, dentro de uma proposta educacional, o livro “*Leitura dos Meios de comunicação*”.

Um dos primeiros teóricos brasileiros a demonstrar interesse com práticas educacionais foi José Marques de Melo, especificamente com a leitura do jornal na escola enquanto estímulo à cidadania. Podemos destacar, ainda no início da década de 80, o seu artigo “*Presença do jornal na escola: iniciação ao exercício da cidadania*”.

A contribuição de José Marques de Melo serviu de base para outros estudiosos, dentre eles Maria Alice Faria e Gilberto Dimenstein. Ela, no início dos anos 90, publicou o livro “*Como usar o jornal na sala de aula*” – livro que em 2003 alcançou a sua 8ª edição. Ele, em 1999, lançou o livro “*O cidadão de papel*” que discute a função do jornal no contexto de práticas escolares e na formação de cidadãos.

No início do século XXI, destacamos a dissertação de Mestrado Acadêmico intitulada de “*O jornal impresso na escola: possíveis caminhos para a cidadania*”, defendida pela jornalista Rossana Viana Gaia, no ano de 2001, através do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação do Profº Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado.

Em sua pesquisa, Gaia investigou a utilização do jornal impresso na sala de aula como um elemento construtor da cidadania. Os resultados obtidos com a realização de seu trabalho acadêmico foram publicados, ainda em 2001, no livro “*Educação & Mídias*”, graficamente distribuído pela Editora da Universidade Federal de Alagoas.

Particularmente, em 2006, enquanto estudante de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), também tive a oportunidade de, na graduação, dar os meus primeiros passos em práticas educacionais. Em parceria com Michelle Ramos Silva, à época, também graduanda em Letras, realizamos as atividades do Componente Curricular Prática Pedagógica III, semestre letivo 2006.1, sob orientação acadêmica do Professor Mestre Ivandilson Costa.

Realizada com alunos de uma turma de Ensino Supletivo (9º ano – Noite), da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Sebastião, localizada na cidade de Campina Grande, esta prática teve como objetivo proporcionar a inserção de atividades de escrita, através da leitura e da produção escrita de classificados do jornal impresso. Os resultados alcançados neste trabalho foram publicados, em 2008, nos anais da XIV Semana de Letras da UEPB – Linguagens e Estudos Culturais: Convergências e Divergências.

Também destacamos, no âmbito dessa vertente teórica, as recentes publicações dos livros: “*Mídia & Educação*” (2008), pela Editora Autêntica, dos autores José Marques de Melo e Sandra Pereira Tosta e “*Mídia e Educação*” (2010), pela Editora Contexto, de Maria da Graça Setton. Em ambas as obras, a relação entre Educação e Comunicação gira em torno dos papéis pedagógico e ideológico das mídias inseridos nos espaços educativos, de modo particular nos espaços de Educação formal.

No que se refere a eventos acadêmicos que têm como objetivo primário ou secundário discutir sobre Educomunicação, citamos o da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) e o Encontro Brasileiro de Educomunicação. Este último é promovido pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

Não podemos deixar de mencionar, ainda, a criação pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) do curso de Comunicação Social com habilitação em Educomunicação, o único na Região Nor-

deste. Vinculado à Unidade Acadêmica de Arte e Mídia, o curso funciona nos períodos diurno e noturno, oferecendo, anualmente, 80 vagas.

Conforme a minuta do projeto de implantação, criada, inclusive, com a parceria acadêmica de pesquisadores da UEPB como Dr. Luiz Custódio da Silva e Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento, a graduação se constrói através de uma proposta de formação que busca o desenvolvimento, no aluno-acadêmico, da consciência crítica da própria atividade profissional e de uma visão científica da realidade, tornando-o um agente potencial de mudança e transformação social⁸.

Uma das principais finalidades do curso é a valorização de uma perspectiva pedagógica centrada na autonomia intelectual e profissional do aluno, habilitando-o para o exercício profissional e para a produção de conhecimento na área e domínio de tecnologias.

Diante do exposto, é possível afirmar que a Educomunicação é uma área que possui um histórico relevante. Novos trabalhos neste campo do conhecimento convidam pesquisadores a realizarem ações científicas que aproximem a essência formativa da Educação à natureza informativa da Comunicação.

2.3 Educação e Comunicação: faces e interfaces

2.3.1 A Educação

Como sabemos através da História da Educação, no Brasil, o sistema educacional surge para reforçar os alicerces fundamentados na racionalidade iluminista: sequencial, ordenada e sistemática. Se tomarmos como referência os estudos da linguagem humana, as discussões sobre a origem da Gramática Tradicional afirmam que esta perspectiva no trato com a língua deriva de uma tradição de base filosófica que se iniciou na Grécia Antiga.

Essa tradição considera a gramática como um estudo relacionado à disciplina filosófica da lógica, oriundo das leis de elaboração do raciocínio. Segundo esta visão, a linguagem é um reflexo da organização interna – unicamente cognitiva – do pensamento humano.

⁸ Para mais informações sobre a estrutura do curso e seus objetivos norteadores visite o site <http://www.educom.ufcg.edu.br/>.

Melo e Tosta (2008) fazem menção ao início do processo educacional no Brasil:

Os chamados “sistemas nacionais de ensino”, como se apresentam para nós na atualidade, datam de meados do século XIX e foram inspirados no princípio iluminista de que a educação é um direito de todos e um dever do Estado. Esse direito decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da burguesia, a nova classe que se consolidava no poder. Para superar a situação de opressão própria do Antigo Regime e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado livremente entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância, transformando os súditos em cidadãos. A forma de se alcançar tal objetivo era por meio do ensino formal. (MELO; TOSTA, 2008, p. 15-16)

Desse modo, no século XIX, os objetivos da escolarização fundamentavam-se na generalização do acesso à cultura – para livrar os súditos da ignorância, tornando-os cidadãos. A escola, neste sentido, emerge da tentativa de se livrar da ignorância. Logo, ignorância é tomada como tudo o que foge à razão humana, que não pode ser mensurado pela lógica, pela homogeneidade da ordem, do sistema, do formal.

Para o desenvolvimento dessa escolarização, conhecida como *Pedagogia Tradicional* (Herbart 1776-1841)⁹, foram formadas classes com um professor expondo lições. Nesta perspectiva, apenas o professor tem a voz em sala de aula e é a única pessoa autorizada a expor conhecimento. Trata-se de um ensino unilateral.

Com o passar dos anos, percebeu-se que as práticas tradicionais de ensino não estavam dando um resultado significativo ao sistema educacional, pois não conseguiam ser universal e homogênea, proposta de cunho sistemático e não recursivo.

Ainda no século XIX surge a *Escola ou Pedagogia Nova* (Dewey 1859-1952)¹⁰, a divisora de águas para a História da Educação. O aluno

⁹ Johann Friedrich Herbart: filósofo alemão que tem como maior legado a aplicação da doutrina pedagógica em sala de aula.

¹⁰ John Dewey: filósofo e pedagogo norte-americano conhecido por difundir a ideia

e sua aprendizagem passam a ser os “protagonistas” das questões relacionadas ao ensino – até então o centro era o professor e suas técnicas/doutrinas.

Nessa época, as contribuições dos pedagogos Vygotsky (1896-1934) e Freinet (1896-1966) foram relevantes aos avanços da Educação. Vygotsky¹¹ realizou um estudo a partir da concepção de que o desenvolvimento do indivíduo é fruto de um processo sócio-histórico, o que enfatiza, nestas condições, o papel da linguagem humana na aprendizagem. Sua teoria pode, didaticamente, ser resumida pela frase: a aquisição do conhecimento desenvolve-se pela interação do sujeito com o meio.

Freinet¹², por sua vez, trouxe uma pedagogia que despertasse nos alunos à leitura crítica dos meios de comunicação de massa. É importante ressaltar que na época deste pedagogo francês só existia o jornal impresso como meio de comunicação de massa.

Destacamos, nesse momento, a *Pedagogia Libertadora* difundida por Paulo Freire (1921-1997)¹³. As contribuições freireanas residem em trazer para a Educação o estímulo à ação e à reflexão sobre. Nas palavras de Melo e Tosta (2008), dialogar com Paulo Freire “exige uma abertura constante para o novo, para o inventivo e para a esperança crítica comprometida com uma educação voltada para o desenvolvimento integral do ser humano” (MELO; TOSTA, 2008, p. 19).

Como forma de apresentar as principais características das Pedagogias Tradicional, Nova e Libertadora reproduzimos o Quadro 01 extraído de Melo e Tosta (2008, p. 20).

básica do pensamento de que a educação está centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno.

¹¹ Lev Vygotsky: pedagogo russo que trouxe a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal – refere-se à diferença entre o que a criança consegue realizar sozinha e aquilo que, embora não consiga realizar sozinha, é capaz de aprender e fazer com a ajuda de uma pessoa mais experiente.

¹² Célestin Freinet: pedagogo francês que, segundo Melo e Tosta (2008), na História da Educação, é o nome mais representativo pela busca do diálogo entre Educação e Comunicação.

¹³ Paulo Freire: educador brasileiro cujas contribuições vinculam-se ao campo da educação popular para a alfabetização e à conscientização política de jovens e adultos operários.

Pedagogia Tradicional (Herbart)	Pedagogia Nova (Dewey)	Pedagogia Libertadora (Freire)
Preparação	Atividade	Pesquisa
Apresentação	Problema	Temas geradores
Associação	Dados do problema	Problematização (diálogo)
Generalização	Hipótese	Conscientização
Aplicação	Experimentação	Ação social

QUADRO 02 – Características das Pedagogias Tradicional, Nova e Libertadora

Como vimos no Quadro 01 – Características das Pedagogias Tradicional, Nova e Libertadora –, a Pedagogia Tradicional pode ser entendida como uma prática educativa fortemente influenciada pela relação unilateral de ensino, em que o professor prepara a aula, apresenta (ex-põe) e faz os alunos aplicarem em exercícios o que aprenderam.

Nesse sentido, os alunos aprendem e aplicam¹⁴ os conhecimentos dentro de uma perspectiva autônoma de letramento¹⁵. Do ponto de vista

¹⁴ Utilizamos os verbos no presente por cremos que ainda existam práticas educacionais vinculadas à Pedagogia Tradicional.

¹⁵ Kleiman (1995), com base em Street (1984), distingue dois modos de se pensar o letramento que aparecem nas pesquisas das últimas três décadas: o “modelo autônomo” e o “modelo ideológico”. O “modelo autônomo” define-se, principalmente, por pressupor uma maneira única e universal de desenvolvimento do letramento, quase sempre associada a resultados e efeitos civilizatórios, de caráter individual (cognitivos) ou social (tecnológicos, de progresso e de mobilidade social, oriunda da tradição de base filosófica). O “modelo autônomo” refere-se ao fato de que a escrita, por exemplo, seria um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado, partindo do princípio de que, independentemente do contexto de produção, a língua tem uma autonomia (resultado de uma lógica intrínseca) que só pode ser apreendida por um processo único, normalmente associado ao sucesso e desenvolvimento próprios de grupos “mais civilizados”. Já o “modelo ideológico” afirma que as práticas de letramento (“*literacies*”) são social e culturalmente determinadas e, portanto, assumem significados e funcionamentos específicos de contextos, instituições e esferas sociais onde têm lugar. Segundo Kleiman (1995), o modelo ideológico “não pressupõe [...] uma relação causal entre letramento e progresso ou civilização, ou modernidade, pois, ao invés de conceber um grande divisor entre grupos orais e letrados, ele *pressupõe a existência e investiga as características, de grandes áreas de interface entre práticas orais e letradas*” (KLEIMAN, 1995, p. 21, grifos da autora). Consequentemente, ao contrário do modelo autônomo,

da interação, é unilateral, como dissemos anteriormente, pelo fato de que, dentro deste contexto, o professor se estabelece como um agente ativo não influenciado pelo aluno. Assim, o aluno é visto como um agente passivo ou um receptor de informações.

No que diz respeito à Pedagogia Nova, Dewey traz a concepção de que o ensino e a aprendizagem são atividades que envolvem não uma linear apresentação de conteúdos, mas uma problematização dos mesmos, regrada a jogos hipotéticos e à experimentação.

É como se na Pedagogia Nova ensino e aprendizagem fossem sinônimos de práticas sociais experimentadas/vivenciadas e não, apenas, a aplicação de conceitos descontextualizados de uma ação social.

Com relação à Pedagogia Libertadora, podemos entendê-la como a que possui uma maior aderência aos processos educacionais realizados com base em uma concepção sociointeracionista. Nela, a utilização da pesquisa e de temas geradores¹⁶ representa um trabalho educativo construído pelo diálogo de experiências oriundas de diferentes saberes como, por exemplo, dos históricos de vida dos sujeitos escolares¹⁷.

A ideia de formar para conscientizar, para libertar, é marca preponderante desta pedagogia – a Libertadora –, que tem como principal objetivo entender as atividades educacionais inseridas numa proposta de desenvolvimento da ação social, isto é, de atividades cultural e historicamente situadas no social, na vida coletiva.

De modo específico, as atividades docentes de planejar e executar aulas devem ser perpassadas por fatores externos e internos de construção de conhecimento. Por fatores externos entendemos como as contribuições advindas das experiências individuais e coletivas dos su-

os pesquisadores que adotam a perspectiva do modelo ideológico vão investigar práticas (plurais) de letramento, contextualizadas em esferas sociais específicas (grupos, instituições, contextos), onde funcionamentos comunicativos e discursivos particulares da esfera social são dispostos numa pluralidade de relações complexas, dentro de práticas letradas, oralidade e escrita, que, portanto, não podem mais ser vistas de maneira dicotômica.

¹⁶ As práticas pedagógicas que envolvem o uso de temas geradores tendem à interdisciplinaridade. As diferentes áreas – Línguas, Matemática, Ciências, dentre outras – planejam e executam atividades que tenham como característica uma aproximação dialógica e convergente de construção de conhecimentos.

¹⁷ Nesta pesquisa, utilizamos a nomenclatura sujeitos escolares para designar professores e alunos.

jeitos escolares. São os saberes experienciais ou conhecimentos de mundo. Por fatores internos entendemos àquelas práticas demarcadas pelo espaço didático, como, por exemplos, os saberes acadêmicos, escolares, concepções de ensino, vozes institucionais, estratégias didático-discursivas. Tais fatores se evidenciam de maneira articulada e não estanque.

No caso particular da docência, o trabalho prescrito (o planejamento de aulas) e o trabalho executado (a ação social de ministrar aulas, de construir conhecimento) não podem ser interpretados como algo fechado, rígido ou inflexível. Há nas práticas docentes um inter-relacionamento entre o trabalho prescrito e saberes acadêmicos e entre o trabalho executado e estratégias didático-discursivas, pois há uma aproximação destes fatores nos movimentos referentes ao processo de didatização¹⁸.

Esse raciocínio nos possibilita afirmar que esta pesquisa monográfica assume uma concepção de Educação vinculada à perspectiva sociointeracionista, entendendo o ensino-aprendizagem como ações processuais, em espiral e simultâneas entre os espaços didáticos do planejamento e da execução¹⁹.

Dentro dessa perspectiva, Bronckart e Giger (1998) mostram o campo educativo como um espaço de práticas ou ações construídas no social, que se configuram como uma forma de interagir conhecimentos escolares, acadêmicos e de mundo. Para ilustrar esta afirmação, apresentamos o quadro a seguir.

¹⁸ Denominamos o processo de didatização como sendo o *continuum* que reúne o trabalho prescrito (planejamento) e o trabalho executado.

¹⁹ Esta concepção deriva do estudo em nível de Mestrado Acadêmico realizado por mim intitulado “A didatização de escrita por graduandos do curso de Letras”, defendido em dezembro de 2009 pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, sob orientação da Prof^ª Dra. Williany Miranda da Silva.

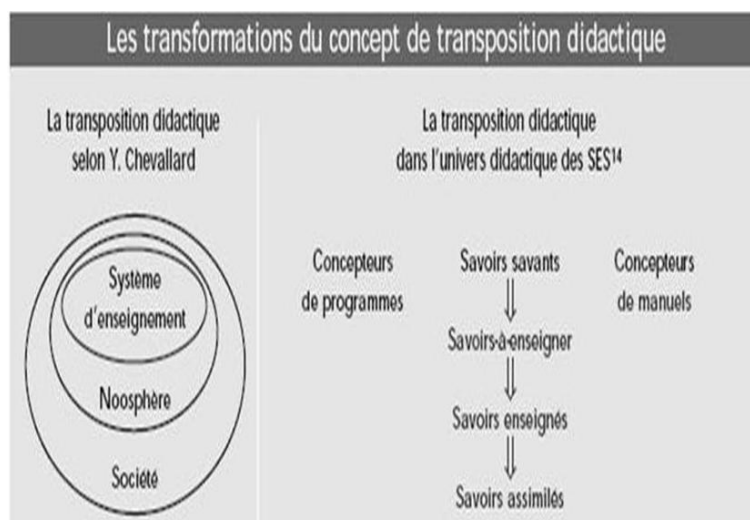


FIGURA 01 – A noção de transposição didática segundo Bordet (1997)

A partir da leitura do Quadro 02 – A noção de transposição didática segundo Bordet (1997) –, podemos verificar um fator determinante na construção do conhecimento: a estratificação social do saber.

Como vimos, o sistema de ensino compreende a junção de saberes que estão presentes na sociedade (entendida aqui como instância de construção de conhecimento) e na noosfera (espaço das entidades públicas de divulgação do saber como: instituições de ensino, pesquisa e extensão nos âmbitos acadêmico e escolar).

Nesse sentido, observamos que a transposição didática²⁰ deve abranger essa realidade heterogênea do conhecimento, oriunda do diálogo entre diversas instâncias que vão interferir, diretamente, nos conceptores de programas e conceptores de manuais²¹ e que englobam os seguintes

²⁰ Fenômeno conhecido como as estratégias didático-discursivas utilizadas, no caso específico do trabalho docente, pelo professor para “alcançar” o aluno e, conseqüentemente, produzir construção coletiva de conhecimentos. Este conceito não compreende transpor como tirar de um local e colocar em outro, mas transformar objetos de estudo em objetos de ensino através de estratégias discursivas processuais de produção de sentidos.

²¹ Por conceptores de programas e conceptores de manuais entendamos como sendo o discurso escolar presente, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de conhecimentos específicos e nos livros didáticos, respectivamente.

fatores: saberes adquiridos → saberes para ensinar → saberes ensinados → saberes assimilados, conforme mostra a Figura 01 expressa na página anterior.

2.3.2 A Comunicação

Começamos a discussão deste tópico com a seguinte citação:

A comunicação é um campo científico. Emerge no conjunto das chamadas Ciências Aplicadas, tais como Engenharia, Direito e Medicina. Pensar em termos de uma definição ou demarcação teórica do que vem a ser objeto da comunicação é tarefa complexa, e definir o seu campo também o é. (MELO; TOSTA, 2008, p. 13)

A linguagem sendo concebida como uma atividade social concretiza sua aplicabilidade levando em conta o ritmo em que ocorrem/progridem as inovações sócio-comunicativas, uma vez que é nela que evidenciamos a comunicação/interação linguística, quer seja oral, quer seja escrita.

Assim, a comunicação humana é sempre um fenômeno que estimula a investigação contínua de suas formas ou possibilidades de realização. Ela é elemento fundamental para que o homem produza interações sociais.

Delimitando ainda mais o termo comunicação humana, nos voltamos para os meios de comunicação que surgiram da necessidade de proporcionar a consolidação da comunicação social. É neste âmbito que voltamo-nos a refletir sobre a constituição do objeto da comunicação, conduzindo a discussão para o campo das Ciências da Comunicação.

Nesses termos, é possível afirmar que o objeto de estudo da Comunicação, conforme França (2001), corresponde a uma grande área de atuação que podemos restringir. Quando falamos em comunicação, esta mesma remete-nos a área de interesse com que iremos (nós, os jornalistas) lidar, possibilitando elencar inúmeros temas com os quais podemos trabalhar e, a partir disto, fazermos nosso "recorte" mais preciso.

Especificamente sobre o objeto da comunicação, comungamos com a visão de França (2001) quando afirma que

o objeto da comunicação não são objetos “comunicativos” do mundo, mas uma forma de identificá-los, de falar deles – ou de construí-los conceitualmente. E aqui chegamos ao veio tocado por nossa indagação: quando se pergunta pelo objeto da comunicação, não nos referimos a objetos disponíveis no mundo, mas àqueles que a comunicação, enquanto conceito, constrói, aponta, deixa ver. (FRANÇA, 2001, p. 42)

Um ponto relevante, segundo a autora, quando se pensa no objeto da comunicação é a consideração a respeito da questão do senso comum, que resgata uma dimensão empírica, ou seja, um objeto materializado em práticas que podem ser ouvidas, sentidas e tocadas. Sob esta ótica, a comunicação tem uma existência sensível e trata-se de um fato concreto do cotidiano.

Ainda segundo França (2001), entendemos que nessa visão vamos incluir no âmbito do objeto da comunicação as conversas cotidianas, as trocas simbólicas de toda ordem (da produção dos corpos às marcas de linguagem) que povoam o dia a dia da sociedade.

Mas, não pensemos que os objetos estão fáceis de identificar. Eles devem ser recortados por nossa própria concepção, por nosso olhar e nossa maneira de enxergar, a partir de nossas experiências/vivências de mundo, de nosso conhecimento prévio e de língua e de nossas práticas sociais.

O cognitivismo clássico estabelece uma diferença estanque entre os processos cognitivos e os processos sociais. Para o sociocognitivismo, o processo de cognição ocorre não apenas dentro da mente dos indivíduos, mas também fora, uma vez que é fruto da interação de várias ações conjuntas que são construídas socialmente/culturalmente. Sendo assim, a atividade de linguagem é permeada pela ação social e pelo compartilhar de conhecimento, que subsidia o objeto da comunicação, a interação humana. Em outras palavras, além do indivíduo constituir-se um sujeito biológico, ele deve ser visto como um sujeito sociobiológico.

A perspectiva sociocognitivo-interacionista, divulgada por Koch (2004), entende a linguagem como uma ação compartilhada que percorre um duplo caminho no desenvolvimento cognitivo: intercognitivo (sujeito/mundo) e intracognitivo (linguagem e outros processos cognitivos, como os biológicos).

Nesse sentido, o texto, materialidade que comunica, é entendido como o lugar da interação. Assim, a produção de linguagem é uma atividade interativa e complexa de produção de sentidos, que envolve a mobilização de saberes linguísticos, enciclopédicos provenientes das práticas sociocognitivas dos sujeitos.

E essa perspectiva sociointeracionista está na base do objeto da comunicação, visto que ele – o objeto – busca descrever o processo de (re)significação das construções/formações sociais da linguagem humana.

É evidente que a comunicação sempre existiu. Conforme França (2001), a modernidade complexificou o seu desenvolvimento quando surgiram outras formas de comunicação. Nestes termos, a autora menciona que o objeto da comunicação não são apenas os objetos do mundo, mas uma forma de desconstruí-los.

Para França (2001), quando se pergunta pelo objeto da comunicação não nos referimos a objetos disponíveis no mundo, mas àqueles que a comunicação, enquanto conceito, constrói ou direciona. Esta natureza de um objeto de conhecimento representa construções edificadas pelo próprio processo de conhecimento, a partir do seu estoque cognitivo: “o que significa dizer: o conhecimento da comunicação não está isento do revestimento ideológico e de condicionamentos de toda ordem” (FRANÇA, 2001, p. 48). Este revestimento a que a autora faz menção está na base sociocognitiva do ser, caracterizada por ser uma base de compreensão complexa e heterogênea.

Em linhas gerais, a modernidade – com isto o desenvolvimento da produção científica – modificou a possibilidade de se entender o objeto da comunicação, problematizando-o. Para tanto, levantando questões acerca da prática que simboliza a essência do ato de comunicar.

Dessa maneira, acreditamos que a resposta ao desafio à identificação do objeto da comunicação refere-se à apreensão de estímulos crítico-reflexivos na forma de um objeto recortado, assumindo uma postura que reage através da “costura” de uma rede complexa de significações.

A base dessa rede complexa de significações está nas mediações sociais de práticas languageiras que, por sua vez, correspondem ao objeto da comunicação. Isto implica considerar que o espaço social é mediado pelo fenômeno comunicacional. “As mediações estão presentes em to-

das as relações humanas que se traduzem em práticas de vida” (LEITE *et al*, 2003, p. 21).

Nesse sentido, não podemos abordar a perspectiva da Educomunicação sem destacar o papel “mediador” da comunicação na sociedade, uma vez que mediar as relações escolares contemporâneas constitui o desafio de pensar em práticas educativas no contexto comunicacional – *dos meios de comunicação* – “o que requer compreendê-las a partir de um conjunto de mudanças continuamente operadas nas e pelas sociedades humanas nas representações que se faz da realidade” (LEITE *et al*, 2003, p. 31).

2.3.3 A função pedagógica das atividades midiáticas

Diante do que foi apresentado, atuar no campo da Educação com conteúdos da Comunicação representa uma atividade que tem como intento unir espaços distintos, porém aderentes, pois são instâncias letradas complexas que visam promover o desenvolvimento humano por meio de práticas formativas.

Tendo como objeto da Educação a construção coletiva de conhecimento e como objeto da Comunicação as interações sociais em espaços midiáticos, a Educomunicação insere-se como uma proposta didático-discursiva que recupera, nestes termos, duas adjetivações que, inclusive, tematizam o subtítulo deste capítulo, a saber: educação midiática e mídia educativa.

Sendo assim, Mídia e Educação são campos interativos de ação humana. A pedagogia de inclusão comunicacional exige do profissional da Educação – o professor, particularmente – concepções de ensino, de língua e de vida aguçadas à produção de redes de sentidos interligadas com as cotidianas práticas midiáticas.

Nesse sentido, realizar a mediação entre conhecimentos escolares e midiáticos requer deste profissional uma postura que contemple a articulação reflexiva sobre estas duas esferas, de modo a conduzir o aluno a um posicionamento crítico a respeito do que está sendo divulgado pelas empresas midiáticas.

E nessa condução há a possibilidade desse professor também ser conduzido pelas interpretações dos alunos, configurando um processo de ensino-aprendizagem feito bilateralmente, permeado pelas trocas de

informações. Portanto, o fato de o professor ser conduzido não mantém nenhuma relação sinonímica de falta de capacidade ou de preparo, mas de abertura à voz do outro, de acesso às experiências do outro, de práticas alteras.

Reforçamos essa postura metodológica do trabalho docente com as palavras de Thompson (1988):

a mediação implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta ou indiretamente, colaboramos para sua produção. (THOMPSON, 1988, p. 33 *apud* MELO; TOSTA, 2008, p. 26)

Daí, acreditarmos na função pedagógica da mídia, a de informar formando sujeitos críticos e participativos na conjuntura das relações interpessoais que historicizam a realidade social destes sujeitos (do ponto de vista da Educação, professores e alunos, não necessariamente nesta ordem).

Ainda recorremos à fala de Biz e Guareschi (2005), para quem

é necessária a criação de processos e práticas que façam com que as crianças, os filhos e filhas das famílias que formam uma sociedade, possam ser preparadas e treinadas para que passem a fazer parte dela sem problemas e conflitos. Pois essa deveria ser a tarefa da educação em geral e das escolas em especial. (BIZ; GUARESCHI, 2005, p. 16)

Essa necessidade esboçada por Biz e Guareschi (2005) explica a intenção da Educomunicação em tornar: 1) a educação midiática, isto é, aproximada dos meios de comunicação de massa e 2) a mídia educativa, didatizar saberes da mídia como fontes alternativas e eficazes de práticas educativas. Tanto a educação midiática quanto a mídia educativa, quando bem utilizadas, são capazes de (in)formar uma sociedade politizada e, por conseguinte, mais cidadã.

2.4 O que significa (in)formar sujeitos críticos?

Partindo do conceito etimológico, a palavra *crítica* possui origem grega e vem de *kritikos*, que quer dizer “alguém apto a fazer um julgamento”. Na Língua Portuguesa, o adjetivo *crítico* origina-se da palavra *crise*, substantivo que designa questionamentos, situação conflitante.

Nessas condições, a expressão “*pôr em crise*” representa uma necessidade humana de não conformar-se com que é dito/posto, mas, a partir do apresentado, problematizar questões na tentativa de posicionar-se como um sujeito que pensa e que age frente as mais diversas situações a que é exposto.

Sendo assim, como pensar em estratégias de formação que estimulem ainda mais no humano esse gosto pelo questionamento? Como a Educação pode contribuir para essa formação? O que significa, de fato, formar sujeitos críticos?

As reformas no campo da Educação apresentam-se como necessárias em meio a um contexto de exigências externas e internas. A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96) abriu caminho para reestruturação do sistema de ensino no país ao prever inovações nos mais diferentes níveis de ensino, na formação de professores e na distribuição dos recursos destinados à Educação.

De acordo com o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), especificamente para o Ensino Médio, a formação de um cidadão crítico está nos fundamentos do sistema educacional. Segue o fragmento:

“Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa hu-

mana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina”.

(Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 6. ed., 2006, p. 28-29)

Como vemos, está no inciso III do Artigo 35 – *o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico* – a necessidade de construção de práticas educativas que tenham como objetivo estimular o pensamento crítico no aluno.

Nesse sentido, a noção de criticidade que defendemos nesta pesquisa é a de que todo e qualquer indivíduo tem a capacidade de posicionar-se como sujeito transformador de sua realidade social. Formar um sujeito crítico corresponde ao mesmo que habilitar indivíduos à liberdade de pensamento e à consciência de que sua opinião diz muito para a formação de uma sociedade cada vez mais democrática.

É interessante destacarmos as palavras de Braga e Calanzans (2001):

As interações mais evidentes entre Comunicação e Educação são propostas a partir das intencionalidades educativas – no esforço de aperfeiçoar os processos comunicativos necessários à obtenção de aprendizagem.

Citemos algumas delas:

1. Usos dos meios tecnológicos no ensino presencial e à distância;
2. Educação para os meios tecnológicos;
3. Leitura crítica da mídia;
4. Saberes escolares e saberes da experiência cotidiana e midiática;
5. Sistemas de representação dos processos escolares na mídia e desta na escola.

(BRAGA; CALANZANS, 2001, p. 57 *apud* MELO; TOSTA, 2008, p. 57)

Oportunizar a interface entre Educação e Comunicação configura práticas pedagógicas que tentam articular o uso dos meios e da cultura midiática à escola, na tentativa de promover dentro do espaço da didatização de saberes a leitura crítica do mundo e de suas possíveis representações.

Desse modo, encerramos este tópico justificando a epígrafe deste capítulo, extraída de Jamil Cury, que traduz os horizontes de expectativas sobre a Educação: oportunizar condições aos estudantes de construir sua autonomia intelectual e sua consciência crítica.

2.5 Educomunicação na cibercultura: educando com as novas tecnologias da informação

A escola, vista como espaço privilegiado no tocante à construção do saber, não pode sonegar o contato do aluno aos inúmeros recursos tecnológicos, uma vez que esta “convivência” poderá contribuir para o seu crescimento sociocognitivo. A instituição escolar, pois, assiste à responsabilidade de proporcionar aos alunos atividades de escrita, tão lúdicas e atraentes, como as encontradas na *Internet*. (SOUSA, 2007, p. 202).

Nesse universo, o professor, em especial, convém debruçar-se sobre as novas mídias, de forma que participe e oriente seus alunos, sempre ressaltando os diversificados contextos e níveis de linguagens existentes, apontando os cenários em que devem ou podem ser utilizados.

Encontramo-nos diante de um desafio que sugere um olhar inovador, mais aproximado das mudanças e transformações que contemplam, sobremaneira, o ensino, a escola, o professor e a sociedade em geral, haja vista a necessidade impelida pela própria realidade, que envolve-nos em práticas de escrita diferentes das tradicionalmente vivenciadas e/ou praticadas.

Nesse sentido, um conhecimento atualizado e inovador representa um desafio a ser desbravado pelo professor que estará diretamente contribuindo para a construção de um ensino capaz de oferecer aos alunos espaços de aprendizagens mais dinâmicos, cuja produção coletiva asse-

gure-os à condição de sujeitos da própria história, oportunizando a todos o exercício pleno da cidadania.

Concordamos com as palavras de Delcin (2005):

Espaços abertos, conhecimentos emergentes, articulação de saberes, processos auto-organizativos requerem a transformação da prática pedagógica e exigem dos educadores uma postura que reconheça o aprendiz na sua multidimensionalidade e favoreça a aprendizagem individual e coletiva.

A utilização adequada das novas tecnologias na educação potencializa a criação de um ambiente de aprendizagem mais próximo da natureza viva e interdisciplinar do processo de construção do conhecimento e da interatividade dos processos cognitivos. O novo ambiente de aprendizagem possibilita resgatar a sociabilidade humana, os valores multiculturais, o respeito às diferentes maneiras de pensar e buscar novos valores nas diferentes dimensões da vida, reconhecendo que a vida e aprendizagem não estão separadas. (DELGIN, 2005, p. 56)

Dessa forma, a prática do professor, no contexto fascinante do mundo digital, deve pautar-se, sobremaneira, na (re)orientação dos seus alunos, mostrando-lhes a existência de vários níveis de linguagem, vários contextos de uso e os vários níveis de formalidade na comunicação. “As novas tecnologias não só estão presentes em todas as atividades práticas do mundo do trabalho, como também se tornam vetores de experiências do cotidiano” (SETTON, 2010, p. 91).

O professor que associa sua prática de ensino às novas mídias estará explicitando seu desempenho inovador e o dinamismo de suas aulas e, desta maneira, atendendo ao desejo dos alunos, ansiosos por uma escola mais atrativa e condizente com a realidade na qual estão imersos.

Concordamos com Lévy (1999) quando afirma:

Qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber. Em relação a isso, a primeira constatação diz respeito

à velocidade de surgimento e de renovação dos saberes (...)
A segunda constatação, fortemente ligada à primeira, diz respeito à nova natureza do trabalho (...). Terceira constatação: o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas. (LÉVY, 1999, p. 157)

Dentro desse contexto, as três constatações elencadas com propriedade por Lévy (1999) enfatizam a presença das tecnologias nos sistemas de Educação, uma vez que os avanços tecnológicos demarcam práticas sociais. Na contemporaneidade, podemos afirmar que as novas tecnologias atuam na vida social, condicionando ações e agendando novos estilos de experiências individuais e coletivas. Portanto, compete à Educação, em suas atividades de mediações formativas, a integração dos meios tecnológicos que norteiam a rotina em sociedade.

Especificamente sobre a terceira constatação – a nova natureza do trabalho a partir dos avanços tecnológicos – ressaltamos as práticas da Comunicação Social (Jornalismo) que se modificaram através das novas tecnologias da informação.

Sobre essas modificações discutiremos, a seguir, no Capítulo III – Jornalismo digital: a produção e a circulação de informações no ciberespaço.

3 JORNALISMO DIGITAL: A PRODUÇÃO E A CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÕES NO CIBERESPAÇO

Quando um usuário acessa um portal, quer sentir-se único. Gosta de ser ouvido e interage (seja conversando nas salas de bate-papo, mandando mensagens nos fóruns ou respondendo pesquisas de opinião). Essas mudanças, ainda que em estágio inicial, delineiam o novo padrão de informação e entretenimento de massa. É uma combinação da mídia antiga e da nova, que se complementam e ao mesmo tempo competem entre si.

O potencial da nova mídia tornou-se um instrumento essencial para o jornalismo contemporâneo e, por ser tão gigantesco, está começando a moldar produtos editoriais interativos com qualidades atraentes para o usuário: custo zero, grande abrangência de temas e personalização.

(POLLYANA FERRARI, 2009)

O presente capítulo trata da produção de conteúdos jornalísticos no âmbito das atividades contemporâneas do jornalismo digital: jornalismo *on line* e webjornalismo. Neste sentido, responde ao objetivo B) desta pesquisa, que consiste em realizar discussões teóricas sobre a hipermodalidade dos textos produzidos/veiculados pelas práticas jornalísticas desenvolvidas através do ciberespaço – a hipermídia²².

3.1 O ciberespaço e o jornalismo: uma relação logístico-funcional

O mundo contemporâneo é marcado pelo avanço das tecnologias, evidenciando que, diante da globalização, isto é, da crescente abertura de mercado em nível mundial, as novas tecnologias configuram-se como atividades definidoras no desenvolvimento humano e social.

²² “Todos os métodos de transmissão de informações baseadas em computadores, incluindo texto, imagens, vídeo, animação e som” (FERRARI, 2009, p. 99).

Desse modo, a cultura tecnológica proporcionou diferentes e atrativas possibilidades de se produzir comunicação e interação, mas também, a urgente necessidade de adaptação social às demandas comportamentais que permeiam os usos efetivos da “vida tecnológica”.

À luz dessa perspectiva, Machado (2008) traz uma discussão sobre as influências que a utilização das novas tecnologias da informação surtiu nas práticas profissionais dos jornalistas e no fazer jornalismo.

Para ilustrar a temática, o autor menciona que a participação da esfera digital no processo de confecção e circulação do texto jornalístico deve ser entendida em consonância com os recursos que as tecnologias da informação oferecem. Daí, a importância do jornalista buscar atualizações em conformidade com as dinâmicas hipertextuais do ambiente cibernético.

Dentro desse contexto, a produção de sentido das materialidades linguísticas – e extralinguísticas – presentes no discurso jornalístico está intrinsecamente vinculada à conjuntura verbo-voco-visual da linguagem digital. Em outras palavras, o sentido se dá na construção híbrida entre a palavra (verbo), o som (voco) e a imagem (visual).

Conforme Machado (2008), um aspecto positivo do ciberespaço para a produção jornalística é a possibilidade interativa disponibilizada por este ambiente de busca do conhecimento, uma vez que a interação do público – ciberleitores – pode ser efetivada com maior acessibilidade e compartilhada em rede mundial. Nestes termos, o autor evidencia a rapidez da informação e sua ampla circulação.

Assim, o estudioso reflete sobre as contribuições que o ciberespaço proporcionou às produções jornalísticas e à sociedade globalizada, destacando a relação indissociável entre informação, elemento “perseguido” pela atividade jornalística, sociedade e novas tecnologias.

Antes de prosseguirmos com a discussão, convém definirmos o que, para nós, significa o ciberespaço: um lugar de comunicação e interação humanas, caracterizado pela velocidade de alcance, utilização de imagens e digitalização de textos que juntos, funcionando como elementos co-operantes, promovem a construção de sentidos nas práticas sociais contemporâneas de linguagem.

O termo é derivado do inglês *cyberspace* e foi utilizado pela primeira vez pelo escritor de ficção científica William Gibson, no ano de 1984, quando produziu a novela “*Neuromancer*”. Nesta obra, o escritor de-

screveu um ambiente eletrônico em que a informação e os programas podiam ser manipulados no mundo externo por meio de escolhas sobre as formas, cores e movimentos.

O ciberespaço funciona, então, como uma realidade virtual, dotada de formas eletrônicas que simbolicamente representam o mundo físico. Na opinião de Marcuschi (2001), trata-se de um espaço cognitivo que requer dos sujeitos a revisão de estratégias para lidar com o texto, principalmente aquelas relacionadas à continuidade textual.

Desse modo, o ciberespaço significa um ambiente de interação multidimensional, uma teia de informações navegáveis que, através do uso de técnicas de comutação eletrônica, possibilita a troca de conhecimentos numa perspectiva de eliminação de barreiras territoriais.

3.2 O ciberespaço e o hipertexto: a construção de sentido hipermodal

Referindo-nos aos gêneros textuais, é bom lembrar que os avanços tecnológicos vêm oferecendo sua contribuição para os novos “arranjos” do processamento textual. Estes avanços determinam novas formas de interação entre a imagem e a palavra, mantendo uma relação cada vez mais próxima e integrada.

Os efeitos da diagramação, a formatação e a estruturação de um texto não são aleatórios, assim como as imagens (fotografia, pintura, desenhos, gráficos etc.) que o compõem. Todos estes elementos carregam significados passíveis a serem analisados. Esta constituição de sentidos mediante os vários recursos representacionais dos textos é denominada multimodalidade.

“Ilustrações, fotos, gráficos e diagramas, aliados a recursos de composição e impressão, como tipo de papel, cor, diagramação da página, formato das letras, etc., vêm sendo sistematicamente conjugados aos gêneros textuais escritos” (MOZDZENSKI, 2008, p. 21).

Essa hibridização de elementos representa a concepção de textos enquanto construtos multimodais, em que a escrita funciona como um dos modos de significação. Em se tratando dos textos produzidos na modalidade oral da língua, a sua análise não poderá ser desvinculada dos gestos, da entonação, das expressões faciais e outros.

Marcuschi (2005) declara que os gêneros “são formações interati-

vas, multimodalizadas e flexíveis de organização social de produção de sentido” (MARCUSCHI, 2005, p. 19). Ao afirmar que os gêneros são “formações interativas”, o autor enfatiza os aspectos de dinamicidade, flexibilidade e variedade com que os gêneros se distribuem em função das múltiplas atividades humanas.

De acordo com Dionísio (2003) “é no texto onde os modos (imagem, escrita, som, música) e sub-modos (linhas, cores, tamanho, ângulos, entonação, ritmos, efeitos visuais, melodia, dentre outros) são realizados” (DIONÍSIO, 2003, p. 01). Assim, é preciso que estejamos atentos ao novo *design* contido nos textos que se utilizam do suporte digital, ou seja, a nova visualização assumida por estes, que, inclusive, implica em novas práticas de leituras.

Compactuamos com Dionísio (2006, p. 06) para quem “é necessário não perder de vista literalmente que a produção de um texto multimodal é muito mais que pôr palavras e imagens juntas” (DIONÍSIO, 2006, p. 06). Nestas circunstâncias, os gêneros materializam-se em forma de representação multimodal (linguagem alfabética, disposição gráfica na página – ou na tela –, cores, figuras geométricas, dentre outras.) que se integram ao processo de produção de redes de sentidos.

Sinalizamos que os gêneros da esfera digital são meios hipermodais, heterogêneos e transfronteiriços. Remetemos à expressão hipermodais por estarmos trabalhando com a noção de hipertexto, cujo prefixo grego – *hiper* remete à superação das limitações da linearidade textual. Isto ocorre pelo fato de que no ciberespaço há a confluência de atividades modernas que abarcam, com rapidez, as necessidades de uma sociedade ativa e atrativa em suas práticas comunicativo-comportamentais.

Podemos crer, então, que o surgimento da sociedade da informação, aquela que é caracterizada pelo “consumo” tecnológico, se deu em consonância com as demandas que as novas tecnologias da informação e da comunicação inseriram nas atividades realizadas em sociedade.

Uma característica relevante do ciberespaço é a possibilidade interativa que o mesmo disponibiliza para os sujeitos sociais, uma vez que pode ser efetivada com maior frequência e compartilhada mundialmente. Nestas condições, a comunicação/informação na esfera tecnológica define-se por ser ágil, precisa e de ampla circulação. Hoje, a partir dos dispositivos digitais, a comunicação é transmitida em frações de segundo e em cadeia global.

Assim, a realidade do mundo tecnológico desafia a sociedade a tomar posicionamentos condizentes à rapidez dos avanços científicos nesta área. Neste sentido, as novas tecnologias exigem mudança de padrões comportamentais, isto é, exigem um redirecionamento de atitudes que, muitas vezes, são impostas sem levar em consideração a existência de pessoas que não têm acesso aos meios eletrônicos e que, como consequência, ficam à margem da tecnologia típica da sociedade da informação.

Nessa relação, o ciberespaço torna-se democrático quando os seus usuários, além de terem acesso às informações, passam a agir criativamente num jogo que converge para o aprimoramento da construção de um processo crítico e reflexivo. Desta maneira, as construções linguístico-discursivas presentes no ciberespaço evidenciam as práticas de linguagem da sociedade de hoje, que utiliza diariamente a escrita digital e que preenchem as necessidades comunicativas desta sociedade.

É pensando no perfil do ciberleitor, sujeito inserido em uma cibercultura (LÉVY, 1999) e (LEMOS, 2002), que situamos o conceito de hipertexto a partir de três aspectos: 1) possibilidade de escrita no corpo do texto (diferente do livro impresso que se escreve nas margens); 2) eliminação de intermediários para produção de livros e 3) possibilidade de todos os textos serem digitais, com acesso universal (PORTUGAL, 2005).

Concordamos, também, com a definição oriunda de Xavier (2004): “o hipertexto é uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2004, p. 171).

Essa definição nos orienta a entender o hipertexto como um modo diferenciado de compreender a realidade, através de recursos tecnológicos que, por sua vez, acomodam a linguagem humana – a língua – de maneira essencialmente interativa, composta por uma teia plural de construção de significados.

Dentro dessa perspectiva, o hipertexto e o ciberespaço podem ser entendidos como um mar polissêmico, cuja navegação permite o contato com múltiplas possibilidades de identidades sociais, de construção de sentidos e de interações.

Neles, o sujeito pode intervir, pode agir sobre, transformando-o a sua própria conveniência. Em outras palavras, construindo e recons-

truindo redes de culturas através de dispositivos – os *links*²³, por exemplo – que definem as operações comunicativas realizadas no espaço criativo da virtualidade.

Tais dispositivos caracterizam os textos discursivamente situados no espaço digital e demarcam as práticas dos leitores de hipertextos (os ciberleitores), a quem são conferidos a escolha não-linear de leituras, assinalando os *links* que norteiam seus caminhos no discurso eletrônico.

Para Possenti (2002),

o leitor do hipertexto é comumente definido como coautor, na medida em que deve organizar a sequência do que vai ler, clicando ou não palavras-chave, por exemplo, ou seja, indo ou não a um outro espaço, e tendo ido, decidir se volta ou não ao texto como o autor teria disposto ou imaginado. (POSSENTI, 2002, p. 215 *apud* KOMESU, 2005a, p. 104)

No sentido de esclarecer essa característica recursiva dos hipertextos, reproduzimos a figura contida em Bezerra (2007, p. 118).

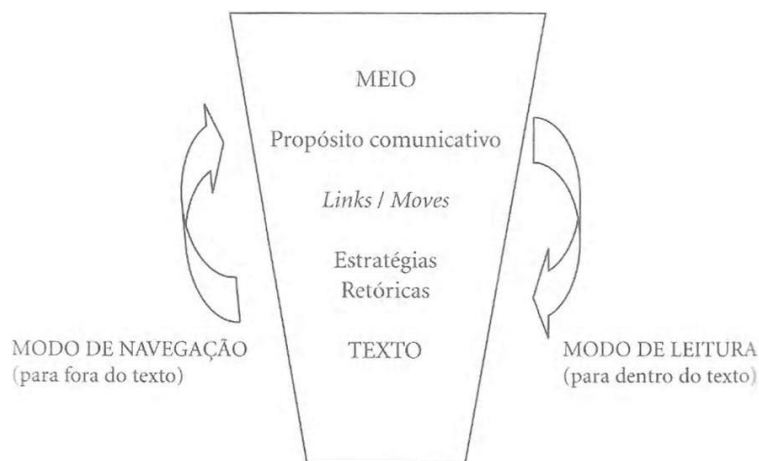


FIGURA 02 – Característica recursiva do hipertexto

²³ Também chamados de *hyperlinks*: “Elemento básico do hipertexto, um hyperlink oferece um método de passar de um ponto do documento para outro ponto no mesmo documento ou em outro documento” (FERRARI, 2009, p. 99).

A análise da Figura 02 – Característica recursiva do hipertexto – possibilita-nos entender que o hipertexto ativa diferentes modos: o “modo de leitura”, que corresponde à leitura tradicional (textos impressos e virtuais), convidando o leitor a olhar e interagir com o texto, e o “modo de navegação”, que consiste na trajetória que o ciberleitor percorre pelo *site* ou portal, produzindo, desta forma, suas próprias estratégias retóricas de leitura, estratégias estas que apontam outros caminhos diferentes da tela inicial – daí, o termo “para fora do texto”.

A prática dessas estratégias retóricas de leitura mostra que os sujeitos selecionam comandos específicos ao meio e ao propósito comunicativo dos gêneros hipertextuais. O que nos possibilita dialogar com a proposta interacional de língua, cujas perspectivas evidenciam o processo de escrita/leitura de textos realizado através de atos recursivos, isto é, atos de idas e vindas que objetivam colaborar com a compreensão do texto.

Essa concepção entende que há um processo de desautomatização da atividade de produção textual, dependente das experiências socio-cognitivas dos sujeitos que, por sua vez, produzem e leem textos.

Para o interacionismo no campo linguístico, o escritor/leitor é visto como um operador de um painel eletrônico que, dentro de limitações humanas, gerencia um expressivo número de pressões que competem por sua atenção. É o que caracteriza a atmosfera multifacetada do discurso eletrônico como um suporte de construção do saber para o homem moderno.

No contexto da sociedade da informação e da globalização é evidente que a tecnologia dita a necessidade de se ter equipamentos mais velozes, para acompanhar o acelerado ritmo das comunicações via gêneros digitais ou hipertextuais, pois

além de influenciar algumas atividades elementares do cotidiano do sujeito contemporâneo, a informática também interfere na forma como ele lida com a informação necessária à sobrevivência. Por meio dos recursos dessa tecnologia, a recuperação, o armazenamento, a organização, o tratamento, a produção e a disseminação da informação tornam-se tarefas cada vez mais incorporadas à realidade desse sujeito (MARQUES NETO, 2003, p. 52).

De fato, a hipermodalidade da linguagem digital é uma realidade e está consolidada, praticamente, em todas as atividades humanas, das mais simples às mais complexas. Pensando especificamente sobre a utilização dos gêneros hipertextuais, comungamos com Vieira (2005) para quem estes gêneros transformaram radicalmente a natureza da comunicação escrita e o letramento convencional, uma vez que introduziram novas práticas discursivas e um novo paradigma nas ciências da linguagem.

No que se refere às condições de produção dos gêneros hipertextuais, reproduzimos a figura a seguir, extraída de Marcuschi (2004, p. 37).

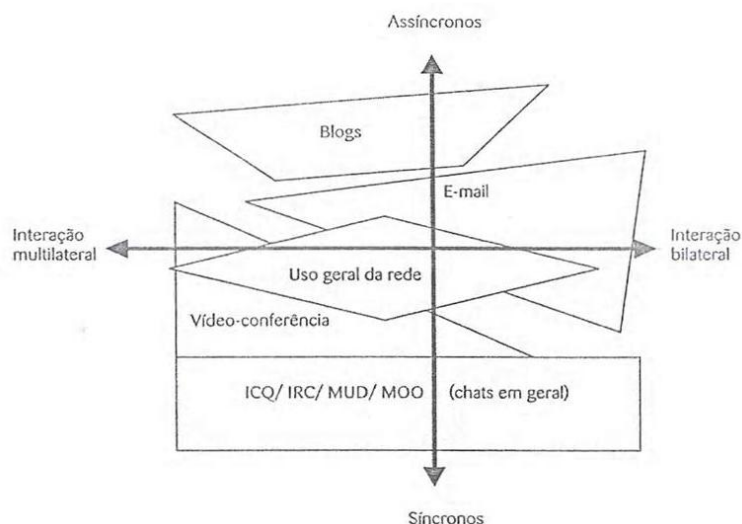


FIGURA 03 – Condições de produção dos gêneros hipertextuais

Como vemos, os gêneros do ciberespaço podem materializar-se a partir de quatro categorias que dialogam entre si e estabelecem uma relação aproximada: 1) Interação multilateral – cujas relações desenvolvem-se em eventos comunicativos grupais; 2) Interação bilateral – há a existência de um locutor e um interlocutor vistos não de maneira estanque, mas mutuamente envolvidos; 3) Assíncronos – não há, necessariamente, um retorno imediato da parte do interlocutor e 4) Síncronos

– há uma interação simultânea, *on line*, entre os envolvidos na comunicação.

Segundo Chartier (2002, p. 23-24),

o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos e impõe-lhes uma nova forma de inscrição. A originalidade e a importância da revolução digital apóiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o “livro unitário” e está alheio à materialidade do códex. (CHARTIER, 2002, p. 23-24)

A discussão sobre as características híbrida e não-linear do hipertexto e do jornalismo digital será realizada nos tópicos a seguir.

3.3 O hipertexto e a hipermídia: uma conexão interativa no ciberespaço

Ao estudarmos o artefato textual na perspectiva do hipertexto, reportamo-nos à concepção de que a linguagem humana – o código linguístico – é apenas um dos sistemas semióticos a serem considerados na produção de significados no âmbito das interações sociais.

Desse modo, informações verbais e não verbais poderão desempenhar igual importância no processo de significação, sinalizando um hibridismo semiótico, determinado pela assertiva de que o processamento textual desenvolve-se com a leitura integrada do texto verbal e do material visual, como fotografias, infográficos, desenhos, símbolos etc.

Na visão de Mozdzenski (2008), a leitura lacunosa poderá afetar a compreensão da unidade global do texto,

uma vez que os sentidos produzidos pelas diversas semioses que compõem o texto multimodal não são independentes entre si (...) “em produções multimodais as possibilidades de construção de sentido se ampliam”, o que vem a explicar a “multiplicidade de leituras” desses textos. (MOZDZENSKI, 2008, p. 22, aspas do autor)

Assim, o hipertexto representa uma teia não-linear que suscita múltiplas possibilidades de interação. Representa, então, “um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras etc.” (NOJOSA, 2007, p.74).

É, justamente, pensando na característica de convergência de linguagens do hipertexto que situamos a hipermídia. O seu conceito remete à noção das atividades midiáticas produzidas e circuladas pelo ciberespaço, oferecendo alternativas de cruzamento e interseção de diferentes manifestações de linguagens, o que enfatiza a sua natureza hipermodal²⁴.

No contexto da hipermídia há uma mudança na visão do interlocutor da mensagem de acordo com a forma clássica da comunicação, uma vez que há condições de este sujeito entender, dialogicamente, a informação por vários acessos, vários ângulos.

O poder de escolha é fortalecido, de modo que o ciberleitor conduz o caminho a ser seguido, interrompido, seguido novamente, dependendo de seus interesses. Neste sentido, as escolhas representam produções de significados, representam práticas sociais de ações discursivas dos ciberleitores. Os significados são gerados a partir de escolhas não aleatórias, mas motivadas socialmente, ampliando a sinergia do saber.

A linguagem da hipermídia contrapõe aquela em que recebemos as informações através da mídia tradicional, visto que pode nos oferecer caminhos na direção de leituras mais complexas do mundo, das notí-

²⁴ “A Semiótica da Hipermodalidade foi concebida pelo professor de Educação da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, Jay Lemke, e com base nos princípios da Linguística Sistemico-Funcional, desenvolvida pelo linguista inglês Michael Halliday, para analisar a linguagem verbal. Para compreender a construção de sentidos e dar conta da integração de modalidades diferentes de linguagem do ambiente digital, Lemke também se vale dos conceitos que os professores de Educação da Universidade de Londres e de Ciências Humanas da Universidade de Sydney, Gunther Kress e Theo van Leeuwen, respectivamente, desenvolveram para a análise e compreensão da linguagem visual. Como esses dois autores também partem dos princípios teóricos de Halliday, Lemke desenvolve a Semiótica da Hipermodalidade tendo uma base teórica integrada dentro de uma mesma perspectiva funcional de linguagem. Essa perspectiva entende que a linguagem consiste de um conjunto de sistemas, cada um oferecendo ao falante/escritor uma gama de escolhas para a expressão de significados” (BRESSANE, 2007, p. 151).

cias e/ou do dia-a-dia. Esta característica da cultura cibernética nos faz lembrar as palavras de Delcin (2005):

O clic aqui e ali abre novas janelas e novos espaços hipertextuais vão sendo descobertos, desdobram-se e potencializam a navegação em diversos mundos de significação através de links interativos, dinâmicos e amigáveis. O universo pode favorecer a racionalidade, a tomada de consciência e a autonomia, o conhecimento compartilhado, a sensibilidade, a criatividade e a formação de novos valores e, também, facilitar o desenvolvimento da imaginação, do diálogo do pensamento com o contexto e a abertura ao novo e ao criativo. (DELGIN, 2005, p. 66)

Desse modo, através da não-linearidade e dos *links* podemos encontrar novas vozes ou novas versões de uma mesma notícia, podemos desenvolver uma consciência crítica dos veículos tradicionais e do domínio das informações (NOJOSA, 2007).

Como foi mencionado no tópico 3.2 – O ciberespaço e o hipertexto: a construção de sentido hipermodal – o hipertexto é uma linguagem híbrida e flexível. Esta definição possibilita-nos entender que a hiper-mídia proporciona ao ciberleitor assinalar os *links* que orientam suas escolhas de leituras no caminho do discurso eletrônico.

A natureza desse caminho constitui-se como multilinear, acarretando ao sujeito social que desenvolve interações por meio dos recursos disponibilizados pela *Web* a consciência de um ser com voz ativa. Esta consciência nos faz lembrar o posicionamento de Lévy (1999) quando destaca que, no âmbito da cibercultura, toda leitura torna-se um ato de escrita, ou seja, entra nesta relação a ideia de produtor e não, mecanicamente, receptor de informações.

3.4 Jornalismo *on line* e webjornalismo: o jornalismo na era digital

Para a sociedade atual, o uso das ferramentas tecnológicas tornou-se algo corriqueiro e, conseqüentemente, necessário. Estar familiarizado às práticas de letramento digital constitui uma condição recorrente às atividades diárias de sujeitos sociais, cujas ações estão permeadas pela

utilização da tecnologia: de uma simples transação bancária ou do manejo de aparelhos móveis de telefonia à atividades mais particulares, como realizar pesquisas na *Internet* ou construir gráficos estatísticos através de recursos digitais.

De modo geral, seja para a realização de atividades simples ou complexas, comuns ou específicas, a tecnologia funciona decisivamente e oferece aos sujeitos de uma sociedade como a nossa – globalizada – recursos que suprem necessidades usuais e de comunicação/interação.

Assim, o surgimento da sociedade da informação se deu em consonância com as demandas que as novas tecnologias da informação e da comunicação inseriram nas atividades realizadas em contextos sociais.

Conforme Gasparetto Jr. (*et al*, 2002), o conceito de sociedade da informação refere-se a “um estágio de desenvolvimento social caracterizado pela capacidade de seus membros (cidadãos, empresas e administração pública) de obter e compartilhar qualquer informação, instantaneamente, de qualquer lugar e da maneira mais adequada” (GASPARETTO JR., *et al*, 2002, p., 16).

No sentido de discutirmos sobre sociedade, tecnologia e jornalismo é que destacamos, na conjuntura atual, um suporte de ação comunicativa em que os profissionais da mídia têm “navegado” e encontrado “portos” globalmente situados.

Referimo-nos à prática do jornalismo no ciberespaço: um ambiente tecnológico e de essência caracterizada pelo rompimento de barreiras territoriais. O jornalismo digital define-se “como a disponibilização de informações jornalísticas em ambiente virtual, o ciberespaço, organizadas de forma hipertextual com potencial multimidiático e interativo” (PENA, 2008, p. 176).

Antes de apresentarmos a discussão sobre as especificidades do jornalismo digital, julgamos relevante discorrermos a respeito dos primórdios desta circunstância/alternativa de produção midiática que permeia as práticas jornalísticas do mundo contemporâneo.

3.4.1 Origens do jornalismo digital no Brasil

Os *sites* e/ou portais de conteúdo nasceram dentro das empresas jornalísticas. Alguns profissionais eram transferidos de redações tradi-

cionais para as digitais, passando a lidarem com uma nova linguagem – a do hipertexto.

A necessidade de realizar uma formatação específica no campo do jornalismo digital, ou ciberjornalismo, foi logo enfrentada pelos profissionais da informação. O desafio estava – e ainda está – em adequar-se a esta nova realidade de alcance global de público. Em outras palavras, o ciberespaço começou a definir tendências de comportamentos editoriais.

Em 1995, o *Jornal do Brasil* inaugurou a sua *home page*²⁵ na *Internet*. Bastante rudimentar, a página era produzida por apenas três profissionais e trazia somente algumas notícias publicadas na edição do dia do jornal impresso. No ano seguinte, o *Jornal do Brasil* passou a publicar todo o conteúdo do impresso, além de criar um fórum de discussão como proposta de interatividade. Ainda no ano de 1995, a *Agência do Estado* e o jornal *O Globo* também criaram páginas na *Internet* que prestavam serviços como agências de notícias.

A partir de 2002, as agências nacionais especializadas em mídia eletrônica celebraram o *boom* de investimentos dos clientes, reforçando o *marketing* de suas marcas. Dentre estas agências citamos as páginas do *Yahoo!*, *MSN* e *AOL Time Warner*: “são portais com conteúdo variado, muita informação e atualização em tempo real. É esse formato que precisa ser dominado por quem almeja ser um editor Web” (FERRARI, 2009, p. 28).

Criada pelo engenheiro britânico Tim Berners Lee no Laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN), a *Web*²⁶ constitui-se como o primeiro provedor de acesso comercial do mundo, permitindo que os usuários alcancem uma grande rede de contatos em escala global.

Com o crescimento da *Internet*, aumenta a concorrência no mercado de agências publicitárias e de notícias na *Web*. O surgimento dos portais gratuitos fez o número de internautas expandir. Ferrari (2009) mostra-nos que, segundo o IBOPE – março/2000, o número de usuários

²⁵ “Primeira página que aparece em um site ou página inicial de browser” (FERRARI, 2009, p. 99). “Browser: Programa utilizado para visualizar páginas na Web” (FERRARI, 2009, p. 96).

²⁶ “World Wide Web (WWW): Significa, em inglês, teia de abrangência mundial. Também chamada de Web” (FERRARI, 2009, p. 103).

brasileiros interligados a rede mundial de computadores havia crescido 1,2 milhão em relação aos dois primeiros meses daquele ano.

Podemos destacar como fatores contribuintes para esse crescimento: o acesso gratuito ao mesmo conteúdo dos jornais impressos, a exploração de recursos multimidiáticos e a atualização, *on line*, dos portais, tornando-os dinâmicos e atraentes.

Com a intenção de visualizarmos o comportamento cronológico do avanço da *Internet* e de sua repercussão nas atividades midiáticas, apresentamos as Figuras 02.1 e 02.2 – Comportamento cronológico do avanço da *Internet* – extraídas de Ferrari (2009, p. 110-113).



FIGURA 04.1 – Comportamento cronológico do avanço da *Internet*

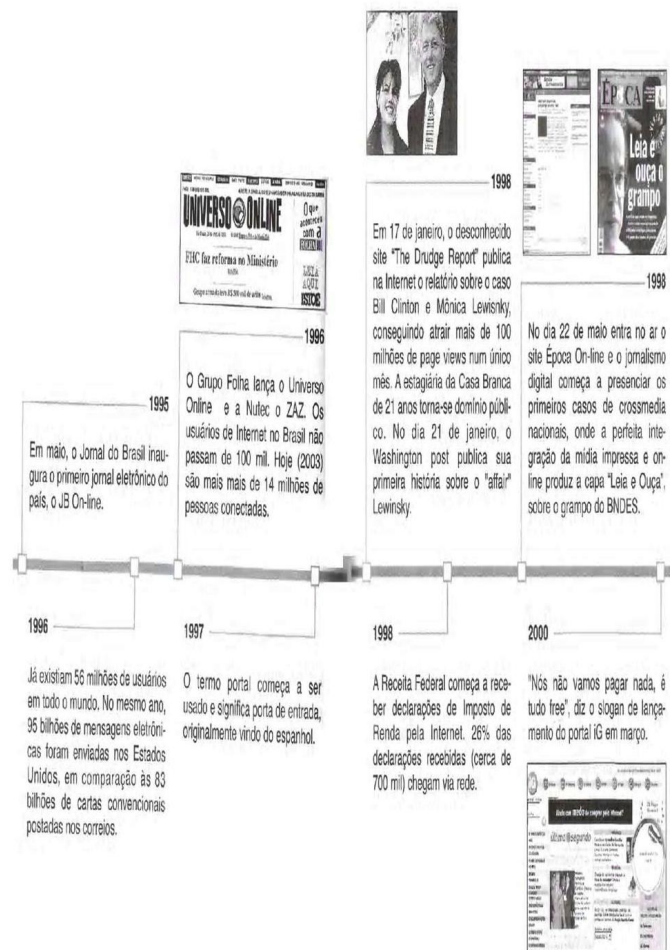


FIGURA 04.2 – Comportamento cronológico do avanço da *Internet*

3.4.2 Características e funcionalidades do jornalismo digital

O jornalismo digital representa uma revolução na maneira de apurar, produzir e circular conteúdo jornalístico. Nos dias de hoje, poucos discordam da importância das mídias digitais e de sua funcionalidade no panorama global dos meios de comunicação de massa.

A prática do jornalismo no ciberespaço define-se pelo uso de aparelhos multimídia na pesquisa, produção e distribuição de notícias e infor-

mações. No entanto, devido aos avanços tecnológicos, a sua definição está em constante transformação.

Ainda na década de 1990, o termo jornalismo digital ou ciberjornalismo correspondia as versões desenvolvidas para *Web* dos jornais impressos. Destacamos que,

contudo, esse panorama mudou. Atualmente, os sites noticiosos passaram a não somente reproduzir o conteúdo divulgado em sua versão impressa, mas também a disponibilizar informações adicionais sobre o assunto que não foram incluídas na versão impressa ou, informações complementares como por exemplo: vídeos, animações, entre outros recursos multimídia. Ou seja: o meio digital propicia a viabilização de produzir e distribuir conteúdo multimídia de forma rápida e precisa a fim de possibilitar a interatividade e com isso, despertar o interesse e a participação do público. (RASÊRA, 2010, p. 03)

No sentido de atender as necessidades cada vez mais crescentes da sociedade global, os recursos tecnológicos vão sendo desenvolvidos e condicionando acomodações por parte daqueles que, através dos portais, disponibilizam serviços via *Web*.

Ferrari (2009) mostra que os portais podem ser classificados em horizontais e verticais. Os horizontais constituem os maiores volumes de tráfego na rede mundial de computadores. Já os verticais surgiram em 1999 com a busca dos usuários interessados em conteúdo e serviços personalizados.

Eles representam um espaço de interação na *Internet* reconhecido pela especialização do serviço prestado. Trata-se, portanto, de um trabalho especializado ou verticalmente focado em um conjunto de assuntos para uma comunidade de interesses comuns.

“Os portais verticais representam o perfeito casamento entre comunidade e conteúdo, uma vez que permitem personalização e interatividade com o usuário. Apresentam audiência segmentada, com tráfego constante e dirigido. Conseguem a fidelidade do usuário” (FERRARI, 2009, p. 36-37).

Ainda para Ferrari (2009), o conceito de portal remonta a um *site* que precisa reunir certos requisitos, a saber:

- *Ferramentas de busca*: “com o advento dos sites de busca por palavras-chave, os usuários começaram a “surfear” pelas teias da grande rede” (FERRARI, 2009, p. 30-31, grifos da autora);
- *Comunidades*: “conhecer as preferências de consumo e o perfil dos frequentadores ajuda o portal a mensurar o valor do negócio” (FERRARI, 2009, p. 31);
- *Comércio eletrônico (e-commerce)*: “essa seção se assemelha aos *shopping centers*, que, embora ofereçam vários tipos de produtos, dão maior ênfase a determinadas áreas” (FERRARI, 2009, p. 31);
- *E-mail gratuito*: “um dos primeiros recursos para manter um usuário fiel ao portal foram os e-mails gratuitos” (FERRARI, 2009, p. 31);
- *Entretenimento e esportes*: “são as duas áreas de maior visitação nos portais. Em esportes, predomina o conceito de global e local. Em entretenimento, os portais abusam de guias de TV a cabo, cinema e teatro, sites de astros e de “fofocas”” (FERRARI, 2009, p. 31, grifos da autora);
- *Notícias*: “em 1998, os portais norte-americanos passaram a acrescentar noticiário jornalístico as home pages, seja como simples links diretos para os veículos ou por parcerias de conteúdo” (FERRARI, 2009, p. 32);
- *Previsão do tempo*: “informar a previsão do tempo para cidades de todo o planeta, com a probabilidade de mudanças climáticas repentinas” (FERRARI, 2009, p. 32);
- *Chat*: “a possibilidade de agrupar pessoas geograficamente distantes faz com que o chat seja um grande gerador de *page views*²⁷ nos portais” (FERRARI, 2009, p. 32);
- *Discos virtuais*: “são sites que disponibilizam, gratuitamente, um espaço em seus servidores para o usuário armazenar qualquer tipo de arquivo” (FERRARI, 2009, p. 32);

²⁷ “É o número de acessos a uma determinada página da Internet. É usado, geralmente, para medir a popularidade de um site” (FERRARI, 2009, p. 101).

- *Home pages pessoais*: “espaço e ferramentas para que o usuário confeccione sua própria página, seja para expor fotos da família, hospedar um trabalho escolar ou mesmo colocar seu currículo na rede” (FERRARI, 2009, p. 33);
- *Jogos on line*: “as áreas de entretenimento *on line* são, assim como os *chats*, grandes geradoras de *page views*” (FERRARI, 2009, p. 33);
- *Páginas amarelas*: “guias de endereços comerciais separados por assunto. Há portais que criaram suas próprias páginas amarelas, enquanto outros simplesmente transportam o leitor para os sites das empresas geradoras desse tipo de conteúdo” (FERRARI, 2009, p. 33-34);
- *Mapas*: “mapas de ruas, cidades, estradas, tráfego aéreo, enfim, tudo o que o usuário imaginar em matéria de mapas está na rede. A sofisticação do serviço permite, por exemplo, escolher o melhor caminho” (FERRARI, 2009, p. 34);
- *Cotações financeiras*: “portais focados no mercado financeiro transformam suas home pages em verdadeiras ante-salas dos pregões internacionais, com noticiário, bastidores, especulações e todo o tipo de conteúdo pertinente ao assunto” (FERRARI, 2009, p. 34);
- *Canais*: “de conteúdo original ou terceirizado, os canais num portal servem para ajudar o usuário a navegar e demarcam os assuntos estratégicos para a solidez do portal como negócio” (FERRARI, 2009, p. 34);
- *Mapa do site*: “mapa do site com todos os nomes dos canais, seções e serviços, normalmente dispostos em ordem alfabética e todos os gráficos por links” (FERRARI, 2009, p. 34) e
- *Personalização*: “produtos e serviços customizados às suas necessidades” (FERRARI, 2009, p. 35).

Nesse momento, é oportuno destacarmos que, didaticamente, consideramos portais todos os *sites* de conteúdos jornalísticos utilizados

como fontes de investigação neste trabalho, embora que não seja contemplado um ou outro tópico defendido por Ferrari (2009) como requisitos fundamentais para que um *site* constitua-se um portal.

Pautamos nosso posicionamento tendo como referência as palavras de Pinho (2003):

o conceito de portal, relacionado com a Internet, nasceu no começo de 1998, para designar os sites de busca que, além dos diretórios de pesquisa, começaram a oferecer serviços de e-mail gratuito, bate-papo em tempo real e serviços noticiosos. **Hoje os portais são entendidos como todo e qualquer site que sirva para a entrada dos usuários na World Wide Web**, a primeira parada a partir da qual os internautas decidem os passos seguintes na rede mundial. (PINHO, 2003, p. 122, grifos nossos)

Por se tratar do uso da linguagem em contexto digital, convém apresentarmos, com base em Ward (2006), algumas definições de termos que configuram a interação social no ciberespaço, a saber: digital, *online*, *Internet* e *Web*.

DIGITAL – é a linguagem que separa todas as informações a partir de uma sequência binária de dígitos (*Bits*), transportando-as por um fio, cabo ou frequência de transmissão.

ONLINE – termo genérico utilizado para descrever o acesso, a recuperação e/ou a disseminação das informações contidas no suporte digital:

se você estiver sentado em sua casa e acessa a Internet por meio de um modem e linha telefônica, você estará *online*. Similarmente, se um jornal tiver um *website* para complementar suas edições publicadas no papel, isso é considerado como uma versão *online* do jornal impresso. (WARD, 2006, p. 09)

INTERNET – a *Internet* não se constitui apenas a World Wide Web (Web). A *Internet* é a infraestrutura que possibilita aos computadores se comunicarem entre si e por todo o globo terrestre. Por isto, ela é também conhecida pelo nome de rede mundial de computadores.

WORLD WIDE WEB – por sua vez representa a interface que permite às pessoas, por meio da *Internet*, compartilhar dados, textos gráficos, sons e outros documentos.

Em se tratando das características do jornalismo digital é possível afirmar que há mais informações na *Web* do que seria permitido encontrar em outro suporte de veiculação de conteúdo. Isto é o que caracteriza a noção de hipertexto, cuja informação é gerenciada pelos *websites* hospedados na rede.

Do ponto de vista do acesso à informação, o que torna o jornalismo digital diferente dos demais veículos, conforme Ward (2006), baseia-se em duas etapas pontuais, mas não excludentes: pesquisa e reportagem *on line* e *on line* como meio de publicação.

Na primeira, o usuário ao pesquisar uma matéria pode ter diferentes fontes, podendo, também, acessar notícias e reportagens anteriores. Refere-se, portanto, a um espaço em que é viável alcançar variedades de fontes, grande quantidade de dados, velocidade e acesso a debates, diálogos e conhecimentos através das ciberdiscussões.

A segunda etapa contempla novas possibilidades de disseminação das informações atravessadas pelo imediatismo, pela paginação múltipla, uso de recursos multimídia, plataformas de distribuição flexível, arquivamento de dados etc.

São bem-vindas as palavras de Pinho (2003):

A *Internet* é uma ferramenta de comunicação bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais – televisão, rádio, cinema, jornal e revista. Cada um dos aspectos críticos que diferenciam a rede mundial dessas mídias – *não-linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção e de veiculação, interatividade, pessoalidade, acessibilidade e receptor ativo* – deve ser mais bem conhecido e corretamente considerado para o uso adequado da *Internet* como instrumento de informação. (PINHO, 2003, p. 49, grifos nossos)

Nesse sentido, a *não-linearidade* difere o acesso ao conteúdo disposto no suporte impresso do visualizado na tela do monitor. O papel conduz a uma leitura linear do material textualizado. “Já a informação alojada na *Internet* é não-linear. Nela, o hipertexto permite que o

usuário se movimenta mediante as estruturas de informação do site sem uma sequência predeterminada, mas sim saltando entre os vários tipos de dados de que necessita” (PINHO, 2003, p. 50).

Sobre a *fisiologia*, o autor menciona que a tela do computador afeta a visão humana diferentemente do suporte papel. Ao se ler à luz do monitor, “os nossos olhos piscam menos do que as 16 vezes por minuto com a vista relaxada, o que pode levar a uma maior incidência de fadiga visual (ardência, visão embaçada ou embaralhada) e dores de cabeça” (PINHO, 2003, p. 51).

A *instantaneidade* ajuda na definição da mídia digital através da velocidade atingida pela transmissão de mensagens e arquivos. A rede mundial de computadores permite a transferência de dados em frações de segundos.

A *dirigibilidade* consiste no fato de que, na *Internet*, a informação pode ser dirigida para a audiência sem nenhum filtro, como normalmente ocorre nas mídias impressas e eletrônicas através da figura dos editores.

No que se refere à *qualificação*,

a Internet apresenta um público jovem e qualificado, com alto nível de escolaridade, elevado poder aquisitivo e um perfil ocupacional em que predominam as posições de empresário, executivo e autônomo. Por essas características, a audiência da Internet deve merecer a atenção também como importante formadora de opinião. (PINHO, 2003, p. 53)

Os *custos de produção e de veiculação* são, relativamente, pouco dispendiosos se comparados aos da produção televisiva e da mídia impressa.

No tocante à *interatividade*, o internauta tem uma relevante expectativa de interação: “a interatividade da rede mundial é muito valiosa para os que queiram dirigir mensagens e informações específicas para públicos de interesse. Na Internet, a organização não está falando *para* uma pessoa, mas sim conversando *com* ela” (PINHO, 2003, p. 54, grifos do autor).

A distinção semântica das preposições essenciais *para* e *com*, enfatizadas pelo autor, demonstra bem a noção de hipertexto que investe

na perspectiva de ciberleitor participante e, não simplesmente, de um receptor desprovido de ações situadas.

A *personalidade* é um aspecto norteador da interação na *Web*, uma vez que a *Internet* guarda uma relação direta com o processo de interatividade, tornando a comunicação cada vez mais pessoal.

A *acessibilidade* diz respeito ao fato de que um *site* encontra-se disponível ao acesso dos usuários 24 horas por dia, 07 dias por semana e 12 meses por ano.

O *receptor ativo* comunga com a ideia de interatividade e de ciberleitor participante, em que o público busca a informação de maneira ativa, contrariamente da televisão, por exemplo, cuja mensagem é conduzida na sala – ou em outro espaço físico – a um telespectador passivo²⁸.

Destacamos, então, como características do jornalismo digital:

- Interatividade – a informação *on line* faz com que o ciberleitor sinta-se parte do processo;
- Customização do conteúdo/Personalização – produtos jornalísticos configurados de acordo com interesses individuais dos usuários;
- Hipertextualidade – traz a possibilidade de interconectar textos através de *links*;
- Multimídia/Convergência – trata-se da convergência dos formatos da mídia e
- Memória – o volume de informação disponível ao usuário é consideravelmente maior no jornalismo *on line* e no webjornalismo do que em outros suportes de mídias.

Outro fator que queremos destacar nesta discussão é que jornalismo digital não pode ser definido como o simples trabalho de colocar matérias das mídias impressas e eletrônicas na *Internet*. Reconhecemos que esta prática remonta as origens do trabalho jornalístico divulgado na

²⁸ Nesta discussão não entra o contexto da TV Digital por dois motivos: 1 – ter, ainda, acesso limitado e 2 – não constituir-se objeto de investigação desta pesquisa.

rede mundial de computadores, como mostrado neste capítulo no tópico 3.4.1 – Origens do jornalismo digital no Brasil.

Concordamos com Ferrari (2009) quando elucida:

A Internet ainda está em gestação, a caminho de uma linguagem própria. Não podemos encará-la apenas como uma mídia que surgiu para viabilizar a convergência entre rádio, jornal e televisão. A Internet é outra coisa, uma outra verdade e conseqüentemente uma outra mídia, muito ligada à tecnologia e com particularidades únicas. Ainda estamos, metaforicamente, saindo da caverna. (FERRARI, 2009, p. 45)

A maioria dos sites jornalísticos surgiu como meros reprodutores do conteúdo publicado em papel. Apenas numa etapa posterior é que começaram a surgir veículos realmente interativos e personalizados. O pioneiro foi o norte-americano *The Wall Street Journal*, que em março de 1995 lançou o *Personal Journal*, veículo entendido pela mídia como sendo o “primeiro jornal com tiragem de um exemplar”. O princípio básico desse jornal era enviar textos personalizados a telas de computadores. A escolha do conteúdo e a sua formatação seriam feitos pelo próprio assinante, conforme suas preferências de leitura – depois de escolher suas áreas de interesse, ele receberia, por meio de uma mensagem eletrônica, um portfólio pessoal com notícias sobre tudo aquilo que escolheu. (FERRARI, 2009, p. 23, grifos de autora)

Nesses termos, o ciberespaço começou a moldar produtos editoriais interativos. Consiste em mais um suporte que o jornalismo encontrou território de atuação, assim como surgiram, ao longo da história da mídia, o rádio e a televisão em tempos cronologicamente distintos.

“No espaço mediático, as características do jornalismo na Web aparecem, majoritariamente, como continuidades e potencializações e não necessariamente como rupturas em relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores” (PALÁCIOS, 2004, p. 88).

Sobre as atividades peculiares do jornalismo digital é preciso, ainda, definirmos algumas questões terminológicas. Para tanto, destacamos o

estudo realizado por Mielniczuk (2003) que trata de uma sistematização de terminologias do jornalismo na *Web*.

Na visão dessa pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria – Rio Grande do Sul –, a sistematização dos meios tecnológicos é fator preponderante na denominação do tipo específico da prática jornalística em tempos cibernéticos.

A seguir, reproduzimos o quadro apresentado por Mielniczuk (2003) a respeito das nomenclaturas sobre a produção e disseminação da informação no jornalismo da *Web*.

Nomenclatura	Definição
Jornalismo eletrônico	utiliza de equipamentos e recursos eletrônicos
Jornalismo digital ou Jornalismo multimídia	emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de <i>bits</i>
Ciberjornalismo	envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço
Jornalismo <i>online</i>	é desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real
Webjornalismo	diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a <i>web</i>

QUADRO 03 – Resumo das definições de nomenclaturas sobre práticas de produção e disseminação de informação no jornalismo contemporâneo

A autora define o âmbito eletrônico como o mais abrangente, por compreender a aparelhagem tecnológica das atividades jornalísticas. Nesta aparelhagem estão câmeras fotográficas digitais, gravadores de som, ilhas de edição etc.

O jornalismo digital pode ser também denominado de jornalismo multimídia, uma vez que trabalha com a manipulação conjunta de dados digitalizados através de uma linguagem em forma de *bits*.

O ciberjornalismo²⁹ remete-se ao jornalismo realizado através do

²⁹ Neste trabalho entendemos como sinônimos os termos jornalismo digital e ciberjornalismo. Reconhecemos a diferenciação estabelecida por Mielniczuk (2003), mas preferimos uniformizar os termos tendo como referências os estudos de Ferrari (2009), Pena (2008) e Pinho (2003) que, por sua vez, não estabelecem tal diferenciação terminológica.

auxílio de possibilidades tecnológicas oferecidas pela cibernética. A nomenclatura *on line* – traduzindo para a Língua Portuguesa, em linha – reporta à ideia de conexão em tempo real, ou seja, fluxo de informação contínuo e quase instantâneo.

Com relação ao webjornalismo, Mielniczuk (2003) explica que trata de uma parte específica da *Internet*. A nomenclatura encontra-se relacionada com o suporte técnico: para designar o jornalismo desenvolvido para a televisão, utilizamos telejornalismo; o jornalismo desenvolvido para o rádio, chamamos de radiojornalismo e chamamos de jornalismo impresso àquele que é feito para os jornais impressos em papel.

3.4.3.1 O jornalismo *on line*

Dentro das atividades do jornalismo digital situamos o jornalismo *on line*, aquele em que as empresas de comunicação de massa utilizam-se da *Web* para divulgarem seus produtos editoriais.

Nele, as publicações mantêm as particularidades essenciais dos veículos que lhes deram origem. Desta forma, refere-se a uma simples transposição do modelo existente no seu ambiente tradicional para um novo suporte (CANAVILHAS, 2008).

Para Borges (2009), o acesso gratuito ao mesmo conteúdo dos jornais impressos, a exploração de recursos multimídia, como a publicação de material audiovisual (hipertexto, inclusão de vídeos, galerias de imagens, infográficos animados, áudio), e atualização constante do veículo tornam o jornal *on line* dinâmico e atraente.

Vejam nas Figura 05 – Página inicial do portal do Sistema Paraíba de Comunicação (TV) –, Figura 06 – Página inicial do telejornal “Bom Dia Paraíba” –, Figura 07 – Página inicial do portal da TV Correio – e Figura 08 – Página inicial do portal da Rádio Campina FM (93.1) – exemplos de situações concretas de comunicação e interação sociais no âmbito das práticas do jornalismo *on line*:



FIGURA 05 – Página inicial do portal do Sistema Paraíba de Comunicação (TV)

Ao clicar no *link* “Bom Dia Paraíba”, o internauta é conduzido à página que traz os conteúdos da programação do dia daquele telejornal, como veremos na Figura 06 – Página inicial do telejornal “Bom Dia Paraíba”.



FIGURA 06 – Página inicial do telejornal “Bom Dia Paraíba”



FIGURA 07 – Página inicial do portal da TV Correio

Como vemos nas Figuras 05, 06 e 07, os materiais produzidos e publicados nas mídias televisivas são hospedados na rede mundial de computadores, sem passarem por um processo de adaptação de suporte. Esta prática é o que caracteriza o jornalismo *on line*. Também podemos conferir esta característica na Figura 08 que apresenta a página do portal da Rádio Campina FM (93.1).



FIGURA 08 – Página inicial do portal da Rádio Campina FM (93.1)

3.4.2.2 O webjornalismo

Conforme Borges (2009), o webjornalismo apresenta um grau de amadurecimento notável e acompanha a adequação de profissionais e leitores à lógica peculiar de funcionamento da *Internet*, marcada pela velocidade de fluxos de informação e pelo potencial interativo.

Canan (2007) nos esclarece:

Há uma mudança significativa no papel do receptor da mensagem vista na forma clássica da comunicação. Há mais condições de este receptor tentar entender a informação por vários ângulos, principalmente com as novas perspectivas de interatividade. Sem falar na possibilidade de, não satisfeito com o que a matéria oferece, o receptor poder optar por buscar mais informações em outros websites. (CANAN, 2007, p. 143)

A busca de conteúdos no ciberespaço disponibiliza grande quantidade de informação, com o recurso de permitir ao ciberleitor o acesso apenas ao que lhe interessa e na(s) fonte(s) que lhe(s) convier(em).

“Para o pai do hipertexto, Ted Nelson, o conceito de texto elástico (*stretch text*), aquele que se expande e se contrai conforme as solicitações do leitor, faz com que o internauta assuma o comando de ação (...) como se estivesse em uma grande biblioteca digital” (FERRARI, 2009, p. 43).

Desse modo, a construção narrativa do hipertexto distancia-se da narrativa linear presente nos textos impressos ou nos produzidos para as mídias impressas e eletrônicas. Pensar na informação webjornalística não significa desprezar as experiências do jornalismo vivenciadas ao longo da história, mas reconhecer as peculiaridades da informação hipermediática.

No que concerne à redação jornalística, a pirâmide invertida é uma das técnicas fundamentais do jornalismo escrito, como nos mostra a Figura 09 – Pirâmide invertida (CANAVILHAS, 2007).

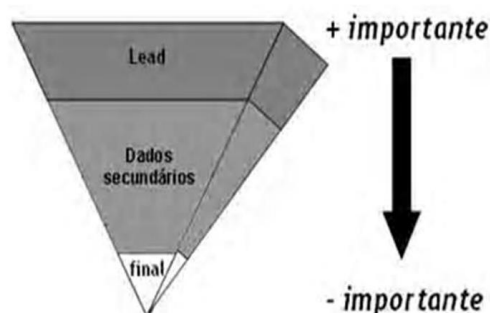


FIGURA 09 – Pirâmide invertida (CANAVILHAS, 2007)

A técnica da pirâmide invertida trabalha com a assertiva de que a redação de uma notícia inicia pelos aspectos mais importantes – o *lead*: o que?, quem?, onde?, como?, quando? e por que? –, seguido de informações complementares – os *dados secundários*.

Pela natureza interativa do hipertexto, essa técnica é reconhecida, mas considerada limitadora, uma vez que “usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma de suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação” (CANAVILHAS, 2007, p. 30).

No suporte não hipermediático, o jornalista limita-se às questões espaciais e de duração (nas mídias impressas – jornal e revistas – e eletrônicas – rádio e televisão –, respectivamente). Na divulgação de conteúdos jornalísticos, de modo específico, a *Web* oferece novos horizontes de leitura, através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação.

Dentro desse contexto, Canavilhas (2007) mostra-nos que a arquitetura textual no webjornalismo sugere uma pirâmide deitada, conforme apresentado na figura a seguir

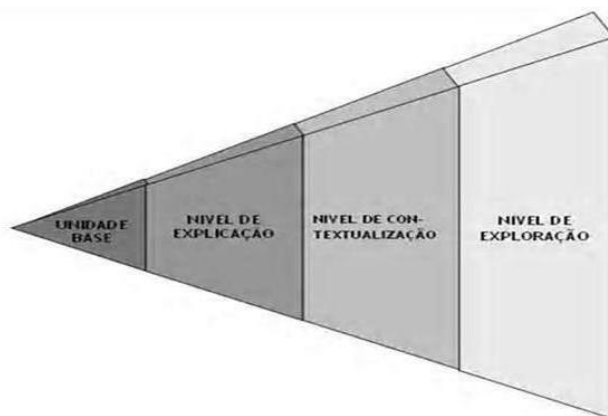


FIGURA 10 – Pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2007)

Segundo Canavilhas (2007), na *Unidade Básica* encontra-se o *lead*. Este texto inicial poderá evoluir, ou não, para um formato mais elaborado – o *Nível de Explicação* – que completa a informação essencial sobre o acontecimento.

No *Nível de Contextualização* é oferecida mais informação em outros formatos multimídia, como vídeos, som, infografias animadas e outros. O *Nível de Exploração* liga o texto jornalístico ao arquivo da publicação ou aos arquivos externos.

A pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimédia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia. (CANAVILHAS, 2007, p. 39)

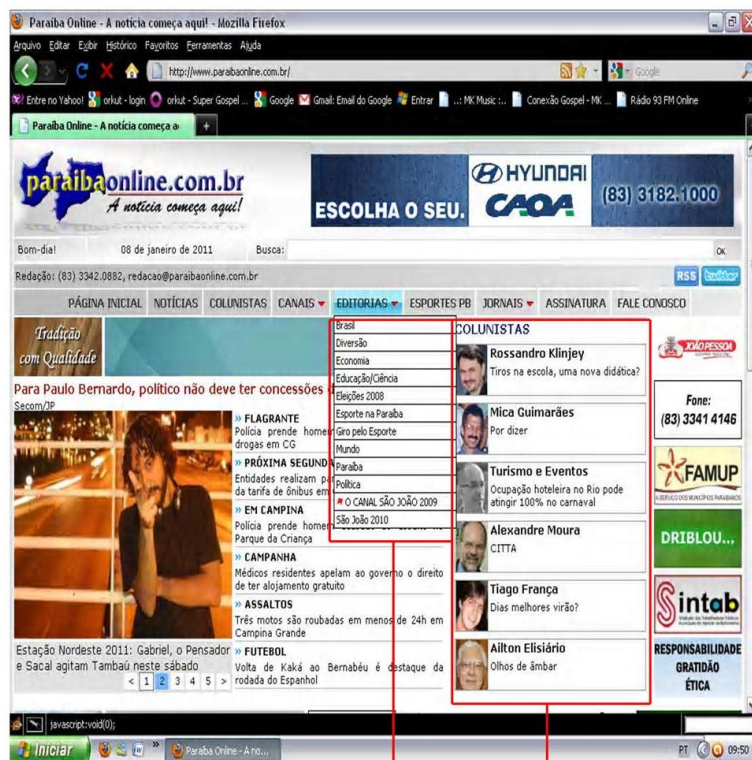
É importante ressaltarmos que não se constitui objetivo deste trabalho realizar um estudo mais aprofundado a respeito da arquitetura textual nas atividades linguageiras do webjornalismo. No entanto, julgamos necessária esta discussão trazida por Canavilhas (2007), sobre a pirâmide deitada, para a produção hipertextual do jornalismo na *Web*. Tal discussão nos estimula a prosseguir com novos olhares sobre o tema e, conseqüentemente, enveredar em pesquisas futuras seguindo esta linha teórico-metodológica.

A seguir, apresentaremos as Figuras 11, 12, 13, 14 e 15³⁰ que mostram o trabalho do jornalismo digital vinculado às especificidades do webjornalismo.

³⁰ Por questões estéticas, optamos neste parágrafo não trazer as nomenclaturas de cada figura.



FIGURA 11 – Página inicial do portal PB Já



Ao clicar no link “Editorias” aparecerá uma barra contendo as linhas editoriais. Após a escolha, o ciberleitor navegará até o espaço da editoria desejada, como nos mostra a Figura 13 – Página da editoria política do portal Paraiba On line.

Colaboradores do portal Paraiba On line. Clicando em determinado colunista, o usuário da rede terá acesso ao arquivo de matérias produzidas por este profissional.

FIGURA 12 – Página inicial do portal Paraiba On line

Paraiba Online - A notícia começa aqui! - Mozilla Firefox

http://www.paraibaonline.com.br/noticias.php?data=2011-01-03&editoria=318&Submit=Enviar

Paraiba Online - A notícia começa aqui!

TECNOLOGIA

Bom-dia! 08 de janeiro de 2011 Busca: OK

Redação: (83) 3342.0882, redacao@paraibaonline.com.br

PÁGINA INICIAL NOTÍCIAS COLUNISTAS CANAIS EDITORIAS ESPORTES PB JORNAIS ASSINATURA FALE CONOSCO

ACESSE AQUI!

NOTÍCIAS - 08 de janeiro de 2011

- 23h23 Ricardo cobra empenho de auxiliares para melhorar serviço público no Estado
- 23h19 Olimpio sobre eleição na CMCG: "Há um sentimento de não aceitação desse processo"
- 22h06 Lacerda destaca habilidade política de Ricardo Coutinho
- 21h12 Ricardo se reúne com MP e assina TAC para garantir equilíbrio financeiro do Estado
- 20h22 Damiano Feliciano fala sobre o novo secretariado do Estado
- 18h52 Romero: "A oposição de CG tem que se colocar no seu lugar e fazer o seu papel"
- 17h06 Renato Feliciano afirma que usará juventude para exercer sua função
- 16h02 "Não queremos mudanças apenas nos discursos", avisa Ricardo na posse do secretariado
- 15h56 Cássio comparece à posse do secretariado e fala sobre a definição da sua diplomação
- 15h00 Jornal econômico destaca ajuste fiscal anunciado por Ricardo Coutinho
- 13h55 Salários do governador, vice e secretários estão congelados

Dias anteriores »

Data: Jan 3 2011

Editoria: Política Enviar

Indicação da editoria política do Paraiba On line.

Ao selecionar o título da matéria, o ciberleitor, a partir de um *click*, terá acesso ao conteúdo na íntegra.

FIGURA 13 – Página da editoria política do portal Paraiba On line



Recurso em vídeo que reforça a ideia de suporte hipertextual: a relação verbo-voco-visual que adere à perspectiva multimodal e hipermediática do ciberespaço.

FIGURA 14 – Página inicial do portal Paraíba 1



FIGURA 15 – Página inicial do Portal Correio

Antes de encerrarmos este capítulo, faz-se necessário ressaltarmos que a apresentação das Figura 05 – Página inicial do portal do Sistema Paraíba de Comunicação (TV) –, Figura 06 – Página inicial do telejornal “Bom Dia Paraíba” –, Figura 07 – Página inicial do portal da TV Correio –, Figura 08 – Página inicial do portal da Rádio Campina FM (93.1) –, Figura 11 – Página inicial do portal PB Já –, Figura 12 – Página inicial do portal Paraíba *On line* –, Figura 13 – Página da editoria política

do portal Paraíba *On line* –, Figura 14 – Página inicial do portal Paraíba 1 – e Figura 15 – o Página inicial do Portal Correio – funcionou para mostrar, embora que de forma tímida, a atuação destas duas especificidades do jornalismo digital: jornalismo *on line* e webjornalismo.

A discussão não se esgota na diferenciação terminológica e, como já mencionamos, ela pode direcionar outras perspectivas de abordagens que, certamente, sinalizariam outras categorias de análise.

Nossa intenção principal consistiu em dialogar sobre as características hipertextuais do jornalismo na *Web*. As especificações jornalismo *on line* e webjornalismo representaram o posicionamento teórico-metodológico-analítico – e também didático – que norteou, neste trabalho, o eixo de reflexão sobre o suporte digital nas atividades contemporâneas do jornalismo.

Sob essa perspectiva, concluímos que o jornalismo *on line* representa a circulação do material jornalístico preparado, a princípio, para outro suporte de mídia, como a televisão e a revista, por exemplos. Há, então, um processo de transferência de suporte. Enquanto que o webjornalismo significa a atividade jornalística pensada, produzida e circulada, especificamente, para/na *Web*, isto é, webjornalistas são profissionais contratados para trabalharem com a produção de material midiático para empresas de comunicação vinculadas, de forma situada, a ambientes virtuais.

A respeito do conceito de convergência entre mídias, apontado na Figura 15 – Página inicial do Portal Correio –, é oportuno esclarecermos que comungamos com a ideia de que a convergência midiática refere-se a um processo de integração dos meios de comunicação tradicionalmente separados e que envolve empresas, tecnologias, profissionais e público em todas as fases de produção, distribuição e consumo de conteúdos de qualquer tipo (SALAVERRÍA, 2007 *apud* RASÊRA, 2010).

Sendo assim, entendemos que na Figura 15 – Página inicial do Portal Correio – há um processo de convergência, pois há a integração entre mídias distintas: webjornalismo ↔ radiojornalismo ↔ telejornalismo (embora que estejam, neste contexto, inseridas no suporte do ciberespaço!). Diferentemente, do que ocorre na Figura 07 – Página inicial do portal da TV Correio –, pois, nesta situação, há uma transposição de suportes na divulgação de conteúdos da TV para *Web* sem nenhum pro-

cesso de adaptação linguageira, o que, inclusive, demarca as atividades do jornalismo *on line*.

A nosso ver, a convergência midiática da TV para *Web* ocorre quando um telejornal, por exemplo, sugere a seu telespectador a pesquisa em um *site* e/ou portal como forma de esclarecimentos sobre determinado fato ou mesmo a complementação do que foi apresentado na matéria exibida na TV. Esta prática é o que institui a natureza dialógica estabelecida nos princípios que margeiam o conceito de convergência entre mídias.

De modo específico, “a informação no ciberespaço tende a se caracterizar pelo processo e não pelo produto. (...) Essa nova situação comunicativa privilegia o surgimento de informações coletivas, de complexa assinatura, em permanente processo de elaboração” (ALZAMORA, 2004, p. 106).

Nesse sentido, como os avanços tecnológicos também se definem pela noção de processo, consideramos que a relação entre tecnologia e sociedade se fundamenta na construção dinâmica de conhecimento. Nestes termos, se esquivar a esta realidade é praticamente impossível diante das demandas atuais de ações comunicativas.

Tendo como referência o comportamento das práticas sociais de hoje via tecnologias da informação e com a finalidade de verificarmos as experiências dos alunos participantes desta pesquisa no uso da linguagem digital, situamos a discussão realizada no Capítulo IV – A busca de informação pela *Web*: das práticas de leituras de textos jornalísticos às concepções de mídia.

4 A BUSCA DE INFORMAÇÃO PELA WEB: DAS PRÁTICAS DE LEITURAS DE TEXTOS JORNALÍSTICOS ÀS CONCEPÇÕES DE MÍDIA

A mídia tem um papel importante para o conhecimento de um povo. Tem função democrática e informativa, tornando-se um meio de comunicação mais útil. Tornando também a população mais intelectual. Não se pode negar a importância da mídia na modernidade. É a prova da evolução humana e a tecnologia que ela representa, fazendo o mundo se interligar através de um simples "click".

(BRUNA NÁDIA, 2010, ALUNA PARTICIPANTE)

O presente capítulo gira em torno das práticas de leituras de textos jornalísticos pelos alunos envolvidos na pesquisa, especificamente em ambientes virtuais, discutindo quais as concepções que estes alunos têm de mídia.

Desse modo, a abordagem apresentada responde ao objetivo específico da pesquisa elencado no item A): “*Identificar as práticas sociais de linguagem (e de linguagem digital) dos alunos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral envolvidos na pesquisa, no que diz respeito ao hábito de leitura de textos da esfera jornalística, bem como as suas concepções de mídia*”.

4.1 O ciberespaço e as práticas de leituras dos alunos envolvidos na pesquisa: o que os dados nos revel(ar)am?

4.1.1 Um olhar sobre as práticas de leitura dos alunos

A leitura é uma atividade sociointeracionista e, como tal, extremamente vinculada às experiências sociocognitivas dos indivíduos. Para conceituarmos leitura, partimos da seguinte concepção:

A leitura constitui-se como uma atividade que envolve o indivíduo em um projeto que transcende os dados da experiência concreta individual como leitor, favorecendo o

desenvolvimento de uma perspectiva desenraizada do contexto imediato, projetada para o futuro, liberando o leitor para construir novas possibilidades de ação. (SILVA, 2008, p. 143)

Desse modo, pensar em leitura corresponde a entendê-la como uma ação humana de construção de redes de sentidos. Ela (a leitura) evidencia-se pela oportunidade concedida aos sujeitos sociais de tecerem impressões, produzirem conhecimentos e agirem criticamente através de estratégias sociocognitivas.

Com o avanço da tecnologia da comunicação e da informação surgiram novos ambientes para se desenvolver leituras ou, em outras palavras, novas condições ou contextos de produção. Destacamos, assim, a prática social da leitura em ambientes digitais, que requer do indivíduo uma postura hipermediática. Hiper por remeter as características de navegação e interação inerentes aos espaços virtuais, segundo a discussão realizada no Capítulo III – Jornalismo Digital: a produção e a circulação de informações no ciberespaço.

Situando a questão da leitura “nos oceanos da *Internet*”, parafraseando o título do livro organizado por Silva (2003), remetemo-nos ao que argumentam Lima e Nascimento (2010):

Problematizar a leitura através da internet significa enfatizar uma temática complexa que não se restringe à necessidade de “alfabetização digital”. Na verdade, ler através do computador representa para os indivíduos mais do que uma iniciação nos domínios tecnológicos que lhes permita lidar com a máquina. O ambiente virtual criado pelo novo suporte tecnológico exige dos leitores habilidades específicas de decodificação, compreensão, atenção e interesse que os impeçam de se perder nos labirintos das informações disponibilizadas. Assim, a internet possibilita uma perspectiva interativa, relacional e circular com a construção do conhecimento. (LIMA; NASCIMENTO, 2010, CD-ROM sem numeração de página, grifo das autoras)

Na tentativa de problematizarmos a leitura em domínios tecnológicos e a navegação em seus “labirintos da informação” chamamos os

dados da pesquisa realizada. A seguir, apresentamos as análises extraídas das perguntas contidas no questionário sociocultural aplicado com os 15 alunos que participaram do primeiro encontro, em 16/09/2010.

Você tem computador conectado à *Internet* em casa?

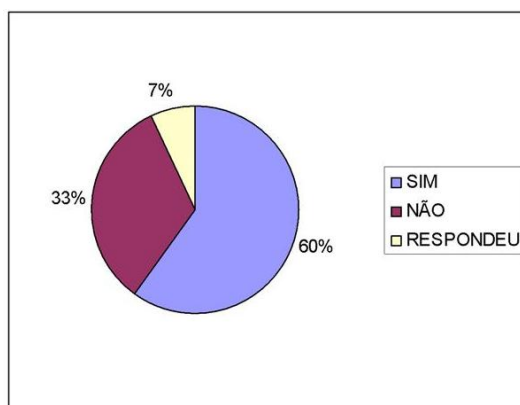
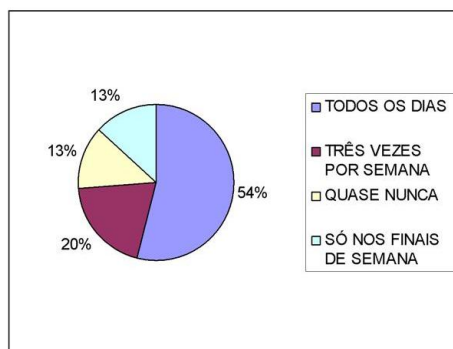


GRÁFICO 04 – Acesso a computador conectado à *Internet*

De acordo com os dados, 60% dos alunos têm acesso à *Internet*. Esta realidade mostra que a linguagem digital está ao alcance das atividades diárias destes alunos. Como vemos, mais da metade afirmou ter computador em casa. No entanto, há uma parcela que expõe não ter acesso à *Internet* em casa, o que representa 33% dos alunos participantes deste estudo.

Acreditamos que, em razão de não possuírem computador em casa conectado a rede mundial de computadores, ainda assim, os alunos (33%) não se privam das interações sociais vivenciadas em ambientes digitais. Para tanto, utilizam-se de estratégias como casas de parentes, vizinhos, *lan houses*, ou até mesmo, quando há oportunidades, dos espaços disponibilizados pela escola, através do laboratório de informática.

Em decorrência da realidade mostrada no Gráfico 4 – Acesso a computador conectado à *Internet* –, a periodicidade destes alunos com uso da *Internet* é diária. Evidenciamos este dado a partir da leitura do gráfico a seguir.

Você usa a Internet?GRÁFICO 05 – Uso da *Internet*

54% dos alunos declararam ter o contato diário com os recursos disponibilizados pela Internet. Esta porcentagem está contida entre os 60% dos alunos que apontaram ter computador em casa ligado a rede mundial de computadores, conforme o Gráfico 04 – Acesso a computador conectado à *Internet*.

A prática de leitura em ambientes digitais por esses alunos é significativa. Eles destacaram que promovem, pelo menos três vezes por semana ou nos finais de semana, atividades de leituras através da *Web*.

Esses dados nos remetem ao que Pereira e Xavier (2007) atestam:

Esses alunos são sujeitos que promovem interações através do discurso eletrônico e, nesse sentido, reconhecem a importância, seguida da necessidade, de hoje em dia se evidenciar ações de linguagem via computador. O uso da linguagem mediado pelo computador é uma realidade que chegou e já se consolidou nas práticas sociais (...) Esse fato nos faz corroborar a afirmação de que as práticas comunicativas, realizadas em ambiente virtual, estão cada vez mais tomando espaço e condicionando as pessoas a agirem socialmente através de seus recursos. Por isso, o letramento digital é algo que precisa ser constantemente utilizado nas atividades mais corriqueiras do mundo moderno. (PEREIRA; XAVIER, 2007, CD-ROM sem numeração de página)

Ainda a respeito do Gráfico 05 – Uso da *Internet* – é preciso considerar os 13% que destacaram quase nunca usarem a *Internet*. Esta informação nos faz inferir duas possibilidades de interpretações: 1) a falta de acesso diário à *Internet* e 2) a resistência às movimentações/práticas que perpassam os avanços tecnológicos e que, conseqüentemente, se inserem nas atividades sociais, organizando-as e demarcando ações.

No que se refere às práticas de leituras de textos jornalísticos desses alunos, dentre os veículos de comunicação de massa, a televisão alcançou 46% das respostas. Aqui entendemos a prática de assistir televisão como uma atividade de leitura audiovisual.

O gráfico a seguir nos informa esse dado.

Qual é o meio utilizado por você para se manter informado(a) sobre os acontecimentos atuais?

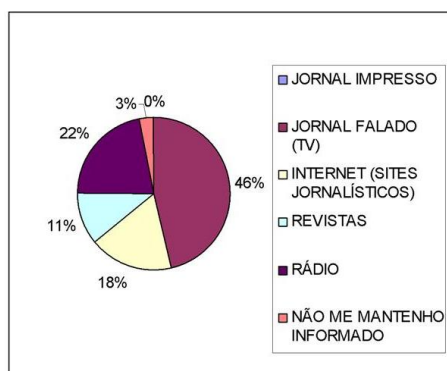


GRÁFICO 06 – Uso dos meios de comunicação de massa

Dentre os veículos de comunicação de massa mais utilizados pelos alunos para se manterem informados estão o jornal falado (46%) e o rádio (22%). Os *sites* jornalísticos entram como terceira alternativa pela busca de informação (18%), seguida da revista (11%).

Um dado que nos chamou a atenção deve-se ao fato de o jornal impresso não obter nenhum percentual dos veículos de comunicação de massa utilizados por esses jovens para se comunicarem. Este indício sinaliza que o jornal impresso ainda é considerado por alguns setores sociais um meio de comunicação inacessível, dado ao caráter do mercado global.

Destacamos a expressiva relação entre mídia e novas tecnologias, reconhecendo a interferência ou os impactos destas inovações na comunicação social. A construção de sentidos faz parte de qualquer trabalho de natureza cognitiva e insere-se em qualquer tarefa interpretativa a respeito do mundo. O viver em sociedade já carrega consigo este processo, pois atribuímos sentido ao que vemos e ao que sentimos mediante experiências coletivas (Paulo Freire já dizia que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra!).

Nesse caso, as novas tecnologias não apenas instituem novos sentidos para o jornalismo, mas para as vivências sociais em seus múltiplos formatos, desdobramentos e circunstâncias.

O jornalismo na contemporaneidade tende a adotar/incorporar novos padrões de construção, novas mentalidades de produção. Assim, na tentativa de entender o jornalismo hoje é preciso, antes de qualquer coisa, cultivar uma abertura crítica que permita compreender as mudanças sofridas pela profissão na interpretação das referências sociais que vivenciamos. Na visão das formadoras, o que se verifica é a existência de suportes diferenciados de veiculação ou divulgação de materiais jornalísticos que, de maneira natural, se adaptam às necessidades comunicativas do cenário mundial contemporâneo, como, por exemplo, as práticas jornalísticas divulgadas em ciberespaços. (NASCIMENTO; SAMPAIO, 2010, p. 09³¹)

O que se verifica é a existência de suportes diferenciados de veiculação ou divulgação de materiais jornalísticos que, de maneira natural, se adaptam às necessidades comunicativas do espaço mundial contemporâneo. Como forma de exemplificar essa assertiva, chamamos a

³¹ Extraída da entrevista concedida pelas professoras do Departamento de Comunicação Social da UEPB, Doutora Robéria Nádia Araújo Nascimento e Mestra Giseli Sampaio, aos jornalistas em formação inicial Manassés Moraes, Kácia Neiva e Maria Luziane Sousa, que resultou na reportagem intitulada “Mídia e Tecnologia: do impresso ao virtual – será esse o fim do jornalismo tradicional?”, publicada na Revista Impressões em agosto de 2010. A Revista Impressões é um produto laboratorial produzido pelos alunos do 4º ano do Curso de Comunicação Social da UEPB (2010.2) e orientado pelo Professor Mestre Arão de Azevêdo, nas atividades da disciplina Planejamento Gráfico e Editoração.

opinião de um dos alunos participantes sobre a relação mídia e tecnologia, extraída do Anexo A – Textos dos alunos sobre a relação mídia ↔ sociedade:

FRAGMENTO 01

De forma com que nunca mais se acabe e sim se modernize através dos avanços acontecidos e o fim seja quando haja o fim de tudo o planeta ou de toda a sociedade.
(Por Kássia Larissa)

Assim, defendemos a concepção de que o suporte midiático impresso (especificamente o jornal impresso) é fruto de uma construção social e, deste modo, trata-se de uma questão culturalmente dinâmica que não será abolida. Talvez passe por adaptações ou repaginações que, de maneira criativa, acompanhe as atuais formas de consumo da informação, como a tecnológica que hipertextualiza as práticas de leitura.

O uso da *Internet* como busca de informação, mesmo com os recursos interativos e hipertextuais que caracterizam o ambiente virtual, parece não ser uma prática relevante/usual nas atividades dos alunos envolvidos na pesquisa. Quando perguntados sobre a frequência de acesso a sites de conteúdo jornalístico, 60% dos alunos declararam quase nunca utilizarem. Como veremos na leitura do gráfico a seguir.

Com que frequência você acessa *sites* de conteúdo jornalístico?

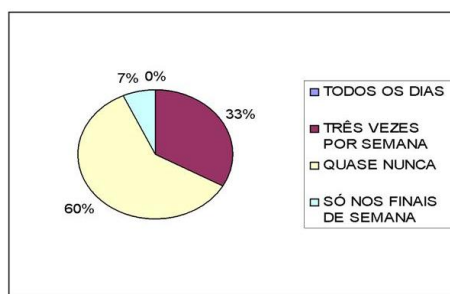


GRÁFICO 07 – Frequência no uso de *sites* jornalísticos

Os 60% dos alunos inseridos nessa realidade nos impulsionam a continuar investindo em ações educacionais de incentivo à leitura de textos jornalísticos, especificamente oriundos do domínio digital.

O próximo gráfico nos esclarece quais as principais finalidades desses alunos no uso da *Internet*.

Quais suas principais finalidades no uso da *Internet*?

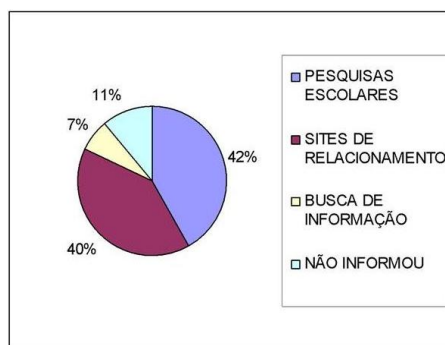


GRÁFICO 08 – Principais finalidades no uso da *Internet*

Como vemos nos dados apresentados pelo Gráfico 08 – Principais finalidades no uso da *Internet* –, pesquisas escolares (42%) e *sites* de relacionamento (40%) somam 82% das finalidades buscadas por esses alunos. O objetivo voltado para informações em ambientes virtuais atinge, apenas, 07% do índice pesquisado. Este dado responde ao questionamento feito no início deste trabalho, a saber: quais as práticas de leituras de jovens/adolescentes no uso da *Internet* como meio de busca de informação?

Essa pergunta gera outra: o que a nova mídia – a dos *sites* e portais jornalísticos, por exemplo – precisa fazer para, logisticamente, atrair ciberleitores ao consumo de informações? Ferrari (2009) menciona que o jornalismo contemporâneo está se moldando a produtos editoriais mais interativos e com qualidades atraentes para os usuários, como custo zero e expressiva abrangência.

Em um texto que trata, especificamente, do trabalho jornalístico e novas tecnologias da informação e comunicação, Machado (2008) esclarece que o treinamento dos jornalistas e dos usuários emerge como uma pré-condição para o acesso com proveito das fontes no ciberespaço devido às particularidades das técnicas de apuração e das funções desempenhadas pelos atores sociais em redes.

O posicionamento do autor revela a necessidade que os sujeitos sociais têm de se adaptarem à realidade do ciberespaço, sob o risco de não usufruírem dos recursos disponibilizados nas atividades desenvolvidas no ambiente virtual.

Sabemos que o acesso à informação na esfera digital propõe liberdade para todos os usuários. Deste modo, podemos inferir que a cibercultura é democrática. No entanto, para compartilhar, democraticamente, dos seus benefícios é preciso que os seus usuários se constituam sujeitos digitalmente letrados, capazes de produzir significados práticos às atividades tecnológicas.

Assim, as construções linguístico-discursivas presentes no ciberespaço evidenciam, de acordo com Xavier (2007), as práticas de linguagem da sociedade de hoje que utiliza diariamente a escrita digital e preenchem as necessidades comunicativas desta sociedade, marcada pela dinâmica tecnológica que consolidou novos e irreversíveis usos da informação.

4.2 Das concepções de mídia dos alunos participantes

Os dados apresentados e discutidos neste tópico estão contidos no Anexo A – Textos dos alunos sobre a relação mídia ↔ sociedade –, que trata das concepções de mídia dos alunos participantes. No sentido de didaticamente apresentarmos tais concepções, elencamos a seguinte sistematização: 4.2.1 Mídia como poder ideológico, 4.2.2 Mídia como agendamento e 4.2.3 Mídia como fonte educadora.

Ressaltamos que os fragmentos apresentados constituem-se de uma proposta de produção textual feita com alunos em que eles escreveriam sobre a relação entre mídia e sociedade, conforme Capítulo I – Um olhar sobre aspectos metodológicos.

Antes de iniciarmos a sistematização estabelecida queremos deixar definido o conceito de mídia que adotamos. Neste sentido, recorremos a Setton (2010) para quem

o conceito de mídia é abrangente e se refere aos meios de comunicação massivos dedicados, em geral, ao entretenimento, lazer e informação – rádio televisão, jornal, revista, livro, fotografia e cinema. Além disso, engloba as mercadorias culturais com a divulgação de produtos e imagens e os

meios eletrônicos de comunicação, ou seja, jogos eletrônicos, celulares, DVDs, CDs, TV a cabo ou via satélite e, por último, os sistemas que agrupam a informática, a TV e as telecomunicações – computadores e redes de comunicação. (SETTON, 2010, p. 14, grifos da autora)

Nesse momento, apresentaremos, na íntegra, a produção textual de uma aluna sobre a relação mídia e sociedade, que, inclusive, encontra-se na epígrafe do presente capítulo.

FRAGMENTO 02

A mídia tem um papel importante para o conhecimento de um povo. Tem função democrática e informativa, tornando-se um meio de comunicação mais útil. Tornando também a população mais intelectual. Não se pode negar a importância da mídia na modernidade. É a prova da evolução humana e a tecnologia que ela representa, fazendo o mundo se interligar através de um simples "click".

A mídia possui o papel de definir os assuntos sobre os quais as pessoas conversam dentro de casa, no ponto de ônibus, na escola ou no trabalho. Desse modo, tem o poder de definir temas, estabelecendo prioridades. Em se tratando de mídia, temos o jornalismo informativo, o investigativo e o opinativo.

Mas, afinal: Qual o papel da mídia na sociedade de hoje? Na sociedade onde "o meio é a mensagem" poucos se dão conta de que a mídia usa seu público para autopromoção e, cada vez mais, esquece seu primeiro, principal e mais belo objetivo de informar e propagar conhecimentos.

(Por Bruna Nádia)

Como percebemos no primeiro parágrafo, para Bruna Nádia, a mídia exerce um papel educativo muito significativo. Isto é comprovado pelo uso de expressões como “importante para o conhecimento de um povo” e “tornando a população mais intelectual”.

No segundo parágrafo, a aluna concebe a mídia como definidora de assuntos “sobre os quais as pessoas conversam”. Esta condição faz

da mídia uma esfera de atividade humana que agenda comportamentos, que organiza pautas de conversas sociais.

Já no terceiro parágrafo verificamos uma crítica que a aluna faz à mídia ao afirmar que os veículos de comunicação de massa, responsáveis pela cultura midiática, usam “*seu público para autopromoção*”. Sob esta ótica, a crítica centra na questão de que, muitas vezes, estes veículos funcionam como uma máquina a favor de tendências ideológicas que visam influenciar a sociedade ou parte dela.

Desse modo, o posicionamento de Bruna Nádia diz respeito ao fato de que, comumente, a mídia se esquece do seu compromisso com a verdade e promove práticas de ação discursiva que vão de encontro a interesses capitalistas. É o que chamam de “Lei de Empresa” no trocadilho com a expressão “Lei de Imprensa”.

Concordamos com Setton (2010) quando escreve:

A cultura da mídia é uma realização da sociedade capitalista. Sua emergência e seu desenvolvimento estão profundamente ligados a uma nova ordem política e econômica específica da modernidade. Ou seja, nasce como produto da industrialização, surge como desdobramento das necessidades de uma sociedade urbana, com grande concentração de grupos sociais de diferentes procedências. (SETTON, 2010, p. 32)

Quando estabelecemos essa relação com o Capitalismo não objetivamos condenar, no todo, tal realização. O que questionamos é o que a aluna chama de “*autopromoção*”. De fato, quando a mídia, especificamente a jornalística, se propõe a informar levando em consideração, única e exclusivamente, o interesse ideologicamente constituído de sua empresa, ela “*esquece seu primeiro, principal e mais belo objetivo de informar e propagar conhecimentos*”, como bem destacou Bruna Nádia.

Queremos destacar a produção de outro aluno. O texto discute as vantagens e as desvantagens das mídias.

FRAGMENTO 03

A mídia, nos mais diversos tipos de meios de comunicação, tem a finalidade de informar o que acontece no país

e no mundo. Transmite as informações que acontecem em determinados lugares, para assim levar ao telespectador notícias que irão formar opiniões pessoais.

Como todas as coisas, a mídia, tem seu lado positivo e negativo, destacando alguns pontos em questão:

Pontos positivos:

- ü É capaz de informar a milhões de pessoas o que se passa no momento exato da transmissão*
- ü Transmite informações necessárias para o benefício da sociedade, tais como: inscrição de vestibular, avisos políticos e eventos sociais.*

Pontos negativos:

- ü Influencia os telespectadores a comprar os produtos através da propaganda, gerando assim, lucros para a empresa em questão.*
- ü Gera certos “conflitos” políticos pelos candidatos, que têm como objetivo, mostrar aos telespectadores verdades e mentiras sobre a candidatura adversária.*

Apesar dos pontos negativos, a mídia foi criada para o benefício social, que, tem informado a sociedade, deixando a mesma num parâmetro intelectual de igualdade cada vez mais satisfatório.

(Por Allison Oliveira)

Allison Oliveira faz questão de mostrar em seu texto que é a finalidade da mídia transmitir “*as informações que acontecem em determinados lugares, para assim levar ao telespectador notícias que irão formar opiniões pessoais*”. Logo, entende-a como um instrumento social de formação da opinião pública.

O aluno apresenta pontos positivos e negativos, dos quais chamou-nos a atenção, em se tratando dos pontos negativos, o entendimento deste estudante ao se referir a um palco para disputas políticas: “*Gera certos “conflitos” políticos pelos candidatos, que têm como objetivo, mostrar aos telespectadores verdades e mentiras sobre a candidatura adversária*”.

Na prática, essa realidade foi constatada nas análises feitas de materiais jornalísticos de editoriais políticas – conteúdo que será discutido no próximo capítulo deste trabalho monográfico.

Sobre a concepção de mídia como instrumento de formação da opinião pública, apresentamos o próximo fragmento.

FRAGMENTO 04

Nas sociedades atuais os meios de comunicação em massa, como a televisão, têm grande poder de persuasão, tentam influenciar os indivíduos no sentido de igualar as reações e a conduta, mas também leva o indivíduo, subjetivamente, a emitir sua própria opinião.

(Por Thaynara Nathaly)

A aluna argumenta que a mídia possui “*grande poder de persuasão*” que funciona como mecanismo ou estratégia de convencimento, com a possibilidade de influenciar a sociedade. Como consequência, Thaynara Nathaly menciona que a persuasão midiática leva a emissão de opiniões. Eis o que representa o “poder” que, no social, os meios de comunicação de massa exercem, uma vez que se constituem como vozes discursivas autorizadas no âmbito das relações interpessoais.

A seguir, passamos para o tópico que discute a concepção dos alunos participantes sobre a mídia funcionando como a propagação de poderes ideológicos.

4.2.1 Mídia como poder ideológico

FRAGMENTO 05

Uma das razões de se estudar a mídia é o impacto da mesma na sociedade contemporânea, sendo considerada como o 4º poder. A explosão dos meios de comunicação, principalmente do fenômeno chamado televisão, colabora com a disseminação deste termo.

(Por Thaynara Nathaly)

São oportunas as palavras de Melo e Tosta (2008):

Não esqueçamos que a mídia é uma fonte de poder. Nesse caso, poder pode ser contemplado de duas maneiras. Primeiro como poder que aciona a indústria, que a mantém. Segundo, como poder que nutre suas próprias entranhas, influenciando sobre a opinião pública. (MELO; TOSTA, 2008, p. 31)

A citação supracitada reforça o que está no Fragmento 05, principalmente quando a aluna diz: “*Uma das razões de se estudar a mídia é o impacto da mesma na sociedade contemporânea*”. Sem sombras de dúvidas, a mídia contribui com a formação da opinião pública e, conseqüentemente, com as mudanças de condutas/comportamentos sociais.

No entanto, faz-se necessário mencionar que a expressão “*4º poder*”, dita pela aluna no referido fragmento, pode passar por um processo de releitura. A etimologia da palavra *poder* dá margem para algo que já está consolidado e que não admite interferências externas.

Desse modo, a nosso ver, não entendemos a mídia como um quarto poder – apesar de reconhecermos sua natureza de imposição e de agendamento social. Entendemos a cultura midiática como uma construção partilhada com a interferência da sociedade, fato que reconfigura a noção de autonomia, de coprodução, de proatividade, segundo Nascimento (2010³²).

Para Sampaio (2010³³), o jornalismo tem seu espaço enquanto ciência social e ferramenta da comunicação, funcionando como um produto social. A *Internet* reflete esta segmentação, esta busca constante pelo novo, do que parece ser inamovível.

Diante do exposto, entendemos a categoria analisada a partir de uma concepção dinâmica e não estanque de informações sistematizadas e vinculadas à realidade sócio-histórica. Em decorrência, é imprescindível reconhecer a interferência do social neste processo. Fato que pode ser verificado nos fragmentos a seguir.

FRAGMENTO 06

Podemos dizer que a mídia tem grande importância na estrutura social, pois ela acompanha cada crescimento. A-

³² Esta referência encontra-se na nota 31.

³³ Esta referência encontra-se na nota 31.

lém disso, quem faz a mídia é a sociedade, a mídia sem o povo não existiria.

(Por Aline da Silva Santos)

FRAGMENTO 07

Hoje podemos ver, falar, ouvir, saber de notícias ou de pessoas que moram do outro lado do mundo em poucas horas, a mídia nos proporciona isso assim. Dessa forma, estamos tão tão acostumados que não vivemos mais sem ela, essa forma de transmitir informação, e interatividade pelos meios de comunicação é a mais importante ligação entre a mídia e a sociedade.

(Por Kássia Larissa)

Talvez, se entendermos a mídia como uma concepção de quarto poder reforçamos o que faz referência, nos estudos dos modelos teóricos da comunicação, ao Modelo da Agulha Hipodérmica.

Segundo Polistchuck (2003), esse modelo atribuía extrema vantagem à fonte EMISSORA, relegando ao RECEPTOR a condição de integral passividade. Dentro desta perspectiva, verificamos uma centralização na fonte emissora condicionando o receptor a uma situação passiva, através do que se chama de “injeção” da informação.

Nessa ótica, o receptor é totalmente passivo, uma vez que a teoria considerava os meios de comunicação uma “seringa”, pela qual se injetava informações diversas, tirando qualquer possibilidade deste público de possuir um senso crítico. A imposição de vontades é marca preponderante neste modelo. A mídia, assim, exercia poder sobre o público de modo a torná-lo receptivo as suas manipulações ideológicas.

É lógico que o fator ideológico continua presente na mídia. Mas, o público não é tão passivo ao ponto de não fazer escolhas, selecionar veículos e, como consequência, editar textos. “Os indivíduos que consomem os produtos das mídias não são passivos. Eles interpretam os conteúdos das mensagens a partir de uma bagagem de valores apreendidos em outras instâncias socializadoras” (SETTON, 2010, p. 25).

Nessa direção, os estudos da recepção comunicativa apresentam luzes sobre a resposta da sociedade em torno do conteúdo dos meios. No entanto, esta vertente não é contemplada neste trabalho.

Para Chauí (2006), os veículos de comunicação de massa compreendem dois princípios de poderes: o econômico e o ideológico. As ações discursivas³⁴ exercidas pela cultura mediatizada têm relação direta com a formação da opinião pública, uma vez que consolidam propósitos em conformidade com as demandas oriundas destes princípios supracitados.

Assim, as tendências editoriais geram estratégias de negociação que, quando divulgadas, constituem-se em informações. É verdade que ao falarmos em tendências editoriais estamos nos reportando, implicitamente, às ideologias: formas de se manter, em circulação, interesses particulares como os de naturezas políticas, religiosas etc.

4.2.2 Mídia como agendamento

Podemos destacar que os meios de comunicação exercem papel preponderante na formação da opinião pública, de modo que, nos discursos sociais, é comum verificarmos o reflexo desta preponderância através de comportamentos que situam práticas individuais e/ou coletivas.

É o que verificamos na concepção defendida pela aluna Denise Castilho e apresentada no seguinte fragmento.

FRAGMENTO 08

O papel da mídia na sociedade de hoje é a chamada autopromoção, informar e propagar conhecimentos, ela possui papel preponderante a ponto de definir os assuntos sobre os quais as pessoas conversam dentro de casa, no ponto de ônibus ou no trabalho. Desse modo tem o poder de selecionar e definir temas, estabelecendo prioridades.

(Por Denise Castilho)

Na visão da aluna, à mídia é conferida a natureza de organizadora das práticas sociais ou das pautas de conversas nas mais variadas circunstâncias de produção de comunicação: “*as pessoas conversam dentro de casa, no ponto de ônibus ou no trabalho*”. De fato, eis uma marca da influência midiática na sociedade, denominada de teoria do agendamento.

³⁴ Por ações discursivas entendemos como as estratégias de linguagem humana (escrita e/ou oral) utilizadas pelos sujeitos sociais nos eventos de comunicação por eles vivenciados.

A teoria do agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos. (PENA, 2008, p. 142)

Sendo assim, o agenda *setting*, como também é conhecida essa teoria, entende a mídia como um instrumento que edita a circulação de conteúdos e, conseqüentemente, a sua repercussão junto ao social. Consiste, então, na capacidade dos veículos de comunicação de massa em pautar os temas de debates das interações do cotidiano, reforçando o que foi mencionado pela aluna participante Aline da Silva Santos no fragmento a seguir.

FRAGMENTO 09

Apesar de tudo não podemos negar que não mais vivemos sem a mídia, pois ela nos informa sobre tudo o que acontece no mundo, em frações de segundos.

(Por Aline da Silva Santos)

O agendamento constitui-se na inter-relação estabelecida entre a mídia e a sociedade, considerando inviável pensar na vida social sem uma leitura dos meios, sem pautar-se no que está sendo veiculado nos veículos de comunicação de massa, como ressalta o Fragmento 09: “*não mais vivemos sem a mídia*”.

Dessa forma, é possível destacar que, através de um processo de filtragem, a mídia influencia e determina tendências – rotinas –, o que confirma o posicionamento do aluno Ermeson Gesyer no Fragmento 10.

FRAGMENTO 10

A mídia é um importante meio de propagação de notícias e comunicação em massa e em quase todo o mundo, influencia, determina tendências, age como uma verdadeira força social, direcionando os cidadãos de acordo com sua vontade.

(Por Ermeson Gesyer)

A ideia de “direcionar o cidadão” também constitui a teoria do agendamento. Todavia, é importante ressaltar que o agenda *setting* não defende que a imprensa pretende persuadir a sociedade, como na teoria hipodérmica dos estudos sobre os efeitos da mídia, cujo paradigma defende que o público é diretamente atingido da mesma forma pela mensagem.

A influência da mídia nas conversas dos cidadãos advém da dinâmica organizacional das empresas de comunicação, com sua cultura própria e critérios de noticiabilidade, (...) as pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. É disso que trata o agendamento. (PENA, 2008, p. 144, grifos do autor)

Atualmente, há estudos que compreendem o agenda *setting* tendo como referência a premissa de que o agendamento pode partir da sociedade para a mídia, ao contrário do “processo comunicacional” entendido sobretudo como uma “produção de efeitos” a partir de um emissor sobre uma “audiência massiva” (SILVA, 2007, p. 84, grifos do autor).

Do ponto de vista da recepção, a postura de sociedade ativa e de mídia aberta ao inventivo plural do público é a concepção que defendemos neste trabalho. Nestes termos, reconhecemos a influência da mídia, mas não a adjetivamos de manipuladora, no sentido de não ferirmos a natureza da consciência crítica do sujeito, natureza notoriamente ressaltada ao longo desta monografia.

4.2.3 Mídia como fonte educadora

Na contemporaneidade, o uso dos meios de comunicação com objetivos educacionais está cada vez mais em evidência. Isto se justifica pela dimensão educativa que embasa o sentido funcional do jornalismo – um dos campos de ação da mídia.

Concordamos com Fantin (2008) quando esclarece:

Há tempo que diferentes educadores enfatizam a necessidade de contemplar a comunicação e as mídias na formação

escolar no sentido de assegurar uma relação emancipatória com as mídias, que precisa ser estudada, praticada e aperfeiçoada. E quando falamos que a comunicação deve estar presente na formação escolar, estamos nos referindo a um trabalho de mídia-educação, entendida como a possibilidade de educar *para/sobre* as mídias, *com* as mídias e *através* das mídias, a partir de uma abordagem crítica, instrumental e expressivo-produtiva. Esta perspectiva de mídia-educação implica a adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionadas para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias para interagir significativamente com suas produções, para produzir mídias e também para educar para a cidadania. (FANTIN, 2008, p. 17, grifos da autora)

Sendo assim, educar para a mídia parece sinalizar o caminho a ser percorrido por educadores e comunicadores que objetivam formar o cidadão em conformidade com o conhecimento crítico. O Fragmento 11 elucida a concepção de mídia como fonte educadora da aluna participante Denise Castilho.

FRAGMENTO 11

*A Mídia tem papéis fundamentais na formação intelectual e do desenvolvimento de um povo,
(Por Denise Castilho)*

De acordo com Fragmento 11 é possível reconhecer a mídia como uma alternativa de construção do conhecimento intelectual da sociedade. Neste sentido, ao utilizar os conteúdos midiáticos como ferramentas pedagógicas, a escola contribuirá, decisivamente, para a formação de um sujeito cada vez mais comprometido com uma consciência cidadã, atualizada com os avanços sociais, econômicos, tecnológicos etc.

É pensando na tríade mídia ↔ educação ↔ tecnologia que destacamos o fragmento a seguir.

FRAGMENTO 12

Portanto, a internet é sem dúvida uma das ferramentas mais eficazes na mídia de comunicação. As escolas estão incentivando os alunos a utilizarem os meios de comunicação, como o jornalismo digital, para buscarem informações. O que é muito importante!

(Por Fábio Nonato)

O aluno participante Fábio Nonato, notadamente, expõe uma concepção de mídia vinculada à realidade globalizada e digital, subjacente às práticas contemporâneas de acesso à informação. O estudante enfatiza a necessidade de a escola acompanhar as inovações tecnológicas como possibilidades efetivas de construção do conhecimento: “*As escolas estão incentivando os alunos a utilizarem os meios de comunicação, como o jornalismo digital, para buscarem informações. O que é muito importante!*”.

Partindo dessa concepção, defendemos a ideia de que promover a inclusão dos alunos às situações reais de uso da linguagem em ambientes virtuais é uma questão de emancipá-los, de libertá-los “da prisão” da desigualdade, de ajudá-los a alçar vôos e de permitir que eles alcancem além das suas limitações, enfim, de oferecer experiências significativas em contextos digitais.

Para tanto, é preciso que os professores sensibilizem-se com a expressiva necessidade de promover o contato dos alunos com as diversas e atrativas experiências de interações sociais realizadas através dos recursos disponíveis no universo *on line*.

Eis a aplicabilidade de propostas didáticas que enfatizem, significativamente, a semântica do último sintagma oracional destacado pelo aluno participante Fábio Nonato no Fragmento 12: “*O que é muito importante!*”.

Nesse sentido, situamos a prática educacional com o uso do jornalismo digital na sala de aula, desenvolvida com alunos do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Campina Grande – PB.

Essa prática refere-se à atividade aplicada da presente pesquisa, o que justifica seu vínculo à classificação denominada pesquisa-ação, discutida no Capítulo I – Um olhar sobre aspectos metodológicos.

O relato da experiência didática realizada será apresentado no capítulo que se segue, intitulado de “Jornalismo digital na escola: a leitura/ produção de textos e a construção de sentidos no ciberespaço”.

5 JORNALISMO DIGITAL NA ESCOLA: A LEITURA/PRODUÇÃO DE TEXTOS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO CIBERESPAÇO

A internet, muitas vezes, é vista como inimiga da educação. Retratada como um ambiente descontrolado onde sobra material pornográfico, inutilidades várias e artigos de cultura inútil. Mas alguns profissionais, atualizados com as evoluções no mundo da comunicação e da web, enxergam esse mundo possível com outro olhar: nessa terra sem lei, sobram oportunidades, mesmo que anárquicas, de conhecimento, ferramentas usáveis na sala de aula e fora dela, úteis na hora de manter o aprendizado dos alunos em momentos de diversão e descontração. Mas é importante deixar claro que a internet só é fonte de conhecimento quando o usuário procura por esse conhecimento. Caso contrário, a criança ou o jovem desviarão de todo e qualquer conteúdo interessante e atingirão materiais que não agregarão a sua formação crítica.

(ERMESON GESYER, 2010, ALUNO PARTICIPANTE)

Este capítulo elucidava o trabalho desenvolvido com os alunos no tocante ao uso do jornalismo digital na escola como fonte pedagógica em atividades de leitura ↔ escrita e construção de sentidos no ciberespaço.

Não se trata de desvirtuar o jornalismo a uma superficialidade de conteúdo programático a ser didatizado. Reconhecemos que a Mídia e a Educação ocupam espaços distintos, mas não paralelos, no âmbito das interações sociais.

Portanto, nosso trabalho não consiste em transformar o jornalismo em material de ensino-aprendizagem. A abordagem é outra! O nosso interesse consiste em, na esfera escolar, construir conhecimentos vinculados à práticas sociais situadas e ideologicamente organizadas.

É nesse sentido que estabelecemos o contato entre Mídia e Educação inserido numa proposta educacional, cujos princípios se fortalecem pelo rompimento de barreiras e pela transcendência do conhecimento.

Nessas condições, é possível considerar que, neste capítulo, sem desmerecer os demais, encontra-se o “coração” desta pesquisa. Nele reside o fator contribuinte que torna este trabalho, em relação a outros desta natureza, semelhante em metodologia, porém, diferente em resultados, uma vez que cada situação dialógica de comunicação humana é heterogênea e, por isto, complexa.

Sendo assim, o capítulo responde os seguintes objetivos da pesquisa: C) *“Instigar a criticidade destes alunos através da leitura de textos produzidos por diferentes portais de conteúdo jornalístico e da escrita de comentários”*, D) *“Desenvolver atividades de produção textual dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem”* e E) *“Oportunizar a criação de um blog para postagem de textos produzidos pelos alunos e demais textos concernentes ao desenvolvimento da pesquisa”*.

5.1 Recordando o tipo de pesquisa adotado

A *Internet* é um ambiente múltiplo e heterogêneo de comunicação e de interação. Nele coexistem ambientes informacionais, jornalísticos, educacionais, de relações interpessoais, comerciais, dentre outros. Concordamos com Alzamora (2004) quando declara:

Sendo a *Internet* um ambiente não apenas de difusão de informações, mas principalmente de intercâmbio informativo, os processos de representação da realidade tornam-se mais complexos que nos meios tradicionais de comunicação de massa, uma vez que a realidade na rede se refaz a cada nova interferência de um internauta. (ALZAMORA, 2004, p.102)

Dessa maneira, na contemporaneidade, os processos de interação humana atravessados pelas práticas hipertextuais da *Web* sugerem a formação de um sujeito considerado letrado, digitalmente falando, e que promova, a partir dos recursos disponibilizados pelo ciberespaço, intercâmbios culturais que extrapolam os limites da territorialidade – eis a função globalizada da rede mundial de computadores.

Ao estabelecermos a relação novas tecnologias da informação e práticas escolares, tentamos pôr em evidência alternativas viáveis de construção do conhecimento. Alternativas que estimulam as inteligências

coletivas e individuais de sujeitos aprendizes que se encontram engajados na busca pelo saber.

Este capítulo constitui-se em um relato de experiência da pesquisa-ação realizada. Deste modo, ele é narrado a partir de três pontos de vista:

1. a visão do pesquisador sobre o processo de construção do conhecimento vivenciado nos encontros com os alunos participantes;
2. os resultados alcançados com as execuções das propostas de atividades sugeridas e
3. o impacto da ação discursiva desta pesquisa nos alunos envolvidos e no que pode funcionar como referência de aprendizagem para os sujeitos envolvidos – pesquisadores (orientadora e orientando), alunos participantes e comunidade escolar – e para a academia como um todo no que concerne às contribuições de pesquisas vinculadas à Educomunicação.

Acreditamos que tais pontos de vista recuperam a natureza ou a essência teórico-metodológica do tipo de pesquisa adotado neste trabalho, a pesquisa-ação. Para tanto, o capítulo está organizado de modo a compreender três sistematizações de dados:

1. *Blog*: interação e possibilidades pedagógicas, que trata do conceito deste gênero digital e dos recursos disponibilizados pelo *blog* JORNALISMO.COM;
2. Leitura ↔ Escrita: práticas sociais e interdependentes, que relata as atividades de leitura crítica dos textos jornalísticos da editoria política dos portais utilizados na pesquisa, bem como as atividades de produções escritas de comentários acerca dos textos lidos e
3. Escrita: a produção dos gêneros notícia e reportagem, que narra o trabalho de produção escrita/reescrita destes gêneros a partir de características linguístico-funcionais.

É oportuno lembrar que este trabalho foi desenvolvido tendo como suporte a elaboração de uma sequência didática. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), “uma sequência didática é o conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Desse modo, são características de um procedimento metodológico embasado pela noção de sequência didática:

- Permitir o ensino da oralidade e da escrita a partir de um encaminhamento, a um só tempo, semelhante e diferenciado;
- Propor uma concepção que englobe o conjunto da escolaridade obrigatória;
- Centrar-se, de fato, nas dimensões textuais da expressão oral e escrita;
- Oferecer um material rico em textos de referência, escritos e orais, nos quais os alunos possam inspirar-se para suas produções;
- Ser modular, para permitir uma diferenciação do ensino;
- Favorecer a elaboração de projetos de classe.
(DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 96)

A seguir, apresentaremos a discussão das três sistematizações de dados.

5.2 *Blog: interação e possibilidades pedagógicas*³⁵

5.2.1 *Blog: algumas concepções*

A palavra *blog* deriva da abreviação do termo *Weblog*, que implica *Web* (tecido, teia, rede, também usado para designar o ambiente da *Internet*) e *log* (diário de bordo). De acordo com Pereira (2010), a principal versão sobre o surgimento deste gênero é a de que o norte-americano Jorn

³⁵ Inspirado no subtítulo do texto de Reis (2009).

Barger foi o primeiro usuário de um *blog* (um espaço utilizado para descrever *sites* pessoais atualizados frequentemente com comentários e *links*).

Para Ferrari (2009), os *blogs* correspondem aos

diários *on-line*. Criados em 1999, os *blogs* ganharam adeptos em todo o mundo, sendo o www.blogger.com o principal expoente do movimento Weblog, com mais de um milhão de usuários cadastrados. O serviço oferecido pela Pyra Labs, empresa do Vale do Silício, nos Estados Unidos, foi comprado pelo buscador Google. (FERRARI, 2009, p. 96, grifos nossos)

Segundo Beiguelman (2003), o *blog* “tem jeito de onomatopeia, mas não é. (...) está na boca do povo e define um site pessoal, ou comunitário, sem finalidades comerciais, que utiliza um formato de diário com registros datados e atualizados frequentemente” (BEIGUELMAN, 2003, p. 01 *apud* PEREIRA, 2010).

Conforme Araújo e Vasconcelos (2008),

o *blog*, um arquétipo específico de gênero hipertextual, alcançou a popularização devido a algumas características, tais como a facilidade de manuseio que dispensa conhecimentos avançados de informática; a facilidade para edição, atualização e manutenção das produções textuais nele inseridas; o livre acesso dos usuários; a diversidade de temas que podem ser abordados, a hospedagem gratuita na internet; a dinamicidade e o caráter tecnológico e inovador que desperta a curiosidade nos jovens; a rapidez e a praticidade, entre tantas outras. (ARAÚJO; VASCONCELOS, 2008, p. 109)

Por outro lado há quem o não considera um gênero específico, mas um espaço de comunicação que, pragmaticamente, funciona como um sistema menos complexo para que textos, fotos, vídeos sejam disponibilizados na *Web*, facilitando a produção de páginas por pessoas, inclusive, sem muito conhecimento técnico.

Nesta pesquisa, tomamos o *blog* como um gênero hipertextual discursivamente situado, reportando-nos ao que declara Marcuschi (2004): “fato incontestado é que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita” (MARCUSCHI, 2004, p. 15).

Sendo assim, a blogosfera³⁶ configura-se como eventos de realizações textuais vinculados à *Web*, logo gêneros digitais caracterizados por sugerir aos usuários a produção de textos e a mobilização representativa de contextos de ação oriundos de conteúdos temáticos.

Desse modo, a relação entre blogueiros e seus leitores é construída por meio da modalidade escrita da língua e através de três ações discursivas: de *posts* (postagens), de comentários feitos pelos visitantes e de respostas aos comentários escritos por estes visitantes³⁷.

O Blog é um espaço em que as palavras, imagens, indicação de *links* e a organização de tudo isso tem grande suporte da linguagem para existir e, conseqüentemente, neste contexto, a linguagem passa a exercer papel fundamental, pois ela será o meio pelo qual os visitantes serão conquistados, podendo vir, a partir da relação que construirão, a formar redes sociais. (PEREIRA, 2010, p. 518-519)

Portanto, o seu uso é de fundamental relevância para a avaliação das novas relações sociais com as práticas de leitura e escrita, especificamente em contextos de ensino-aprendizagem.

5.2.2 *Blog: sua natureza educ(comunic)ativa*

Komesu (2005b) mostra-nos a relevância das tecnologias digitais para a vida humana, fato que interessa a vários domínios da produção do

³⁶ Concordamos com Andrade e Nascimento (2010), para quem a blogosfera é, “sem sombra de dúvidas, um ambiente midiático-informacional imprescindível para a democratização da informação, graças a seu alcance e sua dinâmica, uma vez que é capaz de englobar em seu raio de ação todas as vertentes do saber humano. Há um blog para cada necessidade e cada gosto, direcionado para a educação, cultura, mercado, serviço social, política, economia, negócios, lazer, enfim, as possibilidades são infinitas” (ANDRADE; NASCIMENTO, 2010, CD-ROM sem numeração de página).

³⁷ Esta terceira ação discursiva não foi contemplada nos interesses desta pesquisa.

saber. Para a autora, ainda há muito a ser investigado em termos de linguagem e da constituição do sujeito sob as condições de produção das tecnologias digitais.

Em se tratando de processos de ensino-aprendizagem, propiciar situações que se utilizam das tecnologias tem sido uma prática recorrente na contemporaneidade.

A escola, como instituição de difusão de saberes e uma das responsáveis para a preparação desse homem para a vida em sociedade, não pode caminhar à margem da evolução tecnológica nem ignorar as transformações ocorridas na sociedade; principalmente, porque se as possibilidades das tecnologias são muitas, com a internet tendem a ampliar ainda mais. (REIS, 2009, p. 100)

As possibilidades oferecidas pela *Web* conduzem os educadores a pensarem no uso das ferramentas interativas deste espaço como estratégias que buscam orientar, de forma transdisciplinar, o processo de construção do conhecimento sob o prisma hipermediático, que configura, por sua vez, a cultura em que o aluno, hoje, está inserido.

Dentre essas ferramentas interativas está o *blog*. Este gênero hipertextual, quando utilizado enquanto recurso pedagógico, pode oferecer infinitas possibilidades para o desenvolvimento da escrita, da capacidade argumentativa, da criatividade, proporcionando uma aprendizagem colaborativa e permitindo a reflexão sobre inúmeros temas de abordagens disciplinares – mas, abordados dentro de uma perspectiva transdisciplinar, distanciada de barreiras programáticas que limitam, ao invés de situarem, os objetos de estudo e de ensino das disciplinas curriculares!

Nessas condições, o trabalho educacional com as tecnologias evoca um processo de ensino-aprendizagem que transcende a disciplinaridade. Especificamente com o uso do *blog*, destacamos:

A postagem de textos (no caso do *blog* criado pelo aluno) e comentários (no *blog* criado pelo professor), por ser uma tarefa escolar, exige preocupação com a construção do texto, com a linguagem e a coerência entre as ideias apresentadas; a atenção quanto aos créditos e referências às fontes

pesquisadas envolve o caráter ético do uso da internet e a contribuição através da leitura e comentários dos *blogs*, desenvolve a prática colaborativa. (REIS, 2009, p. 106).

Por essa razão, entendemos o *blog* como um evento de atividades linguageiras que adere a noção de mídia participativa, cujos enunciados emergem no interior das relações interpessoais e estão entre seres socialmente organizados, não podendo ser vistos como resultantes de processos puramente fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado ou determinado apenas por um sistema formal abstrato de relações internas.

Nesse sentido, os enunciados não apenas refletem o mundo, mas o refratam, isto é, assumem um processo de transmutação do mundo, sendo atravessado pela refração (atribuição de valores). Este conceito leva-nos afirmar que os enunciados modelam as práticas sociais de grupos humanos que, por sua vez, assumem diferentes modos de construir sentidos no mundo, essencialmente revestidos de criações ideológicas (FARACO, 2003).

Tendo essa noção de enunciados e tomando o *blog* como uma ferramenta de ensino, ainda concordamos com Andrade e Nascimento (2010):

É justamente esta noção de “mídia participativa” que nos permite observar a evolução do *blog* enquanto ferramenta. Não podemos mais classificá-lo como simples espaço para compartilhamento de links (da forma inicialmente pretendida pela “comunidade original blogueira”), tanto quanto é ingênuo o categorizarmos simplesmente como mostra de um gênero híbrido (diário público), modificado pela força das novas tecnologias de comunicação. Com a sua utilização ao longo do tempo, e sua consequente evolução, surgem novas formas de trabalhar a informação e a palavra neste espaço: passou-se a utilizar o *blog* não apenas como diário público ou ambiente de intercâmbio de *links*, mas também como meio de divulgação e promoção de inúmeros outros tipos de conteúdos simbólicos. (ANDRADE; NASCIMENTO, 2010, CD-ROM sem numeração de página, grifos dos autores)

A partir desse momento, apresentaremos o *blog* JORNALISMO.COM que serviu como estratégia didático-discursiva de publicação, em tempo real, das atividades relacionadas a presente pesquisa educacional: um espaço de divulgação argumentativa que imprimiu cenas de agir comunicativo.



FIGURA 16 – Endereço eletrônico do *blog* JORNALISMO.COM

The screenshot shows the JORNALISMO.COM blog interface. On the left is the profile of Manassés Morais Xavier, a researcher in Communication Social. The main content area features a video titled 'Alunos do curso Jornalismo Digital - Set. e Out./2010 - Por Ermeson Gesyer' with a play button and a timestamp of 0:00 / 0:00. To the right, there are news reports under the heading 'SEVERINO CABRAL NEWS - REPORTAGENS', including a report about the death of Chico Mendes. Three red boxes are overlaid on the image: one on the profile, one on the video, and one on the news reports. Arrows from these boxes point to three text boxes below the screenshot.

Identificação e credencial do pesquisador.

Flagras em vídeo de alguns momentos das atividades realizadas nos encontros.

OBS.: Material, voluntariamente, produzido pelo aluno participante Ermeson Gesyer. O vídeo também encontra-se disponível em http://www.youtube.com/watch?v=LAYQI4_klDg.

Espaço destinado para a postagem das produções escritas dos alunos relacionadas ao gênero jornalístico reportagem.

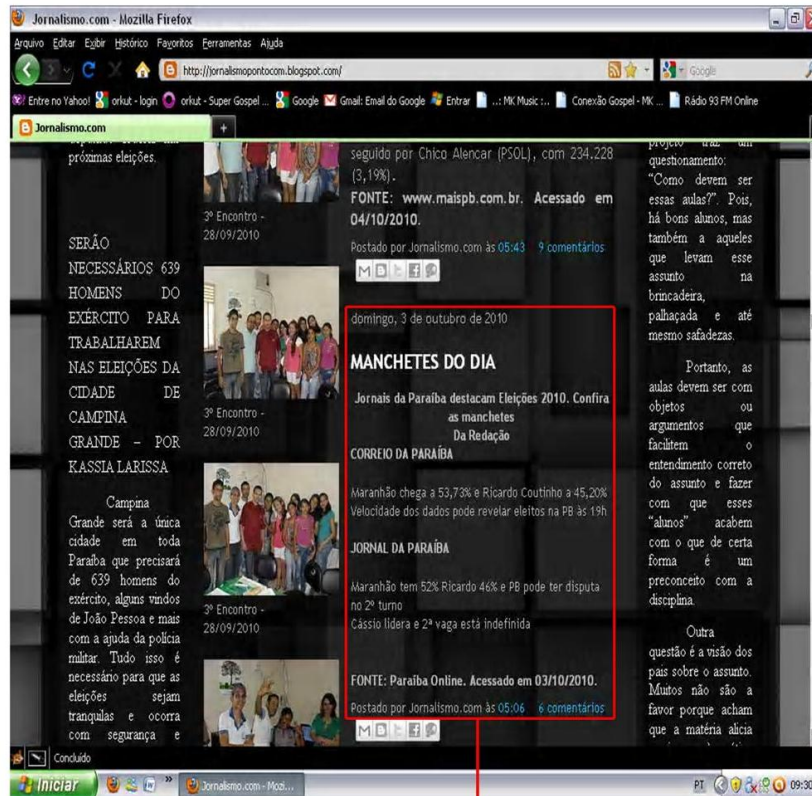
FIGURA 17 – Perfil do pesquisador, vídeo e reportagens dos alunos no *blog* JORNALISMO.COM



FIGURA 18 – Seguidores e enquetes no *blog* JORNALISMO.COM



FIGURA 19 – Notícias dos alunos e fotos no *blog* JORNALISMO.COM



Local em que as matérias políticas selecionadas dos portais eram postadas. Percebamos a presença do título da matéria, corpo, fonte, data de acesso e indicativo de comentários.

FIGURA 20 – Postagens no *blog* JORNALISMO.COM

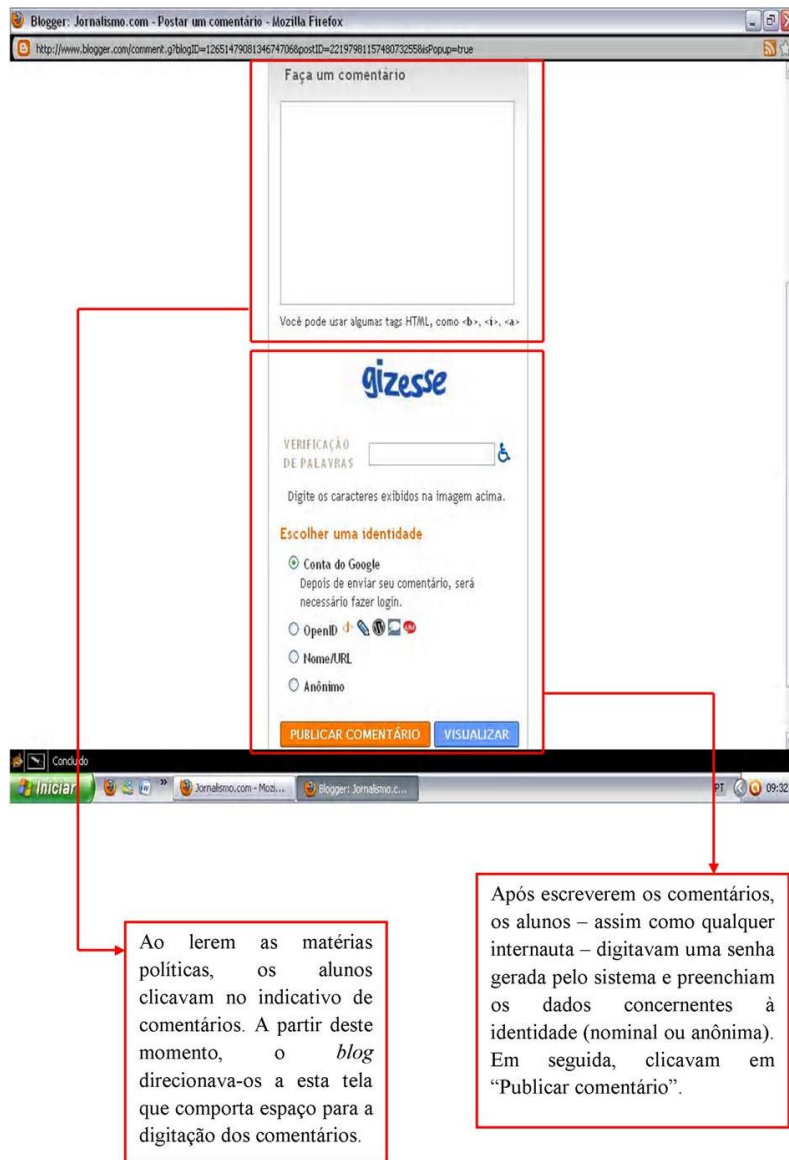
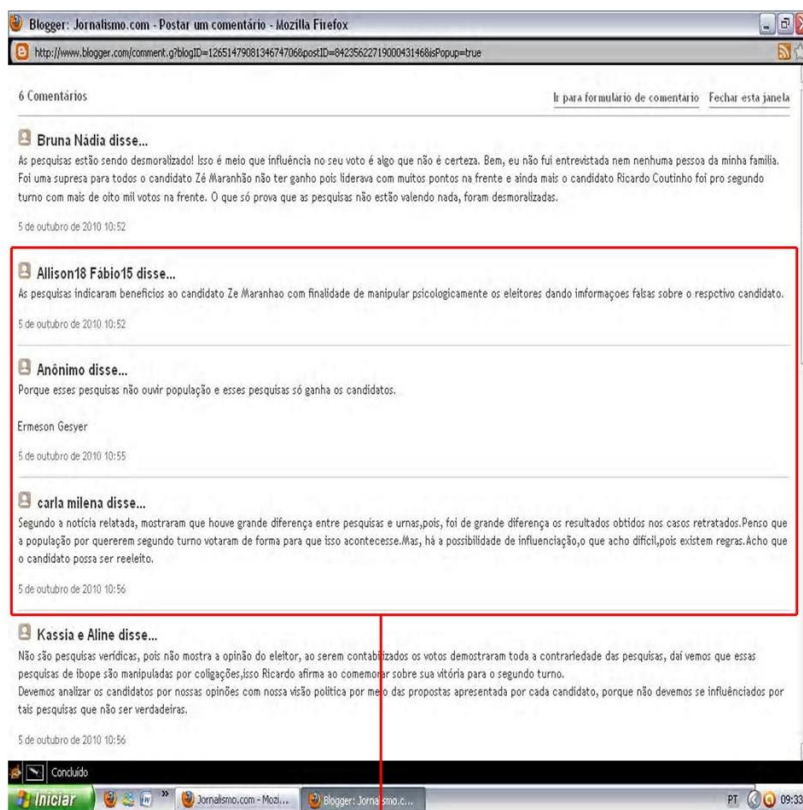


FIGURA 21 – Digitação dos comentários dos alunos no *blog* JORNALISMO.COM



Feito o exposto na figura anterior, os comentários eram publicados na rede e socializados com os demais alunos durante os encontros.

FIGURA 22 – Publicação dos comentários dos alunos no *blog* JORNALISMO.COM

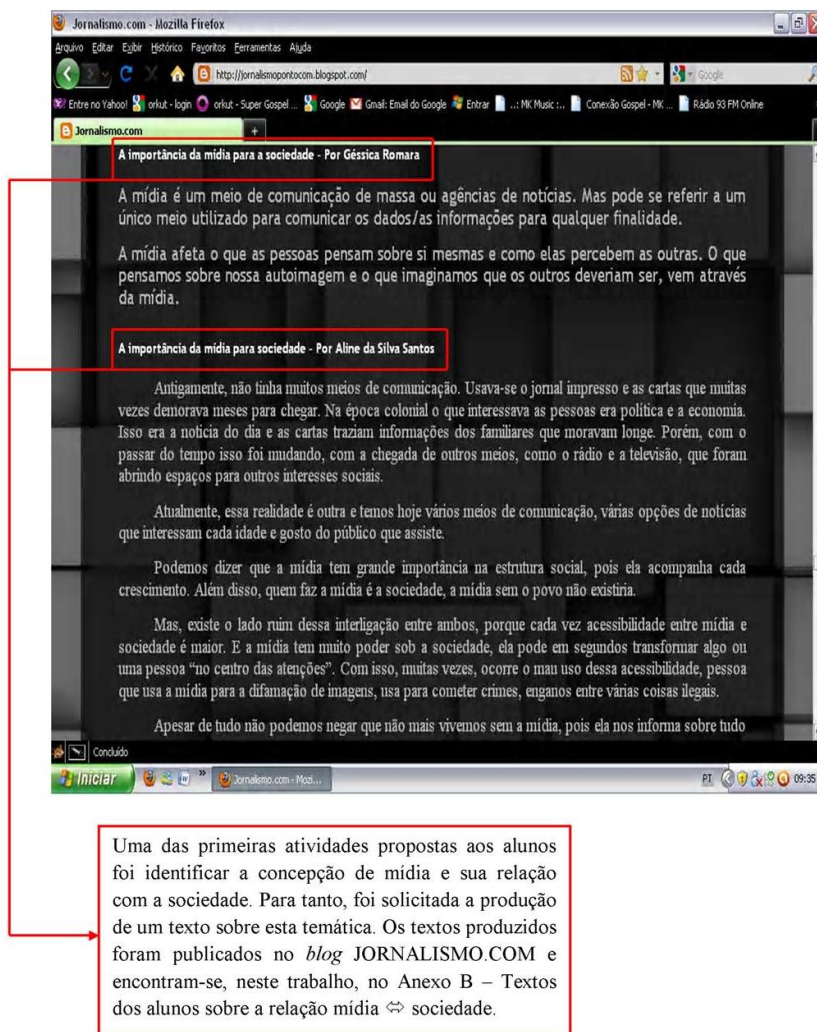


FIGURA 23 – Concepções de mídia dos alunos no *blog* JORNALISMO.COM



FIGURA 24 – Giro informativo, notícias e reportagem no *blog* JORNALISMO.COM

5.3 **Leitura ↔ Escrita: práticas sociais e interdependentes**³⁸

Não podemos entender e/ou perceber o fato linguístico como sendo uma realidade apenas física, pois partimos da noção de que seria necessário, e extremamente necessário, incluí-lo numa esfera social para constituir-se um fato de linguagem, compreendendo-se que as unidades do meio social e contextual são indispensáveis à construção de redes de sentidos.

A linguagem humana, compreendida como atividade social, é um meio pelo qual os indivíduos interagem uns com os outros, já que “os signos só podem aparecer em um terreno interindividual” (BAKHTIN, 2009, p. 35). O homem constitui-se como sujeito na linguagem e pela linguagem, pois esta é a condição fundamental para o processo de comunicação, que tem como material privilegiado a palavra, domínio onde se situam a conversação e as formas discursivas.

Trabalhar os gêneros discursivos em sala de aula é uma oportunidade ímpar para se lidar com a língua nos mais variados usos sociais. Se a comunicação se dá por meio dos textos, deve-se tornar possível aos estudantes, sejam eles do ensino básico ou universitário, a conveniência de produzir e compreender textos de maneira adequada a cada situação de interação comunicativa.

Uma boa opção para se trabalhar o ensino de gêneros discursivos é envolver os estudantes em situações efetivas de uso da língua, de maneira que consigam, de forma criativa e consciente, eleger os meios adequados aos fins que se deseja alcançar. É preciso saber que a escola constitui-se um “autêntico lugar de comunicação” e as situações escolares “são ocasiões de produção e recepção de textos” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 78).

Ao perscrutar a diversidade de gêneros do discurso, o professor traz o estudante para junto das situações singulares de produção dos textos não escolares. Esta aproximação faz com que o estudante passe a compreender o funcionamento dos gêneros, ao aproximar-se de suas particularidades, o que facilitaria o domínio sobre eles. Além do mais, o trabalho com os gêneros na perspectiva discursiva contribui para o

³⁸ Agradecemos as contribuições do professor de Língua Portuguesa, Francisco Rolim. Em parceria, produzimos o texto “A transdisciplinaridade no ensino de leitura ↔ escrita” que, no momento, encontra-se no prelo.

aprendizado de práticas de leitura, de produção textual e de compreensão.

Na escrita, em sua essência, existe uma função social que traz consigo a ideia de representação. Alfabetizar é trabalhar a leitura e a escrita nas suas mais variadas funções. Quando se trabalha a leitura e a escrita de modo transdisciplinar, damos oportunidade de o aluno imiscuir-se no mundo da produção, da leitura e da escrita em situação real de uso. Há a veiculação de ideias completas e a compreensão e o uso dela como ato interacionista. Nesta sequência de ações, o estudante tem a oportunidade de participar, de pertencer, de estar junto, de somar e de agir. Por isto, alfabetizar e letrar são os norteadores do ato de ler e de escrever para o contexto das práticas sociais.

Não é suficiente ensinar, na leitura, apenas, a decodificar e, na escrita, o escrever “correto” das palavras. É preciso orientar os estudantes a ler e a produzir textos, o que determina também uma interferência pedagógica ordenada. A entrada no mundo da leitura e da escrita só é possível por meio da apropriação do sistema alfabético (alfabetização) e do desenvolvimento das habilidades de ler e produzir vários gêneros discursivos (letramento). Os gêneros são instrumentos culturais e, portanto, organizam-se e transformam-se nas práticas languageiras.

O favorecimento da aprendizagem da leitura dá-se pela compreensão da linguagem escrita por meio do uso social que se faz dela, da experiência em situações específicas, em contextos reais de aprendizagem e na utilização com concomitâncias, lendo e escrevendo textos coerentes e com concisão, significativos e que atraiam a atenção, numa autêntica linguagem transdisciplinar e contextualizada, como nos textos jornalísticos (jornal impresso, revista, televisão, rádio e *Internet*), contos, histórias do mundo, lendas, dentre outros. Quando acontece esta aprendizagem o estudante é capaz de produzir e criar novos conceitos alicerçados na fala e na escrita, ou seja, no que lhe são próprios.

A leitura significativa, feita de maneira transdisciplinar, auxilia a memória, o conhecimento sobre a própria leitura do mundo, o conhecimento de como se escreve, a experiência das emoções. Conduz os estudantes a extrapolar os limites do código e posicionarem-se, criticamente, diante dos gêneros do discurso.

Os gêneros jornalísticos, por serem de fácil acessibilidade e elemento articulador das mais variadas linguagens, podem ser considera-

dos como instrumento para interação com as diversas áreas do saber e é um meio de demonstração do sentir e do pensar. Trabalhar a leitura e a escrita de forma transdisciplinar exercita a socialização, pois a livre expressão é responsável por grandes mudanças sociais.

O ensino de leitura e de escrita no Brasil, nas escolas públicas, de modo específico, deixa a desejar ou é insatisfatório, uma vez que os estudantes destas escolas pouco têm contato com atividades que privilegiem os gêneros discursivos. O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA, sigla em inglês), avaliação internacional que mede as habilidades de alunos de 15 anos em leitura, ciências e matemática feita pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) classificou o Brasil em 53º lugar no *ranking* de 65 países, segundo reportagem publicada na revista *Época*, número 657 de 20/12/2010. Este dado mostra-nos um agravante e a necessidade de mudanças urgentes na postura didática conferida ao ensino de leitura e de escrita.

Boa parte dos estudantes que chega ao 8º ano do ensino fundamental, principalmente aqueles que estudam nas escolas públicas, não sabe ler, nem escrever. Sabe com muita dificuldade decodificar, o que é constrangedor para estas escolas e, principalmente, para as universidades que possuem entre os seus cursos de graduação o de formação de professores.

Não basta ensinar os conteúdos de Língua Portuguesa desvinculados das demais disciplinas. É de suma importância fazê-lo de forma transdisciplinar, associando-o às demais áreas do conhecimento. Promover o diálogo transdisciplinar é necessário. Se quisermos que o estudante adquira a visão do todo, precisamos transformar a sala de aula em um espaço no qual se debatam as problemáticas sociais, atuais e urgentes, as relações interpessoais e os valores que as norteiam.

Essa prática educacional almeja, a partir do contato com gêneros jornalísticos, promover experiências de leituras e de escritas que extrapolem os limites do código e transcenda a produção de conhecimento pautado no pensamento crítico. A seguir, algumas análises sobre a leitura dos textos das editoriais políticas dos portais selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa.

EXEMPLO 01**27/09/10 - 15:16 Ricardo Coutinho em Sapé: “Sou corajoso e determinado”**

Em visita à cidade de Sapé, neste domingo, o candidato Ricardo Coutinho (PSB) disse que “sendo o próximo governador, mesmo nomeando um secretário, vou chamar para mim o controle da segurança do Estado”.

O socialista ainda reafirmou sua vontade de implantar uma Escola Técnica Estadual na cidade, levando aos moradores das redondezas, educação e profissão.

Como um dos objetivos do projeto é explorar as potencialidades de cada região, a cultura do abacaxi voltará a ser valorizada. “É importante trazer de volta a cultura do abacaxi para Sapé que, hoje, está em crise”, lamentou.

Para colocar essas ações em prática, o candidato pediu a oportunidade de levar o desenvolvimento experimentado por João Pessoa para toda a Paraíba.

“Quero apenas quatro anos para começar a mudar a Paraíba. Sou corajoso, determinado, vim das lutas e passei pelo movimento sindical. Peço a chance de, com muito orgulho, trabalhar pelo nosso estado”, disse.

FONTE: Paraíba On line. Acessado em 27/09/2010.

COMENTÁRIOS DO EXEMPLO 01**lais melo 16 anos disse...**

esse termo de sou corajoso e determinado, eu gostei muito pois mostra que ricardo coutinho não só promete mais cumpri com suas promessas gostei quando ele falou que ia colocar uma escola técnica estadual na cidade de sapé e que quer apenas quatro anos para começar a mudar a paraíba ele ricardo coutinho está de parabéns.

28 de setembro de 2010 09:38

Thaynara e Lucas Társis disse...

A reportagem fazendo que o candidato se eleja com propaganda no

site do jornal deve-se porque o site pertence a um dos candidatos do partidos.

28 de setembro de 2010 10:24

Anônimo disse...

O candidato teve a intenção em visita á Sapé apresentar suas propostas de governo e como principal objetivo porque merece ser governador.

Aline Silva e Kassia Larissa

28 de setembro de 2010 10:31

Carla Milena e Bruna Nádia disse...

Os sites tanto podem derrubar um candidato como também glorificá-lo, e eles, lutarem pelos seus objetivos.

28 de setembro de 2010 10:42

É necessário proporcionar ao aluno o contato com a diversidade de gêneros. De acordo com Bezerra (2005), o estudo de gêneros leva em conta seus usos e funções numa situação sociocomunicativa e, neste sentido, “o aluno poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo, mediado por parceiros mais experientes” (BEZERRA, 2005, p. 41).

O *Exemplo 01* mostra-nos como a interação entre texto e alunos pode ser proporcionada no espaço didático. Após lerem e discutirem sobre o conteúdo da reportagem “Ricardo Coutinho em Sapé: “Sou corajoso e determinado”” (Paraíba *On line* – 27/09/2010), os alunos refletiram, dentro de uma abordagem linguístico-discursiva, sobre a temática de conteúdo expressa por esta atividade de comunicação verbal.

No comentário de Laís Melo, verificamos uma leitura do código. A aluna demonstrou uma relação dialógica, apenas com o que foi dito pela reportagem – o não dito ficou esquecido. Ela não extrapolou os limites da estrutura sintática e restringiu seu comentário ao nível do enunciado: “*esse termo de sou corajoso e determinado, eu gostei muito pois mostra que ricardo coutinho nao so promete mais compri com suas promesas*”. E adere a proposta do texto que consiste no mostrar ao ciberleitor uma espécie de exaltação ao candidato Ricardo Coutinho: “*ele ricardo coutinho estar de parabéns*”.

Esse parece ser o reflexo de um leitor que não tem a prática de,

quando exposto a textos diversos, estabelecer o máximo de interpretações possíveis: quem disse? por que disse? para que disse? É preciso fazer uma leitura que vá além do que expõe o enunciado e estimular práticas de leituras que se aproximam de um estágio de criticidade, de interação consciente com os sentidos atravessados pelas escolhas lexicais ou tendências narrativas contidas nos gêneros discursivos e que comportam, sobretudo, intenções pragmáticas.

A mesma interpretação pode ser notada no comentário de Aline e Kassia: “*O candidato teve a intenção em visita á Sapé apresentar suas propostás de governo e como principal objetivo porque merece ser governador.*”

A nosso ver, esse comentário exprime a tendência dessas alunas em constituírem-se possíveis eleitoras do candidato Ricardo Coutinho: “*porque merece ser governador*”. Tal motivação caminha de encontro aos objetivos traçados pelo Paraíba On line de fazer com que seus ciberleitores vejam o candidato Ricardo Coutinho sob o prisma daquele ser merecedor dos adjetivos “corajoso e determinado” – eis o não dito: a força das tendências ideológica e editorial!

O interesse ideológico dos veículos de comunicação de massa é reconhecido pela leitura comentada feita pela alunas Carla Milena e Bruna Nádia: “*Os sites tanto podem derrubar um canditado como também glorificá-lo, e eles, lutarem pelos seus objetivos*”.

Esse posicionamento é confirmado pelo comentário dos alunos Thaynara e Lucas: “*A reportagem fazendo que o candidato se eleja com propaganda no site do jornal deve-se porque o site pertence a um dos candidatos do partidos*”.

O Paraíba *On line* é um portal jornalístico que não está, explicitamente, vinculado a partidos políticos, como estão, na conjuntura paraibana, o Paraíba 1 e o Portal Correio. No entanto, as abordagens discursivas realizadas nas matérias veiculadas por este portal autorizam-nos afirmar que, na sua maioria, tendem aos objetivos da oposição, no contexto das Eleições 2010 para o governo do Estado da Paraíba.

A prática de leitura como essa se encontra nas bases da Educomunicação. Adjetivada de crítica, esta leitura é resultado de um comprometimento de formação vinculada à noção de que produzir linguagem não se resume a ligação gerativa de sentenças linguísticas, mas a apro-

priação de intenções comunicativas que vão de encontro às formações discursivas circuladas na vida social.

EXEMPLO 02

MANCHETES DO DIA

Jornais da Paraíba destacam Eleições 2010. Confira as manchetes Da Redação

CORREIO DA PARAÍBA

*Maranhão chega a 53,73% e Ricardo Coutinho a 45,20%
Velocidade dos dados pode revelar eleitos na PB às 19h*

JORNAL DA PARAÍBA

*Maranhão tem 52% Ricardo 46% e PB pode ter disputa no 2º turno
Cássio lidera e 2ª vaga está indefinida*

FONTE: Paraíba On line. Acessado em 03/10/2010.

COMENTÁRIOS DO EXEMPLO 02

Aline e Kassia disse...

É interessante a colocação dos dois portais, o portal do partido vermelho já afirma a vitória do candidato Zé Maranhão, porém o outro portal oposto indica a possibilidade do segundo turno, mas não nega o alto ibope de candidato do partido vermelho e resalta que o candidato ao senado Cassio lidera e deixa livre a 2º vaga, que não aparenta ser do candidato aliado.

5 de outubro de 2010 09:59

Bruna Nádia disse...

A fonte correio da Paraíba descarta uma hipótese de segundo turno, mostrando as porcentagens e dados que segundo eles, com as velocidades de dados podem eleger o candidato Zé Maranhão.

Já a fonte Jornal da Paraíba não descarta uma possibilidade de segundo turno, favorecendo Ricardo e também Cássio que é do mesmo partido. Sendo indefinida sua entrada. Ele está liderando e garantido sua vaga se for permitida é claro. Ou seja sempre há meio que uma rivalidade entre eles.

5 de outubro de 2010 09:59

Anônimo disse...

*a eleição de 2010 na Paraíba, caminhar para guerra de notícias as dois grande fonte de informação no estado. Ermeson Gesyer
5 de outubro de 2010 09:59*

carla milena disse...

Na notícia em destaque mostra que sempre vai haver uma rivalidade entre os líderes políticos.pois em pesquisas destaca a possível vitória de zé Maranhão e de Cássio Cunha Lima. Não há dúvidas de que sempre havertá uma rivalidade política entre os candidatos.

5 de outubro de 2010 10:00

lais melo 16 anos e gessica romara 18 anos disse...

o jornal da coreio fala que maranhao praticamente ja e esta ganho a eleição e que nao tinha pocibilidade de aver segundo turno.ja o jornal da paraiba fala que pode ter disputa entre maranhao e ricardo coutinho pois estao usando cassio para atingir a outra coligação. sempre averar disputa entre eles,e tambem rivalidades entre os dois.

5 de outubro de 2010 10:02

Allison18 Fábio15 disse...

O Correio da Paraíba dar creditos a Maranhao e afirma vitoria no 1 turno.Enquanto o Jornal da Paraíba da possibilidade de haver 2 turno e ainda afirma a liderança do candidato ao senado Cassio Cunha Lima.

5 de outubro de 2010 10:02

No *Exemplo 02*, a proposta estava em fazer com que os alunos lessem as manchetes do dia de dois jornais impressos de circulação estadual: Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba, situação e oposição, respectivamente, em se tratando de tendências político-partidárias. Note-mos que a data de circulação destas manchetes é 03/10/2010: dia das Eleições 2010 em primeiro turno.

O objetivo era fazer com que esses alunos, criticamente, se posicionassem frente às criações léxicas (tendência narrativa) das manchetes e conseguissem entender o fenômeno denominado por um dos alunos de “guerra de notícias”: “*a eleição de 2010 na Paraíba, caminhar para guerra de notícias as dois grande fonte de informação no estado. Ermeson Gesyer*”.

O comentário das alunas Aline e Kassia evidencia esse jogo: “É

interessante a colocação dos dois portais, o portal do partido vermelho já afirma a vitória do candidato Zé Maranhão, porém o outro portal oposto indica a possibilidade do segundo turno, mas não nega o alto íbope de candidato do partido vermelho e resalta que o candidato ao senado Cassio lidera e deixa livre a 2º vaga, que não aparenta ser do candidato aliado”.

A rivalidade sempre haverá no campo da política. Nas palavras da aluna Carla Milena: “*Não há dúvidas de que sempre haverá uma rivalidade política entre os candidatos*”. O interessante é o professor, tendo como objetivo didático mostrar esta realidade, proporcionar estratégias de metodologias de ensino que traduzam significados práticos às aulas de estudos da linguagem humana.

Para tanto, uma das possibilidades é discutir essa rivalidade nas produções textuais da imprensa. Aspectos como “não produzimos textos por acaso”, “temos intenções específicas ao nos reportar a alguém via linguagem”, “adequação linguageira ao contexto/suporte de comunicação”, “efeitos de sentidos nos diversos discursos verificados pelo uso de gêneros”, dentre outros, serão contemplados quando o aluno for exposto ao nível crítico de leitura de práticas linguageiras.

É o que fez o aluno Allisson entender que para o Correio da Paraíba a eleição estaria ganha em primeiro turno e para o Jornal da Paraíba haveria a possibilidade de segundo turno: “*O Correio da Paraíba dar créditos a Maranhão e afirma vitória no 1º turno. Enquanto o Jornal da Paraíba da possibilidade de haver 2º turno e ainda afirma a liderança do candidato ao senado Cassio Cunha Lima*”.

Percebamos que o aluno conseguiu extrair esse raciocínio tendo como referência as forças ideológicas e editoriais que subjazem aos respectivos jornais: para o Correio da Paraíba é confortável declarar um resultado já definido, por meio do verbo declarativo “*chega*”, ao invés da expressão “*pode chegar*”; enquanto que para o Jornal da Paraíba, neste contexto representando a oposição, o uso da locução verbal “*poder*” conferiu um tom de “suavização discursiva” a favor de Ricardo Coutinho, candidato da oposição.

EXEMPLO 03**COM 84,05%**

Tiririca supera 1 milhão de votos a deputado federal no estado de São Paulo

Até o momento é o candidato a deputado federal mais votado do Brasil

Com 84,05% dos votos apurados no estado de São Paulo, Tiririca (PR-SP) é até o momento o candidato a deputado federal mais votado do Brasil.

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o candidato já recebeu 1.116.542 (6,23%) dos votos válidos no estado de São Paulo. O segundo colocado é Gabriel Chalita (PSB), que soma 485.629 (2,71%).

No Rio de Janeiro, o ex-governador Garotinho (PR) lidera a disputa para a Câmara dos Deputados. Com 92,17% dos votos apurados, Garotinho aparece com 615.039 votos (8,37%), seguido por Chico Alencar (PSOL), com 234.228 (3,19%).



FONTE: www.maispb.com.br. Acessado em 04/10/2010.

COMENTÁRIOS DO EXEMPLO 03**Allison18 Fábio15 disse...**

Na nossa opinião a vitória do candidato a deputado federal Tiririca foi uma forma de protesto contra os políticos em geral por que existem varios palhaços no governo, porque não entrar outro? Apesar dele não ser qualificado para determinado cargo conquistou 1 milhao de votos do publico eleitor.

www.bocc.ubi.pt

5 de outubro de 2010 10:13

Aline e Kassia disse...

Os eleitores elegeram como forma de protesto, porque o povo cansou de eleger pessoas ditas bem preparadas profissionalmente a exercer os cargos políticos e resolveram dar oportunidade de pessoas de nível social baixo para representar a sociedade em buscas de uma melhoria social. Hoje os que estão no poder não estão representando o povo como prometem em suas campanhas, sendo está uma democracia e crítica para mostrar que os eleitores tem sua propria opinião e vota em quem quizer.

5 de outubro de 2010 10:17

Bruna Nádia disse...

Tiririca é um humorista muito querido por todos. Mas nem todo mundo votou nele por essa causa.É um voto de protesto pelo os escândalos que envolvem a política. E ele foi um candidato que foi extremamente sincero, seu slogan era "Vote em Tiririca pior que tá, não fica". Por ele ter sido uma pessoa que venceu na vida, que chegou lá ele não mentiu dizendo que ia ajudar os pobres começando por sua familia. Para uma grande maioria foi um voto de protesto pelo fato de ele ser humorista e a política está deste jeito. Podemos citar também o candidato "Toinho do Sopão"eleito sendo o candidato mais votado para o estado. Um caso muito parecido apesar de ele não ser conhecido por todos. Sendo assim um meio que tipo um inicio de uma revolução.

5 de outubro de 2010 10:21

Aline e Kassia disse...

Podemos associar esse caso com o que ocorreu aqui na PB, o candidato de origem humilde conhecido como Toinho do Sopão, no cargo de Deputado Estadual foi o mais votado na história da Paraíba.

5 de outubro de 2010 10:24

lais melo 16 anos e gessica romara 18 anos disse...

o canidato paulo tiririca foi o mais votado por ser estrovertido e carismatico mas sera que ele realmente vai saber como le dar com o cargo de deputado estadual pois ele se cadidatou por apenas uma brincadeira e acabou dando certo.

5 de outubro de 2010 10:25

Carla Milena disse...

Na Paraíba houve um caso parecido com o do humorista Tiririca, Toinho do sopão venceu as eleições como deputado federal aqui em Campina Grande, na Paraíba .o preconceito é o mesmo dizem não ter qualificação para representar o país.

5 de outubro de 2010 10:27

Em âmbito nacional, as Eleições 2010 trouxeram alguns resultados inusitados. No Estado de São Paulo, com mais de um milhão de votos, o humorista Francisco Everardo Oliveira Silva, o Tiririca, foi eleito para exercer o cargo de Deputado Federal.

Diante desse fato, selecionamos a matéria do portal Mais PB que apresentou essa informação e solicitamos aos alunos participantes posicionamentos sobre tal resultado que elegeu um cidadão, aparentemente, sem perfil de um representante do Poder Legislativo.

Na maioria das opiniões declaradas pelos alunos há a justificativa desse fato como uma forma de protesto: Allison e Fábio: *“Na nossa opinião a vitória do candidato a deputado federal Tiririca foi uma forma de protesto”*, Aline e Kassia: *“Os eleitores elegeram como forma de protesto”* e Bruna Nádia: *“É um voto de protesto pelo os escândalos que envolvem a política”*.

As leituras críticas que os alunos fazem desse protesto deriva do fator que a ação social – a do protesto – está relacionada a uma atitude dos eleitores paulistas *“contra os politicos em geral por que existem varios palhaços no governo”* (Allison e Fábio) e *“porque o povo cansou de eleger pessoas ditas bem preparadas profissionamente a exercer os cargos políticos”* (Aline e Kassia).

O slogan da campanha do Tiririca também foi citado no comentário de Bruna Nádia – *“E ele foi um candidato que foi extremamente sincero, seu slogan era "Vote em Tiririca pior que tá, não fica”* –, sendo associado a uma noção de sinceridade. Na visão da aluna, os escândalos que envolvem o cenário contemporâneo³⁹ da política nacional representam atitudes de humanos não sinceros, cujas características demonstram um expressivo descompromisso com o social – essência que configura, ou que deveria configurar, o perfil de um administrador público.

Linguisticamente falando, não há no texto selecionado do portal

³⁹ Para não afirmar cenário histórico.

Mais PB a referência ao contexto político das Eleições 2010 na Paraíba. No entanto, a leitura de mundo dos alunos participantes acionou uma relação do caso Tiririca com a eleição do candidato paraibano Toinho do Sopão: “*Podemos associar esse caso com o que ocorreu aqui na PB, o candidato de origem humilde conhecido como Toinho do Sopão, no cargo de Deputado Estadual foi o mais votado na história da Paraíba*” (Aline e Kassia) e “*Na Paraíba houve um caso parecido com o do humorista Tiririca, Toinho do sopão venceu as eleições como deputado*” (Carla Milena).

Nesse sentido, comungamos com a concepção de que a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido. Ela favorece a ampliação dos repertórios de informação do leitor, podendo incorporar novas ideias, conceitos, dados, enfim, novas e diferentes informações.

A atividade da leitura completa a atividade da escrita. É, por isso, uma *atividade de interação entre sujeitos* e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor. (ANTUNES, 2003, p. 67, grifos da autora)

Assim, a leitura parte de uma conversa com o que foi registrado através da escrita, num exercício de complementariedade, de relação dialógica no processo de construção de sentidos.

EXEMPLO 04



Cássio: de volta à UTI - por Heron Cid (TV Correio e Portal Mais PB)

O ex-governador Cássio Cunha Lima já está acostumado a viver grandes emoções e nos últimos tempos a amargar decepções e quedas

na política, mas a última semana deve ter sido um dos piores martírios vividos pelo tucano.

Chegar a reta final da campanha com a candidatura na berlinda, sem certezas e rodeados de dúvidas, deve tirar o sono de qualquer ser humano, mesmo aqueles acostumados com os meandros do sobe e desce da política.

A situação de Cássio é dramática. Certamente chegará ao dia 3 de outubro vivendo um dilema de equação complicada. A indefinição do Supremo Tribunal Federal é uma navalha que sangra o ex-governador lentamente.

A instabilidade adquirida ao longo do processo, especialmente com a aprovação da Lei da Ficha Limpa, e ampliada nessa fase decisiva tem força inclusive para abalar a base do primeiro colocado nas pesquisas.

Já há movimentos de prefeitos e lideranças aliadas de reflexão e novos cálculos sobre o voto em Cássio Cunha Lima. Alguns precavidos, já acham mais prudente fechar com outros candidatos ao Senado.

Tem até aliado de Wilson Santiago que embarcou na dobradinha com Cássio, fazendo o caminho de volta e procurando a campanha de Vital do Rêgo Filho. No círculo político de Cássio, há quem defenda que ele não deve correr riscos e logo providenciar a substituição por Sílvia Cunha Lima. Entre os advogados ligados ao Grupo Cunha Lima aparece quem advogue intransigentemente a manutenção da candidatura. Depois de eleito, a história seria outra.

É delicado um quadro no qual até os “médicos” não sabem ao certo o tratamento a recomendar ao paciente.

FONTES: www.maispb.com.br. Acessado em 27/09/2010.

COMENTÁRIO DO EXEMPLO 04

Anônimo disse...

Meio de ataque muito irônico, na reportagem, ao ponto do título referi-se a "saúde" do Candidato exposto na matéria, sendo pouco criativo no fato de que queria se relatar que o candidato não iria bem na política, afirmação dita na reportagem feita pelo meio jornalístico da oposição.

Aline Silva 15 anos

Kassia Latrissa 14 anos

28 de setembro de 2010 10:20

lais melo 16 anos e gessica romara 18 anos disse...

nessa reportagem dita por heron cid foi dito que a situação de cassio é dramática certamente chegara o dia 3 de outubro vivendo um dilema de equação complicada. a indefinição do supremo tribunal federal é uma navalha que sangra o ex-governador lentamente.

28 de setembro de 2010 10:45

Antes de apresentarmos a análise dessa situação específica de comunicação, convém delinear um posicionamento teórico da pesquisa referente à noção de discurso.

O discurso é a palavra em movimento ou a prática de linguagem designando um conjunto de enunciados que se relacionam entre si e que possuem sentidos demarcados, já estabelecidos pela própria identidade de cada uma das formações discursivas.

O conceito de formação discursiva trata-se daquilo que numa formação ideológica determina o que “pode” ser dito, representa, então, a adequação do discurso. Desta forma, a língua pode ser concebida a partir de três atividades: sócio-histórica, sociocognitiva e sociointerativa. Tais atividades contemplam a língua em seu aspecto sistemático, mas observa-a em seu funcionamento social, cognitivo e histórico, predominando a ideia de que o sentido se produz situadamente e que a língua é um fenômeno encorpado, não abstrato e não autônomo (NASCIMENTO; XAVIER, 2010).

Pensando nesse fenômeno encorpado dos textos, Marcuschi (2008) estabelece que o estudo das atividades languageiras pode ser visto a partir de três noções:

1. TIPO TEXTUAL: designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição. O tipo caracteriza-se mais como sequência linguística e abrange cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção;
2. GÊNERO TEXTUAL: refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos, definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concreta-

mente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas, como: bate-papo, receitas, reportagem, bilhete, folhetim, dentre outros e

3. DOMÍNIO DISCURSIVO: constitui muito mais uma esfera da atividade humana no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas, por exemplo, o discurso jurídico, jornalístico, religioso etc.

Por acreditarmos que os textos são resultados de formações discursivas ideologicamente organizadas – ou domínios discursivos – e que os sujeitos produzem discursos levando em consideração a imagem que faz de seus interlocutores e a sua própria imagem ocupada dentro de posições demarcadas no social, percebemos, através do *Exemplo 04*, uma nítida força ideológica e editorial construída historicamente pela rede de comunicação a que o jornalista Heron Cid filia-se.

Essa percepção é lembrada, também, no comentário das alunas Aline e Kassia: “*Meio de ataque muito irônico, na reportagem, ao ponto do título referi-se a "saúde" do Candidato exposto na matéria, sendo pouco criativo no fato de que queria se relatar que o candidato não iria bem na política, afirmação dita na reportagem feita pelo meio jornalístico da oposição*”.

As estudantes chamaram o discurso situado do jornalista do portal Mais PB de “*meio jornalístico da oposição*”. Como vemos, o discurso utilizado pelo jornalista Heron Cid não é aleatório: “*Chegar a reta final da campanha com a candidatura na berlinda*”, “*O ex-governador Cássio Cunha Lima já está acostumado a viver grandes emoções e nos últimos tempos a amargar decepções e quedas na política*” e “*A situação de Cássio é dramática*”.

Existe por trás dos enunciados destacados da matéria uma tendência ideológica que define o posicionamento editorial do veículo de comunicação em análise; e que vai além da “ingênua” ideia que a função deste texto é a de informar à luz da “verdade” – palavra que sinaliza a essência do trabalho jornalístico. A intencionalidade narrativa é nitidamente política.

Concordamos com Borges (2009) quando diz que

como qualquer campo de atuação humana, a política é dotada de um tempo que é próprio. Os processos, os ritos e as

ações que envolvem o controle e o uso do poder respeitam um tempo que é determinado pelas instituições e pela interação dos grupos em conflito. A imprensa, por sua vez, opera com outro tempo, no espaço entre a ocorrência dos fenômenos sociais e sua divulgação. Este intervalo sofre a influência de forças de várias naturezas: profissional, comercial e política. Para dar conta de sua tarefa publicitária, os meios de comunicação precisam de métodos que organizam o trabalho e possam responder às demandas por informação. Nesse contexto, a notícia é o produto acabado de um processo de seleção de determinados fatos sociais e de elaboração das informações a eles relativas. (BORGES, 2009, p. 205)

Da teoria bakhtiniana, destacamos que na interação verbal as palavras são selecionadas segundo as especificidades do gênero, quanto ao conteúdo, à composição e ao estilo. Acrescentamos, ainda, o fato de que a seleção das palavras depende da criação ideológica a que se filiam as intenções comunicativas das mais variadas possibilidades de ações languageiras, neste contexto, as ações do jornalismo político (NASCI-MENTO; XAVIER, 2010).

Ainda em relação ao *Exemplo 04*, enfatizamos o comentário das alunas Lais e Gessica que, a nosso ver, não conseguiram demonstrar um posicionamento crítico diante do que foi lido na matéria. No comentário, identificamos uma atividade de leitura cuja interpretação limita-se a recuperar os elementos literais e explicitados na superfície do texto lido: “*a situação de cassio é dramática*”, “*vivendo um dilema de equação complicada*” e “*navalha que sangra o ex-governador lentamente*”.

Essa prática de leitura privilegia aspectos pontuais do texto, algumas informações localizadas, deixando de lado elementos relevantes à compreensão global que transcende a materialidade da forma linguística e que está relacionada à ideia central, ao argumento defendido e discursivamente reconhecido.

Parece que a leitura feita pelas alunas Lais e Gessica, na escrita, apresenta-se em conformidade com o modelo ascendente de leitura, aquele baseado nas teorias da decodificação, cuja base estruturalista concebe a leitura como uma construção automática do código e da organização de seus traços.

Os trabalhos em Educomunicação pretendem alcançar esses alunos que ainda encontram-se em um estágio de decodificação, no sentido de conduzi-los a um nível de leitura que possibilite a ultrapassagem dos limites estruturais da língua, agindo criticamente diante do dito, aguçando novas interpretações ou alternativas dialógicas de construção de sentidos.

No que se refere à pesquisa-ação deste trabalho, discutimos, oral e particularmente, com essas alunas a respeito da necessidade que elas tinham de superar os obstáculos que, até então, as impediam de pensar criticamente acerca do que a mídia – e a vida como um todo! – a apresentava. A proposta educacional é permitir que os alunos enxerguem as redes de sentidos presentes nas tendências ideológicas inerentes aos enunciados – sejam eles midiáticos ou não.

E aqui cabe a reflexão sobre a formação de professores, seja ela inicial ou continuada. Para que se desenvolva essa postura metodológica de práticas educacionais, o professor precisa estar aberto ao criativo. Precisa se sensibilizar e, através desta sensibilização, promover atividades interativas de construção do conhecimento nas suas aulas, tornando-as cada vez mais transdisciplinares.

Teríamos outros exemplos a serem apresentados e discutidos. Para não tornar este trabalho muito extenso e exaustivo, convidamos o nosso leitor a conhecer todo o acervo de postagens e comentários no *blog* JORNALISMO.COM, cujo endereço eletrônico é:

(<http://jornalismopontocom.blogspot.com>).

5.4 Escrita: a produção dos gêneros notícia e reportagem

Existe uma variedade de textos que circulam na sociedade e que, constantemente, se multiplicam e se renovam, ampliando as possibilidades de interação que imprimem às relações sociais o ato de comunicar/negociar. Neste sentido, os gêneros discursivos surgem e integram-se nas culturas em que se desenvolvem.

O estudo dos gêneros não objetiva classificar textos, mas considerar a presença deles nas práticas sociais e verificar a funcionalidade sociocomunicativa estabelecida através de sua circulação. À luz desta perspectiva, o seu estudo deve não apenas considerar aspectos formais

(estruturais ou linguísticos) a que os textos dispõem, mas enfatizar a relação entre gêneros e propósitos sociais e comunicativos, isto é, pensá-los não em si mesmos, mas em suas funções sócio-verbais e ideológicas.

De modo particular sobre os gêneros discursivos da esfera jornalística, concordamos com Ferrari (2007) quando diz que

a sociedade atual move-se em torno das pessoas, das suas histórias, de seus costumes, suas expectativas de vida, enfim, da informação individualizada. Naturalmente, o processo de comunicação está relacionado de modo íntimo com esse macromercado de seres humanos que precisam de informação e comunicação todos os dias, da mesma maneira que precisam do ar que respiram. (FERRARI, 2007, p. 07)

Desse modo, situamos os gêneros jornalísticos como “as diferentes formas pelas quais os jornais e jornalistas expressam suas atividades no relato da informação” (SEPAC, 2003, p. 25). Assim, os gêneros jornalísticos representam as possibilidades textuais que o jornalista produz ao informar através do verbo, da palavra.

Para Seixas (2009),

o conhecimento mais profundo dos elementos que constituem os tipos mais frequentes de composições discursivas da atividade jornalística pode implicar em maior conhecimento sobre a própria prática. Isso significa conhecimento sobre as competências empregadas para a realização da atividade, desde a produção à publicação dos produtos. (SEIXAS, 2009, p. 01-02)

Entendamos produtos como resultado de atividades languageiras – orais e escritas – produzidas não por acaso, mas por forças que se encontram em um emaranhado de ideologias presentes que correspondem às necessidades comunicativas das agências de comunicação de massa.

É sabido que nas atividades de jornalismo, muitas vezes, a produção do material informativo é condicionada as motivações que alimentam aos interesses das tendências ideológicas e mercadológicas das editorias a que os profissionais da comunicação estão vinculados.

Isso compromete a construção dos sentidos nos seus textos, orais e escritos, visto que bloqueia, de maneira significativa, o pensamento crítico deste profissional, que se vê “obrigado”, para se manter no mercado, a caminhar na direção daquilo que configura a representação ideológica da empresa de comunicação a que se filia.

Nesse sentido, são oportunas as palavras do experiente jornalista Ricardo Noblat quando diz: “de forma simplificada, notícia é todo fato relevante que desperte interesse público, ensinam os manuais de jornalismo. Fora dos manuais, notícia na verdade é tudo o que os jornalistas escolhem para oferecer ao público” (NOBLAT, 2008, p. 31).

Assim, os gêneros jornalísticos representam uma expressiva fonte para a investigação, em contexto de ensino-aprendizagem de línguas, de que os textos de circulação social são artefatos que evidenciam, através de sintagmas verbais e nominais, discursos situados de práticas que organizam historicamente os sujeitos em sociedade: nas palavras de Bakhtin (2009), atores sociais reconhecidamente organizados/situados.

Recordamos, ainda, as palavras de Bakhtin (2009) para quem não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. Para este estudioso, é preciso que os indivíduos estejam socialmente organizados e que formem um grupo ou uma comunidade social.

Dessa maneira, percebemos que há variadas formas de manifestação e interação linguísticas mediadas pela palavra, ou não, e que tendem a sofrer tanto mudanças sócio-históricas, como também comunicativas. Nestas condições, o modo como as pessoas se comunicam/interagem apresenta mudanças significativas ao longo da história verbal, vistas através do aparecimento de formas discursivas atualmente conhecidas e estudadas a partir da concepção de gêneros textuais.

5.4.1 A notícia e a reportagem

A notícia é uma forma de se produzir informação de maneira sucinta. De carácter factual, ela constitui-se como a matéria-prima do jornalista. As principais características da notícia são o uso de uma linguagem precisa, que se limita, unicamente, ao relato de um fato. Há marca de temporalidade e apresentação de *lead* (XAVIER, 2010).

O tipo de *lead* condensado é o mais tradicional. Sua atenção está

em responder as perguntas básicas da notícia: o que?, quem?, quando?, como?, onde? e por que?, resumizando os fatos principais de maneira clara e uniforme.

Em linhas gerais, esse tipo de *lead* responde num só parágrafo, e através de uma construção simples, as perguntas acima citadas que representam a essência do texto de natureza informativa.

De acordo com Pena (2008), critérios como ser factual, despertar o interesse do público e novidade são relevantes ao caráter de noticiabilidade. O que podemos conferir no gênero notícia é a construção de uma narração que se limita, apenas, a transmissão não opinativa de um fato.

A reportagem é uma forma de textualização que, diferentemente da notícia, se caracteriza por alargar ou detalhar a construção textual de referência a determinado fato ou acontecimento. Ela exige do jornalista um maior comprometimento com a informação, uma vez que dá margem para a busca de diversas fontes que se inserem como determinantes no processo de compreensão do texto. (XAVIER, 2010, p. 131)

“O repórter não tem final de semana, gasta os dedos no telefone, esquenta a bunda nos sofás de gabinetes, perde as solas dos sapatos e ainda recebe reclamações dos chefes e da família” (PENA, 2008, p. 74).

Essa característica permite-nos afirmar que o repórter quando se propõe a escrever um texto vinculado ao gênero reportagem se condiciona a buscar o máximo de informações possíveis, a partir de estratégias como pesquisas acadêmicas e científicas, uso da linguagem não-verbal, diagramação mais extensa, realização e citação de entrevistas, dentre outras, o que denuncia a preocupação da reportagem em trazer informações detalhadas de assuntos que convergem para os interesses da sociedade como um todo, e não de um fato que particulariza uma situação temporal neste todo.

Nas palavras do Rego (1987), o propósito primordial da reportagem é o de relatar, de maneiras descritiva e explicativa, um acontecimento. Já a notícia caracteriza-se por conformar-se com o factual, com os ques principais de um fato.

Achamos oportuno extrairmos um quadro comparativo entre esses dois gêneros jornalísticos da esfera do informar:

A notícia apura fatos	A reportagem lida com assuntos sobre fatos
A notícia tem como referência a imparcialidade	A reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação
A notícia opera em um movimento típico da indução (do particular para o geral)	A reportagem, com a dedução (do geral, que é o tema, ao particular – os fatos)
A notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais	A reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento; aprofunda
A notícia independe da intenção do veículo (apesar de não ser imune a ela)	A reportagem é produto da intenção de passar uma “visão” interpretativa
A notícia trabalha muito com o singular (ela se dedica a cada caso que ocorre)	A reportagem focaliza a repetição, a abrangência (transforma vários fatos em tema)
A notícia relata formal e secamente – a pretexto de comunicar com imparcialidade	A reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor
A notícia tem pauta centrada no essencial que recompõe um acontecimento	A reportagem trabalha com pauta mais complexa, pois aponta para causas, contextos, consequências, novas fontes

QUADRO 04 – Comparativo da definição/construção textual de notícia e reportagem. Extraído de Pena (2008, p. 76)

A escrita é uma atividade interativa de expressão, de manifestação, de intenção, de crenças, de ideologias. Configura-se, então, em um compartilhar de experiências que reforçam necessidades sociocomunicativas. Em se tratando do seu ensino, concordamos com as palavras de Marcuschi (2005): “quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio-discursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual” (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

5.4.1.1 A escrita e a reescrita de notícias⁴⁰

BRIGA E AGRESSÃO – POR ALINE DA SILVA SANTOS

A violência com mulheres cada dia mais vai aumentando, sábado (25) na Rua Lima Silva, ocorreu mais um caso de violência com a mulher.

Na forma em que está, o texto acima se aproxima muito de uma nota. Orientamos a aluna da necessidade de ampliar o fluxo de informações, como: dia 25 de que mês? que mulher foi agredida? a que cidade pertence a Rua Lima Silva?

Sob essas orientações, o texto foi reescrito. Eis a reescritura.

BRIGA E AGRESSÃO – POR ALINE DA SILVA SANTOS

A violência com mulheres cada dia tem crescido. Neste sábado, 25/09/2010, na Rua Lima Silva, em Campina Grande, ocorreu mais um caso de violência com a mulher. Nesse caso, a mulher agredida foi Maria do Socorro da Silva. Ela foi espancada pelo seu companheiro, o que fez crescer os índices de violência doméstica contra a mulher.

Vejamos outro texto dentro da perspectiva do gênero notícia.

PALESTRA COM MOISÉS ALENCAR – POR ALINE DA SILVA SANTOS

Dia 30/09 será realizada na igreja Brasil para Cristo, a palestra com Moises Alencar, a palestra é promovida pela Escola Severino Cabral, pais e professores estão convidados a participar.

Orientamos a aluna sobre a necessidade de situar melhor a notícia a partir do próprio título, “*Palestra com Moisés Alencar*”, que não traz, praticamente, nenhuma informação ao leitor.

Solicitamos a aluna que informasse o horário da palestra, que lugar social ocupa o palestrante e o conteúdo da mesma. Na reescrita, a aluna não pontuou o conteúdo que norteou a palestra, mas reconhece-

⁴⁰ Para a demonstração de análise dos dados selecionamos as produções da aluna participante Aline da Silva Santos.

mos um avanço no que diz respeito a primeira versão do texto. Segue a reescritura.

ESCOLA PROMOVERÁ PALESTRA COM O PSICÓLOGO E PROFESSOR MOISÉS ALENCAR – POR ALINE DA SILVA SANTOS

A Escola Severino Cabral promoverá neste dia 30/09/2010, às 19h, palestra com o psicólogo e filósofo Moisés Alencar. O evento será realizado na Igreja Brasil para Cristo do bairro Severino Cabral. Os organizadores convidam pais e professores para participarem.

5.4.1.2 A escrita e a reescrita de reportagens⁴¹

MORTE E A DEMORA DAS AMBULÂNCIAS – POR ALINE DA SILVA SANTOS

Morreu as 17:00, o morador do conjunto Chico Mendes. Segundo sua esposa: “ele morreu de Infarto, a Samu foi aciona, mas demorou muito no atendimento e quando chegou não veio com a U.T.I.”

“Muitas denúncias já foram feitas por pessoa que utiliza esse serviço, mas não há melhorias,” falou.

O que fez piorar o estado de saúde do paciente, o que ocasionou a morte do indivíduo.

Pautando-se na especificidade do gênero, a aluna na primeira versão destacou a fala de entrevistados, característica que, de acordo com a teoria adotada nesta pesquisa, diferencia a reportagem da notícia.

Nesse texto, percebemos que as informações eram colocadas, mas não havia uma relação coesiva entre os parágrafos. Solicitamos e orientamos a reescrita no sentido de fazer com a aluna entendesse a necessidade de uma concatenação de ideias e da importância que um título assume na chamada de todo e qualquer texto. A seguir, a reescritura.

DEMORA DO SAMU CAUSA MORTE NO CHICO MENDES – POR ALINE DA SILVA SANTOS

O Sr. Iremar Almeida morreu às 17h deste sábado, 25/09/2010. A

⁴¹ Para a demonstração de análise dos dados selecionamos as produções da aluna participante Aline da Silva Santos.

vítima morava no Conjunto Chico Mendes. Segundo sua esposa, ele morreu de infarto. A Samu foi acionada, mas demorou muito no atendimento e quando chegou não veio com a U.T.I.

“Muitas denúncias já foram feitas por pessoas que utilizam esse serviço, mas não há melhorias”, diz Dona Luíza, moradora do Chico Mendes.

Vejamos outro exemplo do trabalho de escrita e reescrita do gênero reportagem.

ASSALTO NO BODOCONGÓ II – POR ALINE DA SILVA SANTOS

No sábado dia 02 de outubro de noite o estudante Fabio ao chegar em casa é abordado por dois elementos armados em frente da sua casa. A policia foi acionada e houve troca de tiro, mas os policiais não conseguiram pegar os assaltantes, que fugiram por um matagal que fica próximo a região.

Fabio nos relata com ocorreu o assalto: “Quando eu ia chegando em casa dois rapazes me abordou pedindo meu celular, com a arma do meu lado, ai seu Geraldo, meu vizinho viu que eu estava sendo assaltado e ligou para a base da policia que fica aqui perto, e eles chegaram rápido,mas os assaltantes correram para esse matagal.”

“Assaltos com esse não são novidade na região.”

Nesse texto identificamos a preocupação da aluna com a inserção da fala de entrevistados. Notamos a falta de mais detalhes sobre algumas informações contidas, como: horário do assalto e sobrenome da vítima, como também, verificamos o uso de uma linguagem escrita um pouco aproximada da oralidade: “ASSALTO NO”, “de noite” e “pegar os assaltantes”.

Eis a reescrita do texto.

ASSALTO EM BODOCONGÓ II – POR ALINE DA SILVA SANTOS

Neste sábado, 02/10/2010, às 07h da noite, o estudante Fábio Santos, ao chegar em casa foi abordado por dois elementos armados em frente da sua casa. A polícia foi acionada e houve troca de tiro, mas os policiais não conseguiram prender os assaltantes, que fugiram por um matagal próximo à região.

Fábio nos relata como ocorreu o assalto: “Quando eu ia chegando em casa dois rapazes me abordou pedindo meu celular, com a arma do meu lado, aí seu Geraldo, meu vizinho viu que eu estava sendo assaltado e ligou para a base da polícia que fica aqui perto, e eles chegaram rápido,mas os assaltantes correram para esse matagal”.

Segundo o estudante, “assaltos com esse não são novidades aqui no bairro”.

5.4.1.3 Anexando alguns exemplos de notícias e reportagens produzidas pelos alunos

NOTÍCIAS

APOSENTADO DE 66 ANOS É ASSALTADO NO SEVERINO CABRAL – POR GÉSSICA ROMARA

O Sr José dos Santos, aposentado de 66 anos, foi assaltado. A vítima mora no bairro Severino Cabral, na cidade de Campina Grande. O assalto ocorreu próximo à Escola Estadual de Ensino Fundamental Severino Cabral, na tarde desta segunda-feira (04/10/2010). A polícia conseguiu prender os assaltantes, mas não revelou os seus nomes.

SERÃO NECESSÁRIOS 639 HOMENS DO EXÉRCITO PARA TRABALHAREM NAS ELEIÇÕES DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – POR KASSIA LARISSA

Campina Grande será a única cidade em toda Paraíba que precisará de 639 homens do exército, alguns vindos de João Pessoa e mais com a ajuda da polícia militar. Tudo isso é necessário para que as eleições sejam tranquilas e ocorra com segurança e organização.

DANIELLA RIBEIRO FAZ PASSEATA PELO BAIRRO DA RAMADINHA – POR ALLISON DANTAS

Durante a tarde dessa quarta-feira, 29/09/2010, a candidata a Deputada Estadual Daniella Ribeiro fez caminhada pelas ruas Adão Souza, Joaquim Amorim Júnior e Walfredo Gomes de Lima, no bairro da Ramadinha.

Acompanhada do candidato a Deputado Federal Aguinaldo Ribeiro, ela falou de suas propostas para os moradores e disse que vai inves-

tir nas áreas da Saúde, na Segurança Pública do bairro e, principalmente, da Educação.

Os moradores daquela localidade aplaudiram sua chegada, como também sua saída.

REPORTAGENS

ALUNO DE CAMPINA GRANDE É CAMPEÃO DA OLIMPÍADA DE GEOGRAFIA – POR CARLA MILENA

Para o orgulho de nossa cidade, o aluno Jackson Júnior, de 13 anos, que cursa o 9º ano do ensino fundamental, foi o campeão na Olimpíada de Geografia. Além de ter deixado 230 mil adversário para trás, ele também foi escolhido entre os 20 melhores do país.

No entanto, sua vitória não foi por acaso, pois várias medalhas já pertencem ao jovem estudante: a da Olimpíada de Matemática, a de Astronomia, dentre outras. “A vitória na Olimpíada de Geografia foi uma grande conquista e uma verdadeira oportunidade alcançada”, comentou Jackson.

Na opinião do pai do garoto: “Meu filho é estudioso e tem um futuro muito bom pela gente!”. Esta opinião é reforçada pela fala de Jackson que diz: “Como é bom ser elogiado!”.

ELEIÇÕES 2010: ELEITORES AINDA TÊM DÚVIDAS SOBRE QUEM IRÃO VOTAR – POR BRUNA NÁDIA

Partindo do princípio que estamos nas vésperas das eleições, são comuns as dúvidas sobre a votação. Mas, alguns eleitores ainda têm seus questionamentos sobre isso. Nós nos perguntamos, por que é que ainda existem dúvidas se já ouvimos tantas propostas. Será que não estamos satisfeitos?

A moradora do Conjunto Ana Amélia, no Rocha Cavalcante, dona de casa Fátima Gomes Almeida diz: “Ainda não sei em quem votar! Mesmo estando muito próximo o dia da eleição. Aparecem muitos candidatos comprando votos... Mas, não aceito! Quero uma política limpa e pelo que vejo não estamos prestes a ter. Por isso surgem as dúvidas”.

E o que você pensa sobre a política do Brasil?: “Penso que os candidatos estão se rebaixando, usando podres uns dos outros para

aumentar nas pesquisas, inventam, fazem busca pelo passado... Alguns estão jogando sujo”, comentou a dona de casa.

Fizemos a mesma pergunta à Amanda Araújo, estudante de História da UEPB e moradora das Malvinas: “São tantas falcatruas na política brasileira que a gente fica se questionando: Será que o voto deveria ser válido? Será que existem políticos bons? Com propostas boas e que se expressem bem... Que conheça seu país, suas necessidades e que se interesse em mudar? Será que há algum? Por isso questionamentos e dúvidas. O período que fica para assistir o guia é o período que o eleitor tem para se decidir”, diz a universitária.

E se você é um desses cidadãos que ainda tem dúvidas fica a dica...: Pesquise o passado dos candidatos e suas propostas atuais. Tenha um conhecimento geral, se interesse pelo o assunto, conheça um pouco seus candidatos e o mais importante: lembre-se que é você quem vai decidir o futuro do Brasil.

SEGURANÇA: MORADORES ESTÃO ASSUSTADOS COM O ÍNDICE DE ASSALTOS – POR BRUNA NÁDIA

Os assaltos estão aumentando mais a cada dia que passa e em algumas comunidades os moradores estão ficando assustados. Porque os assaltos não estão acontecendo apenas mais tarde da noite, mas a qualquer hora do dia. O crime causa mais do que prejuízos ao patrimônio e à vida. Ele potencializa o medo de quem vive, seja aonde for.

Segundo a moradora do Conjunto Ana Amélia, no Rocha Cavalcante, Elisângela Campos: “Na mesma rapidez em que os muros sobem, cresce a violência no País e a certeza de que ninguém está seguro. Não se pode sair depois das nove, ou vir do trabalho um pouco mais tarde sem correr o risco de ser assaltada, Nós nos preocupamos conosco e com nossos filhos que vem do curso, da escola, do trabalho. O índice de crime está crescendo e a nossa segurança diminuindo”, diz.

Hávila Santos, moradora do Conjunto Santa Mônica, também no Rocha Cavalcante, foi assaltada há três dias e conta como é passar por isso: “Apesar de não me roubarem muitas coisas de valor, É horrível! Você se sente muito insegura e com medo de ser assaltada de novo. Os assaltos estão ocorrendo a qualquer hora do dia. Nunca se sabe quando vai acontecer”.

Estamos sempre sujeitos a assaltos, sequestros e até mesmo ser-

mos mortos pelos assaltantes que agem, inclusive à luz do dia, e ficam impunes. Mas ainda há possíveis soluções para evitar esses assaltos. Seguem algumas dicas: ande sempre em ruas movimentadas, organize sua comunidade a contratar um segurança de rua, procure algum órgão público e o mais importante: nunca reaja a um assalto.

EDUCAÇÃO SEXUAL – POR FÁBIO NONATO

O sexo está sendo praticado com maior frequência pelos adolescentes. Hoje em dia as pessoas fazem sexo somente pelo prazer, não se dão conta que antes do sexo deve-se existir o amor e saber, também, que o sexo se faz com um parceiro ou parceira de confiança.

É nas escolas que os alunos começam a se conhecer e quem sabe darem início a uma relação amorosa. Por isso, a educação sexual deve ser um ensino fundamental nas escolas de todo o mundo.

Para o estudante Daniel Alves, deve-se existir um educador especializado em educação sexual para que possa ensinar da melhor maneira possível os alunos das escolas públicas e privadas.

A universitária Maria do Socorro diz que todo meio que possa informar sobre o sexo seguro e prazeroso deve ser apresentado a todos os adolescentes.

GRUPO VIDA FAZ EVANGELISMO CASA EM CASA NAS MALVINAS – POR ERMESON GESYER ALVES NUNES

O evento acontecerá no dia 02/10/2010, a partir da 09h da manhã. O Grupo Vida atua em diversos segmentos, sempre tendo em vista gerar atividades frutíferas entre os membros do grupo, bem como abençoar a comunidade com a palavra da fé. É dessa forma que o grupo tem espaço exclusivo na igreja para realização de uma reunião semanal, onde ouvem a palavra e as diretrizes para as próximas ações. É um ambiente de comunhão onde todos se sentem bem e alegres, por descobrirem que a melhor coisa que existe é servir ao Deus que nos criou, comentou um participante.

Dentre os eventos realizados pelo Grupo Vida destaca-se o evangelismo em comunidades de difícil acesso, aonde poucas igrejas chegam para anunciar a Palavra: “As comunidades nos recebem com alegria e é um tempo de júbilo para todos. Temos em muitas dessas cruzadas evangélicas feito um trabalho de evangelismo social, servindo à co-

munidade com corte de cabelo, atendimento de saúde, distribuição de cestas básicas e pães”, disse outro participante.

ELEIÇÕES 2010: DEBATE PRESIDENCIAL NA REDE GLOBO, COM OS CANDIDATOS PLÍNIO ARRUDA, MARINA SILVA, JOSÉ SERRA E DILMA ROUSSEFF – POR KACIA LARISSA

Realizado no dia 30/09/10 e apresentado por William Bonner, o debate se dispõe a regras básicas e formação de quatro blocos entre perguntas e respostas com os seguintes candidatos Plínio Arruda do PSOL, Marina Silva do PV, José Serra do PSDB e Dilma Rousseff do PT. Sendo iniciado às 22h até 00h30min.

Iniciou-se com o tema legislação trabalhista, onde a candidata Marina Silva pergunta para Dilma que não respondeu com clareza. Na sequência, o candidato que responde será o próximo a perguntar, sendo o tema funcionalismo público. Dilma perguntou: “Qual a sua política para o funcionalismo público?”. Plínio escolhido por ela respondeu: “Todo que se suceder a ser contrário a sua”. (resposta que desvalorizou as propostas da oponente).

A terceira pergunta foi de Plínio sobre impostos e ironicamente disse a Serra: “Ele gosta disso”. Assim, terminou o primeiro bloco com a última pergunta de Serra para Marina. “Qual sua proposta sobre a previdência (tema) no Brasil para os idosos e em geral?” – Marina responde “Sair de um regime deficitário para um capacitado, pois em 16 anos nada foi feito“. Conclui-se assim o fim do primeiro bloco.

O segundo teve temas livres e as mesmas regras de sequência para quem perguntasse e quem respondesse e para a réplica e a tréplica, onde os temas foram livres e por eles escolhidos, no qual foram sobre ferrovias, meios de transporte, desastres ambientais e suas coligações, a ordem de candidatos foi de Dilma para Marina, Marina para Serra, Serra para Plínio e Plínio para Dilma.

O terceiro bloco as perguntas foram diretas e com respostas claras e outras nem tanto, algumas perguntas feitas foram:

- *“Os estados não priorizam como se resolver o problema de segurança pública”?*
- *Como você vê a política de saneamento básico do Brasil?*

- *E a resposta obtida para estas foram:*
- *Como resposta à primeira pergunta: “Não foi bem respondida, pois a candidata não afirmou o que iria fazer pela segurança pública e o que alguns de seus colegas de partido já tinham feito.*
- *68% das doenças no Brasil são causadas pela falta de saneamento básico. Uma solução proposta pelo candidato é não pagar a dívida externa e aplicar esse recurso no esgoto.*

Ainda nesse bloco houve mais perguntas e respostas. O quarto bloco como todos os outros candidatos foram questionados e questionavam entre si. Nele, os candidatos fizeram suas considerações finais e terminou o debate.

Assim, percebe-se a importância da mídia para a política, pois ela através do seu poder faz com que uma nação possa decidir em quem votará nas eleições.

A eleitora Kessya Mariane Abrantes Alves ao ser questionada sobre o debate, disse: “Nas pesquisas presenciei Dilma na frente, porém percebi ao assistir o debate como telespectadora. Vejo os candidatos Serra e Marina mais preparados que Dilma. A candidata do PT se apresenta na frente das pesquisas por ser a candidata indicada pelo atual presidente Lula, que é um bom presidente e acho que minha opinião de voto será mudada”.

5.4.2 Duas notas importantes

Não podemos finalizar este tópico sem destacarmos duas considerações:

1 – Ao apresentarmos as especificidades linguístico-funcionais dos gêneros notícias e reportagens não pretendemos enrijecer o processo de produção textual que, a nosso ver, não se limita a fôrmas preestabelecidas.

As características apresentadas – e teoricamente situadas – dos gêneros notícia e reportagem não funcionam como regras ditatoriais, mas como fenômenos linguísticos que orientam a construção da arquitetura textual de acordo com necessidades específicas de comunicação presentes nas funções sociais dos textos.

Reforçamos, apenas, em conformidade com teoria dos gêneros, a existência de tais especificidades, como nos mostra Pena (2008) no quadro apresentado na página 156.

2 – Ao solicitarmos que os alunos produzissem textos da esfera jornalística não intencionamos formar jornalistas. Se tal prática suscitar o interesse particular, eis uma função social desta pesquisa ou uma contribuição produtiva do trabalho realizado – o que preenche os anseios de uma pesquisa-ação.

As propostas para que os alunos escrevam textos devem corresponder aos diferentes usos sociais da escrita – ou seja, devem corresponder àquilo que, na verdade, se escreve fora da escola – e assim, sejam textos de gêneros que têm uma função social determinada, conforme as práticas vigentes na sociedade. (ANTUNES, 2003, p. 62-63)

Eis a nossa preocupação em estabelecer a consciência de que a escrita é uma atividade essencialmente social, que corresponde às necessidades que o indivíduo tem de se comunicar. É neste ponto que os textos da mídia ou do jornalismo satisfazem a uma prática docente que tem no social o horizonte de perspectiva, e não numa proposta de “redação” com fins meramente burocráticos e desprovidos de ação reflexiva.

Por isso que, para este trabalho educacional, os alunos participantes foram estimulados a buscarem fatos reais para produzirem seus textos, longe de simulações e próximos das intencionalidades narrativas inerentes aos gêneros em estudo.

O objetivo da pesquisa consistiu em fazer com que os alunos produzissem textos não por uma “tarefa escolar” – a famosa redação –, mas fossem embebidos da concepção que os gêneros produzidos funcionam socialmente, fortalecendo a ideia de construção da formação crítica do cidadão, conforme a epígrafe deste capítulo retirada dos textos de um dos alunos participantes, Ermeson Gesyer.

Daí, a orientação dada aos alunos que produzissem textos a partir de dados concretos, que entrevistassem pessoas reais e que distanciassem de uma atividade concebida, apenas, por um viés de simulação de conteúdos.

É importante, também, destacar que as produções textuais dos alunos não podem ser analisadas como se fôssemos analisar os textos de

profissionais da área. É evidente, por exemplo, que, em alguns casos, as reportagens dos participantes não assumiram a abrangência, o detalhamento atemporal, o enfoque interpretativo, o apontamento de causas e consequências que, comumente, espera-se de uma reportagem jornalística.

Parece que a compreensão residiu em enfatizar que no gênero reportagem há a presença de fala dos entrevistados, enquanto que na notícia não. O que para nós corresponde a um trabalho que logrou êxito, obviamente dentro de limitações.

Se pensar em atividades que aprofundem reflexões sobre arquitetura textual e redes discursivas de produção de sentidos está em nossos projetos de pesquisas futuras, sempre na tentativa de articular, educativamente, linguagem e práticas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por uma prática que necessita de mais cliques

As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas como nas escolas.

Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação de conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno.

(LÉVY, 1999)

Pensar um ensino-aprendizagem que transcenda, que promova desenvolvimento e que aguce as inteligências individuais e coletivas corresponde a se pensar num modelo comunicativo e educativo emancipatório que viabilize a construção do conhecimento como um caminho trilhado dentro de uma perspectiva processual.

As práticas pedagógicas vinculadas ao uso das novas tecnologias da informação e ao diálogo interdisciplinar parecem ser uma alternativa viável à construção do saber que por natureza é complexo.

Os rumos transdisciplinares nas estruturas e nos programas educacionais permitem a evolução, a transcendência em direção à missão educativa: emancipar cidadãos. Além disso, a escola poderia tornar-se o lugar privilegiado da aprendizagem, da atitude transcultural, transreligiosa, transpolítica e transnacional, no diálogo entre a arte e a ciência: eixo da reunificação entre a cultura científica e a cultura artística. Uma escola renovada tornar-se-ia o lugar para acolher este novo tipo de humanismo.

A informação que circula no ciberespaço gera uma riqueza sem precedente histórico. Uma das metas da comunicação deveria ser pes-

quisar os passos necessários para colaborar com a Educação, tornando-a, assim como a *Web*, uma zona livre para as redes digitais e metamorfoses do aprender, numa referência ao título do livro organizado por Hugo Assmann (2005).

O professor precisa estar apto a articular o ensino, de modo que os alunos não sejam entendidos, exclusivamente, como receptores de informações, mas agentes inseridos no social e que, por sua vez, interferem nos usos sociais de linguagem. A prática docente nestas condições comunga com a proposta do interacionismo sociodiscursivo, que tem como característica a aglutinação de fatores externos (sociais, históricos e culturais) no processo ensino-aprendizagem.

Dentro desse contexto, o professor deixa de ser o único agente de informação e passa a ser um mediador nas interações em sala de aula, oportunizando uma construção partilhada do conhecimento, em que professor e aluno são sujeitos ativos/participativos do ensino.

Nesse processo, a complexidade emerge para nos dizer que educação não é sinônimo de estoque de conhecimentos “encapsulados” ou um produto de ações pedagógicas racionalizadas. Mas que pode ser concebida como um modo de conhecer o mundo permitindo despertar mecanismos de enlaces, de sínteses, de articulação de saberes provenientes da vida acadêmica e da “academia” da vida. Nessa ótica, a escola e o conhecimento formal por ela organizado não podem mais ser pensados como centro de um projeto de saber. Com a imbricação de educação e mundo da vida, ocorre uma “descentralização” da responsabilidade de educar, antes atribuída às instituições sociais que se entendem “preparadas” para fazê-lo, como a família e a escola. Essa perspectiva aponta que o saber parece pedir uma interconexão global que nos faz transcender os espaços concretos e limitados de aprendizagem para possibilitar um conhecimento interativo com o mundo. (NASCIMENTO, 2007, p. 75-76)

Nosso estudo apontou que a perspectiva educomunicativa acena para essa interação entre saberes acadêmicos, escolares e experienciais

entre os sujeitos, o que reforça o jogo de alternância semântica dos sintagmas “vida acadêmica” e “academia da vida”.

O diálogo entre teorias diversas trilha a tentativa de compreender novos tempos e abrir espaço para visões pluralizadas ou para ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias, o que nos remete à desconstrução de “certezas didáticas” oriundas de uma concepção de ensino tecnicista e à reconstrução das incertezas da prática, ou seja, o olhar interpretativo sobre a complexidade do trabalho e da identidade docentes.

É indispensável que façamos de nossas salas de aula a ponte para as atividades de leitura e de escrita para além da área a ser trabalhada nos programas. O despertar do prazer de atribuir sentido a um texto, cada qual em seu campo de atuação, num trabalho multidisciplinar e transdisciplinar, é tarefa e responsabilidade nossa: docentes! Aprender a ler, analisar, construir sentidos e significados dentro do conjunto de possibilidades apresentadas pelos textos são habilidades indispensáveis na prática do aprender e do (edu)comunicar saberes.

Os alunos acabarão descobrindo que ler/escrever não é tarefa tão difícil e nem impossível de se realizar. Descobrirão que são capazes de ler/escrever e que estas práticas são prazerosas (e necessárias!). Descobrirão, também, o que está nas entrelinhas dos textos, a intencionalidade de quem escreve e que podem ser escritores de sua própria história.

O estudo apontou que levar para a Educação ou para o processo de ensino-aprendizagem ferramentas da esfera midiática significa apresentar ao educando um horizonte de perspectiva vinculado à concepção transdisciplinar. Daí, cria-se uma prática educativa com diferentes acessos e possibilidades.

Desse modo, as disciplinas do currículo escolar necessitam relacionar-se com temas variados, buscando a inserção de projetos voltados à aquisição de vários conhecimentos, incluindo-se os oriundos da informação contida nos espaços midiáticos. Em outras palavras, há a possibilidade de ampliar no espaço escolar um ecossistema comunicativo, que possa articular o mundo da escola e a escola do mundo, fazendo dialogar experiências de diferentes esferas.

E a discussão não para por aqui! O recado fica também aos comunicadores, profissionais responsáveis por levar informação, cujo compromisso social está arraigado no próprio ofício: comunicador social ha-

bilitado a uma das redes de veiculação midiática – televisão, impresso, rádio e *Web*.

O conceito de informar precisa somar-se ao de formar. Assim, nós – os comunicadores – teríamos em mente a ideia de que nossa função só terá respaldo comunitário se o objetivo maior estiver no interesse público e não, apenas, no interesse do público.

Produzir, melhor dizendo, construir uma mídia educativa, discutida no Capítulo I – Por uma educação midiática e uma mídia educativa – consiste em fazer com que o material midiático alcance o outro, gerando a oportunidade de desenvolvimento pessoal, profissional, familiar.

Uma mídia educativa visa, sobretudo, (in)formar! Visa interagir, estabelecer laços de afetividade, de cooperação. Visa, além do que já falamos, oportunizar a difusão cultural, o respeito pela complexidade e a inclusão de conhecimento que promova o amadurecimento das inteligências individuais e coletivas.

Esse pensamento de mídia educativa nos faz lembrar as palavras de Nascimento (2007) quando diz que a abordagem do complexo não mutila e não manipula o saber humano. Pelo contrário, educa, forma, religa, inclui, desperta, compreende, compartilha, articula, respeita, potencializa, enfim, emancipa.

É esse pensamento que se quer ver praticado quando se interconecta Educação e Comunicação, quando se educomunica. Sendo assim, os resultados desta pesquisa podem ser discutidos a partir de dois olhares: 1) o de quem participou como aprendiz – os alunos do ensino básico – e 2) o de quem, também aprendiz, assumiu o papel de mediador, de construtor de conhecimento – o pesquisador (orientando).

Esses olhares sinalizam os impactos da ação discursiva desta pesquisa à formação crítica dos alunos participantes. Compreendemos a ação discursiva como sendo as estratégias didático-discursivas utilizadas nos eventos de comunicação vivenciados durante os encontros. Esta compreensão mostra a nossa proposta de análise em enxergar esta ação como uma atividade social de linguagem e de transformação do conhecimento, haja vista estarmos inseridos em uma situação comunicativa de didatização de saberes que imprimiu as expectativas e as experiências dos sujeitos humanos envolvidos.

1 *A visão dos alunos participantes:*

A primeira discussão a ser feita nesta visão é a de ler os diferentes modos de se fazer leitura. Para tanto, chamamos atenção para o que diz Moran (1993):

Ler é decodificar, decifrar, organizar, encontrar o sentido oculto das aparências e dos fragmentos dos seres, dos objetos, do mundo. Ler é perceber, num primeiro nível, o que está acontecendo diante de nós e, num segundo nível, organizá-lo, situá-lo, dentro de um conjunto maior, dentro de um espaço e tempo determinados, dentro de uma evolução histórica concreta. Ler é perceber, sentir, entender e compreender. Ler é sentir-se e emocionar-se, sensibilizar-se com esse mundo que se desvela diante de nós. (MORAN, 1993, p. 29)

De fato, a leitura envolve muitas ações: da decodificação ao conhecimento abrangente. Compartilhamos com a noção de que ler é processo que pode sempre ser aprofundado, feito e refeito. Ela – a leitura – é permeada por atos recursivos de idas e vindas.

Desse modo, a leitura de mundo é reflexo de um trabalho cognitivo que contempla habilidades orgânicas (aparelho humano mental) e experiências vivenciadas individualmente e/ou em contextos sociais.

A noção de leitura crítica abrange a fusão de processos mentais e mundo complexo, multidimensional. Esta fusão compreende as capacidades humanas de construção de sentido e de atribuição de valores. O exercício da leitura crítica pode emancipar o homem, desde que este alcance o significado da prática observada, dos efeitos de sentido que o ato de ler promove.

Nesse sentido, os impactos da ação discursiva deste trabalho à formação crítica dos alunos participantes podem ser verificados, do ponto de vista dos alunos, a partir das seguintes categorias, retiradas das perguntas feitas na avaliação:

a) Qual a relação entre mídia e política?

“A mídia tem papel essencial pois é a partir dela que é possível se promover ou desqualificar, com seus diversos meios tem grande importância e funcionalidade na vida política”. (Thaynara Nathaly)

“Algumas mídias são de propriedade de políticos, pois existe toda uma burocracia nisto. A mídia pode favorecer ou desfavorecer políticos”. (Fábio Nonato)

b) O que significa ser um cidadão crítico?

“Observar, tomar atitude e acima de tudo se informar para que tenha contexto suas críticas”. (Thaynara Nathaly)

“Olhar ao seu redor me opinar sobre determinadas questões, apoiar ou criticar, dar sua opinião”. (Fábio Nonato)

“Significa, ver com clareza o que a informação está querendo dizer”. (Aline da Silva)

c) Como você avalia o conteúdo apresentado?

“Acho que a metodologia utilizada fez despertar um olhar crítico, pois sempre tivemos que comentar notícias e reportagens”. (Fábio Nonato)

d) O que você aprendeu com o curso?

“Analisar os textos de forma crítica não tendo mais aquele pensamento limitado, agora analizo de forma abrangente o objetivo que cada texto quer trazer com sua informação”. (Aline da Silva)

“Aprender a ter uma visão diferente sobre as notícias, sobre tudo em geral. Uma visão crítica! Aprender a fazer uma reportagem, uma notícia e a diferenciá-las. Até mesmo produzindo uma”. (Bruna Nádia)

“Aprendi a diferença entre notícia e reportagem o que é mídia e a gostar de jornal”. (Lais Melo)

“Como ser um cidadão crítico para a sociedade”. (Ermeson Gesyer)

Como vemos, os excertos retirados das respostas dos alunos mostram o grau de satisfação e de interatividade que estes depositaram ao trabalho realizado. A tentativa de formação crítica do sujeito foi alcançada, em conformidade com as opiniões apresentadas pelos alunos.

Frases como *“Significa, ver com clareza o que a informação está querendo dizer”*, *“Analisar os textos de forma crítica não tendo mais*

aquele pensamento limitado”, “*Aprender a ter uma visão diferente sobre as notícias, sobre tudo em geral. Uma visão crítica! Aprender a fazer uma reportagem, uma notícia e a diferenciá-las. Até mesmo produzindo uma*” e “*Aprendi a diferença entre notícia e reportagem o que é mídia e a gostar de jornal*” corroboram os propósitos estabelecidos quando na elaboração ainda do projeto de pesquisa.

Identificar esses posicionamentos dos alunos elucida e reforça a necessidade de ainda continuarmos investindo em práticas de construção do conhecimento que cada vez mais possam dar voz aos aprendizes – “*Acho que a metodologia utilizada fez despertar um olhar crítico, pois sempre tivemos que comentar notícias e reportagens*” –, que os estimule a pensar e modificar atitudes, comportamentos.

Na verdade, práticas dessa natureza fazem com que os alunos se vejam no processo como um ser inserido em um contexto, que produz e reproduz linguagens e que se define “*como ser um cidadão crítico para a sociedade*”, nas palavras do aluno participante Ermeson Gesyer.

Colaborar com o desenvolvimento humano-intelectual desses alunos correspondeu a uma experiência singular, cuja interpretação nos impulsiona a continuar na caminhada pensando em metodologias educacionais que surtam efeitos positivos à formação crítica e emancipatória do ser – através de minhas vivências educacionais e/ou de pesquisas em níveis de Mestrado ou Doutorado.

2 A visão do pesquisador (orientando):

Neste trabalho, não intencionamos ver a mídia como algo manipulador. As concepções interacionistas a respeito dos novos modelos teóricos da comunicação dizem que o indivíduo já superou a ideia da agulha hipodérmica, aquela que injeta conteúdos em uma massa passiva. Portanto, distanciar-se da leitura denunciadora da mídia foi uma marca metodológica deste trabalho.

As observações feitas nos textos retirados dos portais foram no sentido de fazer com que os alunos percebessem que os textos, vistos como atividades linguageiras, representam a multiplicidade de vozes que passam os discursos, o que nos faz lembrar alguns versos do poema de Ferreira Gullar “Muitas vozes”: “*Meu poema/ é um tumulto:/ a fala/ que nele fala/ outras vozes/ arrasta em alarido/ (...)/ Meu poema/ é um tumulto, um alarido:/ basta apurar o ouvido/*”.

Os portais de conteúdos jornalísticos podem auxiliar na proposta reflexiva de ensino, em que aos alunos não sejam apresentados, apenas, sequências tipológicas de textos e o seu enquadramento em gêneros. Mas, que o ensino se alimente de uma perspectiva transdisciplinar, educacional e de diferentes acessos, oportunizando aos aprendizes ouvirem, apuradamente, o tumulto e o alarido de muitas vozes: as suas e as que lhes rodeiam.

Reconhecemos que o espaço específico de construção do conhecimento contribui muito para o resultado exitoso desta prática educacional. Todos os alunos envolvidos se constituíram em sujeitos que voluntariamente se propuseram a colaborar.

Nesse sentido, longe do tumulto e das conversas paralelas que, geralmente, rondam o cotidiano das salas de aulas, esses alunos mergulharam na empreitada e gastaram tempo no trabalho: se envolveram – me envolveram (desculpas pela digressão da pessoa verbal na flexão de número!) –, mostraram interesse, co-produziram, solucionaram problemas técnicos quando algum computador falhava. Enfim, se fizeram, de fato, sujeitos integradores de todo o processo.

Na realidade, a turma voluntária de 15 alunos formada se distanciou da proposta inicial contida no projeto de pesquisa, que pretendia desenvolver os encontros em uma turma regular de 2º ano do ensino médio.

Não foi possível realizar a pesquisa com tal turma, pois no momento a escola estava se preparando para jogos internos e viagens, como também, o prédio seria entregue à Justiça Eleitoral. Deste modo, devido a necessidade temporal tivemos que adotar o plano b: formar uma turma com alunos das duas primeiras séries do ensino médio selecionados pela escola e que demonstrassem interesse pela pesquisa.

No que concerne ao trabalho com o *blog* JORNALISMO.COM podemos concluir que todas as etapas desenvolvidas – da leitura de textos à postagem de comentários e de textos produzidos pelos alunos – satisfizeram aos objetivos propostos quando da escolha deste gênero hipertextual, como, por exemplo, o de mídia participativa.

O fato de observarem espaços reservados para a publicação, *on line*, dos seus textos, como o Severino Cabral *News* Notícias e o Severino Cabral *News* Reportagens, motivou os alunos e os fizeram entender que os textos funcionam como uma alternativa eficaz de comunicação e, nestas condições, requerem contextos específicos de circulação social.

De modo geral, é possível entender que as narrativas educomunicativas presentes neste trabalho resgataram aquilo que elencamos como pontos de partida para a realização desta pesquisa, a saber: pensar em alternativas de ensino que contemplem o conteúdo jornalístico como fonte de pesquisa e de construção de saberes múltiplos.

Sobre os objetivos assumidos neste estudo, acreditamos ter alcançado realizá-los. A discussão de cada objetivo foi apresentada no desenvolvimento dos capítulos deste trabalho monográfico. Em suma, a contribuição desta pesquisa para a academia, a escola, a mídia e demais instâncias sociais de fomento à construção do pensamento crítico, complexo e transdisciplinar diz respeito à necessidade de educadores e comunicadores se engajarem em práticas cada vez mais educomunicativas, assumindo, então, seus protagonismos sociais.

REFERÊNCIAS

- ALZAMORA, G. (2004), A semiose da informação webjornalística. In: BRASIL, A. et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas: 100-125.
- ANDRADE, S. V.; NASCIMENTO, R. N. A. (2010), *Blogs e seus mestres escritores: um admirável mundo novo*. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). 2010, Campina Grande.
- ANTUNES, I. (2003), *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola.
- ARAÚJO, J. C.; VASCONCELOS, L. L. (2008), O gênero blog e a produção do texto acadêmico. Texto extraído de www.julioaraujo.com/chip/ogeneroblog.pdf. Acessado em dezembro de 2008: 109- 114.
- ASSMANN, H. (2005), *Redes digitais e metamorfose do aprender*. Petrópolis – RJ: Vozes.
- BACCEGA, M. A. (1994), Do mundo editado à construção do mundo. In: *Revista Comunicação & Educação: Leitura crítica da comunicação*. Revista da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo. v. 1, set.1994: 07-14.
- BAKHTIN, M. (2009), *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13. ed. São Paulo: HUCITEC.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. (2007), *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- BEIGUELMAN, G. (2006), *Blogs: existo, logo publico*. Texto extraído de <http://p.php.uol.com.br/tropico/HTML/textos/1578%2c1.sh1>. (2003). Acessado em janeiro de

- BEZERRA, B. G. (2007), Gêneros introdutórios mediados pela *Web*: o caso da *homepage*. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna: 113-125.
- BEZERRA, M. A. (2005), Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna: 37-46.
- BIZ, O.; GUARESCHI, P. A. (2005), *Mídia, Educação e Cidadania: tudo o que você precisa saber sobre mídia*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BORDET, D. (1997), Transposition didactique: une tentative de d'éclaircissement. In: *Revue des sciences économiques et sociales*. Paris : 45-52.
- BORGES, J. (2009), *Webjornalismo: política e jornalismo em tempo real*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- BRAGA, J. L.; CALANZANS, R. (2001), *Comunicação e Educação*. São Paulo: Hacker.
- BRESSANE, T. (2007), Navegação e construção de sentidos. In: FERRARI, P. (Org.). *Hipertexto Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto: 149-164.
- BRONCKART, J. P. & GIGER, I. P. (1998), La transposition didactique: histoire et perspectives. In : *Pratiques*: 35-58.
- BUNGE, M. (1974), *Teoria e Realidade*. São Paulo: Perspectiva.
- CANAN, A. (2007), A não-linearidade do jornalismo digital. In: FERRARI, P. (Org.). *Hipertexto Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto: 141-148.
- CANAVILHAS, J. (2008), *Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança*. Texto extraído de <http://www.bocc.uff.br/.../canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>. Acessado em outubro de 2008.

- _____. (2007), Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, S. *Jornalismo digital de terceira geração*. Covilhã – Portugal: UBI/LABCOM: 25-40.
- CHARTIER, R. (2002), *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP.
- CHAUÍ, M. (2006), *Simulacro e poder*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- CHIZZOTTI, A. (2006), A pesquisa qualitativa e seus fundamentos filosóficos. In: _____. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis – RJ: Vozes: 33-61.
- CURY, R. J. (2008), Prefácio. In: MELO, J. M.; TOSTA, S. P. (Orgs.). *Mídia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- DELCIN, R. C. A. (2005), A metamorfose da sala de aula para o ciberespaço. In: ASSMANN, H. (Org.). *Redes digitais e metamorfose do aprender*. Petrópolis – RJ: Vozes: 56-83.
- DIONISIO, A. P. (2006), *Intertextualidade e multimodalidade na escrita didática*. Texto extraído de <http://www.gtltac.com/fdebates.htm>. Acessado em julho de 2006.
- _____.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). (2003), *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. (2004), Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas – SP: Mercado de Letras: 95-128.
- DRIGO, M. O. (2009), Comunicação e educação: atualização da inteligência coletiva em salas de aulas. *Comunicação & Educação: revista do curso de Gestão da Comunicação*, São Paulo, a. XIV, n. 2, p. 31-40, mai/ago. 2009.
- FANTIN, M. (2008), A mídia na formação escolar de crianças e jovens. In: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região

Nordeste – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), Natal.

FARACO, C. A. Criação ideológica e dialogismo. (2003), In: _____. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar: 45-85.

FERRARI, P. (2009), *Jornalismo digital*. 3. ed. São Paulo: Contexto.

_____. (2007), A Web somos nós. In: _____. (Org.). *Hipertexto Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto: 07-12.

FRANÇA, V. V. (2001), O objeto da comunicação / a comunicação como objeto. In: _____.; HOHLFELDT, A.; MARTINO, Luiz C. (Orgs.). *Teorias da comunicação*: Petrópolis – RJ: Vozes: 39-47.

GAIA, R. V. (2001), *Educomunicação & Mídias*. Maceió: EDUFAL.

GASPARETTO JR, Renato. *et al.* (2002), *A sociedade da informação no Brasil: presente e perspectivas*. Rede Telefônica de Comunicação. Takano editora Gráfica.

JAMIL CURY, C. R. (2008), Prefácio. In: MELO, J. M.; TOSTA, S. P. (Orgs.). *Mídia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica: 10.

KLEIMAN, A. B. (1995), Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras: 15-61.

KOCH, I. G. V. (2004), A virada cognitivista. In: _____. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes: 21-33.

KOMESU, F. (2005a), Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, J. C. BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna: 87-108.

- _____. (2005b), *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna: 110-119.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO. (2006), 3. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas.
- LEITE, M. H. *et al.* (2003), *Mediações sociais e práticas escolares*. In: *Revista Novos Olhares: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos mediáticos*. Publicação do Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Mediáticos do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. v. 1, n. 12: 20-33.
- LEMOS, A. (2002), *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.
- LÉVY, P. (1999), *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34.
- LIMA, V. A. O.; NASCIMENTO, R. N. A. (2010), *A leitura nos ambientes digitais sob a ótica da Educação Superior*. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). 2010, Campina Grande: 2010.
- MACHADO, E. (2008), *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Texto extraído de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>. Acessado em outubro de 2008.
- MACHADO, E. S. (2003), *Bibliografia Comentada: Comunicação e Educação ou Educomunicação?* In: *Revista Novos Olhares: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos mediáticos*. Publicação do Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Mediáticos do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. v. 1, n. 12: 51-55.

MARCUSCHI, L. A. (2008), *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. (2005), In KARWOSSKI, M. A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória Pr: Kaygangue, 2005: 17-33.

_____. (2004), Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____. XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna: 13-67.

_____. (2001), O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: *Linguagem e Ensino*, vol. 4, n. 1: 79-111.

MARQUES NETO, H. T. (2003), A tecnologia da informação na escola. In: COSCARELLI, C. V. (Org.) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: 51-63.

MELO, J. M.; TOSTA, S. P. (Orgs.). (2008), *Mídia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.

MIELNICZUK, L. (2003), *Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na Web*. Texto extraído de <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2003/mielniczuk2003.doc>. Acessado em agosto de 2010.

MORAN, J. M. (1993), *Leitura dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast.

MOZDZENSKI, L. (2008), *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Editora Universidade da UFPE.

NASCIMENTO, R. N. A.; XAVIER, M. M. (2010), Jornalismo digital: de que maneira comunicação, educação e tecnologia formam jovens críticos?. In: II Colóquio Brasileiro Educação na Sociedade Contemporânea – COBESC, 2010, Campina Grande

– PB. II Colóquio Brasileiro Educação na Sociedade Contemporânea (COBESC) – processos pedagógicos e produção do conhecimento. Campina Grande - Paraíba : EDUFPG.

NASCIMENTO, R. N. A. (2007), A complexidade como matriz de uma nova ecologia cognitiva. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

_____. (2006), Limiares de alteridade entre Habermas e Morin. In: BRENNAND, E.; MEDEIROS, W. *Diálogos em Jürgen Habermas*. João Pessoa: UFPB: 161-171.

NOBLAT, R. (2008), *A arte de fazer um jornal diário*. 7. ed. São Paulo: Contexto.

NOJOSA, U. N. (2007), Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. In: FERRARI, P. (Org.). *Hipertexto Hiperídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2007: 69-78.

PALÁCIOS, M. (2004), Jornalismo em ambiente plural?: notas para discussão da *Internet* enquanto suporte para a prática jornalística. In: BRASIL, A. et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas: 84-99.

PENA, F. (2008), *Teoria do jornalismo*. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto.

PEREIRA, A. C. B. (2010), *Blog*, mais um gênero do discurso digital. Texto extraído de www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/9.pdf. Acessado em novembro de 2010: 516-523.

PEREIRA, T. M. A.; XAVIER, M. M. (2007), Letramento Digital: o gênero e-mail como possibilidade interativa no ensino de Língua Portuguesa. In: *Anais do I Colóquio Nacional de Estudos da Linguagem: Linguagem como prática social – fronteiras e perspectivas*. Natal: Artpress, 14 a 16 de novembro de 2007.

- PINHO, J. B. (2003), *Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line*. São Paulo: Summus.
- POLISTCHUCK, I. (2003), Modelos teóricos da comunicação. In: _____; TRINTA, A. R. *Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo*. Rio de Janeiro: Campos: 83-141.
- PORTUGAL, C. (2005), Hipertexto como instrumento para apresentação de informações em ambiente de aprendizado mediado pela *Internet*. Texto extraído de www.abed.org.br. Acessado em janeiro de 2005.
- POSSENTI, S. (2002), Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. In: _____. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar: 205-225.
- RASÊRA, M. (2010), Jornalismo digital: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. In: *Ícone – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco*. v. 12. n. 1. Ago – 2010.
- REGO, F. G. T. (1987), Técnicas. In: _____. *Jornalismo empresarial: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Summus: 113-120.
- REIS, F. C. S. (2009), O *e-mail* e o *blog*: interação e possibilidades pedagógicas. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (Orgs.). *Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC: 99-110.
- SALAVERRÍA, R. (2007), *Convergência periodística: propuesta de definicion teórica y operativa*. Barcelona – Espanha.
- SANTOS, I. E. (2005), *Manual de Métodos e Técnicas de Pesquisa Científica*. 5. ed. Niterói – RJ: Impetus.
- SENA, E. (2009), Novas tecnologias da comunicação: tempos e materialidade da escola pública. *Comunicação & Educação: revista do curso de Gestão da Comunicação*, São Paulo, a. XIV, n. 2, p. 23-29, mai/ago. 2009.

- SEIXAS, L. (2009), *Redefinindo os gêneros jornalísticos*: proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: LabCom.
- SEPEC – Serviço à Pastoral da Comunicação. (2003), *Jornal impresso: da forma ao discurso*. São Paulo: Paulinas. (Coleção Pastoral da Comunicação: Teoria e Prática. Séries Manuais).
- SETTON, M. G. (2010), *Mídia e Educação*. São Paulo: Contexto.
- SILVA, C. P. C. (2008), Leitura como experiência terapêutica. In: KLEIMAN, A.; OLIVEIRA, M. S. (Orgs.). *Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações*. Natal: EDUFRN: 141-164.
- SILVA, E. T. (2003), Leitura no mundo virtual: alguns problemas. In: _____. (Org.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez: 13-16.
- SILVA, F. P. D. (2009), Princípios educomunicativos: uma análise sobre a série infantil Cocoricó da TV Cultura de São Paulo. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). 2009, Rio de Janeiro. Princípios educomunicativos: uma análise sobre a série infantil Cocoricó da TV Cultura de São Paulo. Rio de Janeiro.
- SILVA, L. M. (2007), Sociedade, esfera pública e agendamento. In: LAGO, C.; BENETTI, M. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis – RJ: Vozes: 84-104.
- SOARES, I. O. (2003), A Educomunicação. In: *Revista Novos Olhares*: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos midiáticos. Publicação do Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. v. 1, n. 12, 2003: 35-41.
- _____. (2000), Educomunicação: um campo de mediações. In: *Comunicação & Educação*. Revista do Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. a. 7, set.2000, p. 12-24.

- SOUSA, S. C. T. (2007), *As Formas de Integração na Internet e suas Implicações para o Ensino de Língua Materna*. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna: 196-204.
- STREET, B. V. (1984), *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge, Cambridge University Press.
- THIOLLENT, M. (1998), *Metodologia da Pesquisa-ação*. 8. ed. São Paulo: Cortez.
- THOMPSON, J. B. (1988), *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- VIEIRA, I. L. (2005), *Tendências em pesquisas em gêneros digitais: focalizando a relação oralidade/escrita*. In: ARAÚJO, J. C. BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.) *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna: 19-29.
- XAVIER, M. M. (2010), *A escrita dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem: características linguísticas e funcionais*. In: Marinalva Freire da Silva. (Org.). *Na trilha da transdisciplinaridade – aspectos linguísticos, literários e interculturais e metodológicos linguístico-literários*. João Pessoa: Ideia: 124-135.
- _____. (2007), *Leitura e produção de e-mails: atividades pedagógicas no contexto do letramento digital*. In: Anais do V Seminário Nacional Sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura. Campina Grande – PB: Bagagem, 05 a 08 de junho de 2007.
- XAVIER, A. C. (2004), *Leitura, texto e hipertexto*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna: 170-180.
- WARD, M. (2006), *Jornalismo online*. Trad. Moisés Santos *et al.* São Paulo: Roca.

APÊNDICES

Apêndice A – Sequência Didática

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral
Campina Grande – PB, setembro e outubro de 2010

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Tarde)

Pesquisa: Jornalismo Digital na Escola: a Leitura/Produção de Textos e a Construção de Sentidos no Ciberespaço

Responsáveis: Manassés Morais Xavier (Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof^a. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientadora)

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

JUSTIFICATIVA

Esta sequência didática surge da necessidade de se investigar a relação entre novas tecnologias, comunicação e educação, bem como de proporcionar ao aluno do ensino médio, dentro de um contexto didático, o acesso à produção jornalística realizada no ciberespaço, fazendo com que esse aluno se mantenha informado a partir dos recursos disponibilizados pela *Web*.

Assim, esta prática de ensino parte do pressuposto de levar para a sala de aula, especificamente de Língua Portuguesa, os gêneros textuais da esfera jornalística, no sentido de estimular a criticidade do aluno e, conseqüentemente, formar cidadãos reflexivos diante da realidade que o cerca.

A escolha pela produção jornalística veiculada pelo ciberespaço, e de cunho político, se justifica por tentar estimular no aluno o hábito de fazer do espaço virtual uma oportunidade eficaz de busca de informação. Essa proposta se sustenta, também, pelo compromisso da educação em unir as ferramentas tecnológicas como fontes pedagógicas de construção do conhecimento.

OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a prática pedagógica com o jornalismo digital no contexto da Educomunicação. Sobre os objetivos específicos, destacamos: A) identificar as práticas sociais de linguagem dos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral envolvidos na pesquisa, no que diz respeito ao hábito de leitura de textos da esfera jornalística, e a concepção de mídia desses alunos; B) desenvolver propostas didáticas que se utilizem da produção jornalística como objeto de estudo e ensino; C) realizar discussões sobre a multimodalidade presente na construção de sentidos no jornalismo digital; D) estimular a criticidade desses alunos através da leitura de textos produzidos por diferentes portais de conteúdo jornalístico e E) oportunizar a criação de um *blog* para postagem de textos argumentativos.

SEQUÊNCIA DAS ATIVIDADES

1ª SEMANA (16/09/2010)

1º ENCONTRO (04 HORAS-AULA)

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> – Contextualização dos gêneros textuais para a comunicação em sociedade, especificamente, sobre a utilização dos gêneros digitais; – O que é a mídia?: características e funcionalidades; – A relação entre mídia, sociedade, educação e novas tecnologias da informação; – Lendo textos de editorias políticas, produzindo comentários.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> – Promover uma discussão sobre o uso dos gêneros digitais nas práticas sociais contemporâneas; – Identificar qual(is) a concepção(ões) de mídia dos alunos.
Metodologia*	<ul style="list-style-type: none"> – Mostrar, através de textos diversos, as características que definem a interação presente no ciberespaço; – Aplicar questionário sociocultural acerca das experiências dos alunos com práticas de leitura e escrita, de modo particular, no discurso eletrônico;

- Levar texto teórico sobre gêneros textuais e mídia. Nesse sentido, socializar uma reflexão sobre o papel da mídia na formação de sujeitos sociais;
- Situar o jornalismo digital (webjornalismo e jornalismo *on line*) nas práticas da sociedade adjetivada de global;
- Apresentar de *blog* e conduzir os alunos a opinarem, oralmente e por escrito, a respeito do conteúdo divulgado nos textos lidos;
- Direcionar os recursos disponibilizados no *blog* para postagens de textos jornalísticos e de comentários sobre as temáticas de discussão apresentadas;
- Postar os comentários escritos no *blog*;
- Solicitar produção textual sobre a importância da mídia para a sociedade.

Avaliação

Participação oral.

2ª E 3ª SEMANAS (23/09/2010 e 28/09/2010)**2º E 3º ENCONTROS (08 HORAS-AULA)**

Conteúdo

- A hipertextualidade no jornalismo digital;
- O jornalismo no ciberespaço;
- Os gêneros jornalísticos da esfera do informar: a notícia e a reportagem;
- Mídia e ideologia;
- Lendo textos de editorias políticas, produzindo comentários.

Objetivo

- Promover a discussão sobre o jornalismo digital nas perspectivas do jornalismo eletrônico, multimídia, ciberjornalismo, jornalismo online e webjornalismo;
- Identificar as peculiaridades da construção narrativa de notícias e reportagens, no sentido de fazer com que os alunos percebam os propósitos linguísticos e discursivos desses gêneros;
- Identificar as ideologias ditas e não ditas em textos da editoria política de portais de conteúdo jornalístico. Ainda é objetivo desse encontro, cumprir o papel da Educação de formar sujeitos críticos.

Metodologia*	<ul style="list-style-type: none"> – Mostrar, através de demonstrações práticas em rede, o impacto das novas tecnologias na produção de conteúdo jornalístico, reconhecendo os aspectos relacionados à característica hipertextual do jornalismo digital; – Realizar um estudo sobre a multimodalidade presente nos textos do ciberespaço, enfatizando a natureza verbo-voco-visual típica do suporte eletrônico, por meio de práticas “virtuais” de leituras; – Mostrar as diferenças estruturais que define a função comunicativa dos gêneros em estudo; – Levar notícias e reportagens políticas do jornalismo impresso e digital; – Traçar um comparativo entre os suportes midiáticos impresso e digital; – Realizar leituras de notícias e reportagens da editoria política de jornalismo digital; – Mostrar, em situações efetivas de comunicação, o discurso de sujeitos que interagem a partir de condições de produção específicas; – Evidenciar, através das narrativas jornalísticas dos <i>sites</i>, o sujeito que fala, de onde fala e para quem fala; – Conduzir os alunos a opinarem, oralmente e por escrito, a respeito do conteúdo divulgado nos textos lidos; – Postar os comentários escritos no <i>blog</i>; – Orientar a atividade de escrita dos gêneros notícias e reportagens.
Avaliação	Exercício sobre produção de notícias e reportagens.

4ª SEMANA 05/10//2010

4º ENCONTRO (04 AULAS)

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> – Escrita e reescrita de notícias e reportagens; – Lendo textos de editorias políticas, produzindo comentários; – <i>Internet</i>: espaço de entretenimento e de informação.
----------	--

Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> – Trabalhar questões de linguagem referentes à produção de textos jornalísticos; – Incentivar às práticas de leitura e escrita dos alunos no que diz respeito a textos jornalísticos; – Estimular no aluno a concepção de que a <i>Internet</i> deve ser usada como um espaço de construção de conhecimento e de busca de informação.
Metodologia*	<ul style="list-style-type: none"> – Coletivizar as produções escritas realizadas e sugerir possíveis reescritas; – Fazer leituras diversas de textos do jornalismo digital; – Conduzir os alunos a opinarem, oralmente e por escrito, a respeito do conteúdo divulgado nos textos lidos; – Postar os comentários escritos no <i>blog</i>; – Mostrar a importância da formação de um sujeito crítico a partir de práticas de leituras de gêneros jornalísticos; – Realizar uma discussão sobre a função social da <i>Internet</i> como um veículo propagador de cultura, entretenimento, informação e cidadania; – Identificar, nos comentários feitos pelos alunos, os possíveis resultados das discussões feitas em sala aula; – Evidenciar que tais resultados é fruto da função pedagógica de práticas de ensino vinculadas às situações efetivas de usos sociais da linguagem.
Avaliação	Participação oral, produções de comentários escritos no <i>blog</i> e encaminhamento das produções solicitadas.

4ª SEMANA 07/10/2010

5º ENCONTRO (04 AULAS)

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> – O impacto do 1º Turno das Eleições 2010 nas produções de conteúdos veiculados pelo jornalismo digital; – Lendo textos de editoriais políticas, produzindo comentários.
----------	---

Objetivo	<ul style="list-style-type: none">– Identificar a repercussão do resultado das Eleições 2010 na semântica dos textos circulados em <i>sites</i> de conteúdo jornalístico;– Socializar/Avaliar o trabalho desenvolvido durante os encontros;– Oportunizar aos alunos uma avaliação crítica das atividades desenvolvidas nas quatro semanas.
Metodologia*	<ul style="list-style-type: none">– Realizar a leitura de notícias e reportagens, observando as suas naturezas ideológicas e editoriais;– Solicitar comentários sobre os textos lidos;– Aplicação de uma avaliação que resgata o conteúdo ministrado, especificamente sobre a relação entre mídia e sociedade;– Realizar uma discussão que retome os objetivos geral e específicos da pesquisa;– Encerramento das atividades e entrega dos certificados.
Avaliação	Participação oral e entrega da avaliação.

*METODOLOGIA: Para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa utilizaremos em todas as aulas, ou em praticamente todas, o laboratório de informática e a sala de multimídia da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral. Nestes espaços físicos são disponibilizados recursos operacionais como: retroprojeter, datashow, lousa, pincel e computadores conectados à *Internet*. Tais recursos possibilitarão uma prática metodológica dinâmica e interativa, cuja construção do conhecimento será pautada no contato dos alunos com textos reais, estudados em seus espaços originais de circulação social.

Apêndice B – Questionário sociocultural

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral

Campina Grande – PB, setembro e outubro de 2010

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Tarde)

Pesquisa: Jornalismo Digital na Escola: a Leitura/Produção de Textos e a Construção de Sentidos no Ciberespaço

Responsáveis: Manassés Morais Xavier (Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof^a. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientadora)

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

01 – Sexo: MASCULINO () FEMININO ()

02 – Idade: _____

03 – Profissão dos pais:

04 – Contando com você, quantas pessoas residem na sua casa/apartamento?

05 – Em que faixa de renda mensal se encontra sua família?

() Um salário mínimo

() Dois a quatro salários mínimos

() Cinco ou acima de cinco salários mínimos

() Outro

06 – Você exerce alguma atividade remunerada?

() Não

() Sim, mas é eventual

() Sim, em tempo parcial

() Sim, em tempo integral

07 – Você cursou o ensino fundamental:

- () Somente em escola pública
- () Somente em escola particular
- () Maior parte em escola pública
- () Maior parte em escola particular
- () Outros

08 – Você está cursando o ensino médio:

- () Somente em escola pública
- () Cursou o primeiro ano do ensino médio em escola particular
- () Outros

09 – Você tem algum conhecimento na área de informática? Qual?

10 – Você tem computador conectado à *Internet* em casa?

- SIM ()
- NÃO ()

11 – Quais as suas principais finalidades no uso da *Internet*?

12 – Você usa a *Internet*:

- () Todos os dias
- () Quase nunca
- () Três vezes por semana
- () Só nos finais de semana

13 – Caso não tenha computador em casa conectado à *Internet*, em quais desses locais de acesso a rede mundial de computadores você se comunica/interage virtualmente?

- Lan house*
- Lan house* e casa de amigos
- Casa de amigos
- Lan house* e casa de familiares
- Casa de familiares
- Outros

14 – Qual é o meio utilizado por você para se manter informado(a) sobre os acontecimentos atuais?

- Jornal impresso
- Revistas
- Jornal falado (TV)
- Rádio
- Internet (sites jornalísticos)
- Não me mantenho informado

15 – Além de materiais didáticos e textos informativos, o que você costuma ler?

- Literatura brasileira e/ou estrangeira
- Livros religiosos
- Livro técnico
- Exotérico e/ou autoajuda
- Outros
- Não costumo ler

16 – Como você define leitura?

17 – Para você, o que é a mídia?

18 – Com que frequência você acessa *sites* de conteúdo jornalístico?

- () Todos os dias
- () Quase nunca
- () Três vezes por semana
- () Só nos finais de semana

19 – Como você entende a relação entre mídia e política?

20 – Como você entende a relação entre mídia e sociedade?

21 – Como você reconhece os avanços tecnológicos nas atividades diárias de nossa sociedade?

Apêndice C – Materiais utilizados nos encontros

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral

Campina Grande – PB, setembro e outubro de 2010

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Tarde)

Pesquisa: Jornalismo Digital na Escola: a Leitura/Produção de Textos e a Construção de Sentidos no Ciberespaço

Responsáveis: Manassés Morais Xavier (Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof^a. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientadora)

Os gêneros textuais no contexto social

As múltiplas e constantes transformações sociais, políticas e culturais são difundidas através da linguagem, isto é, a linguagem tem a capacidade de acompanhar as diferentes mudanças que ocorrem socialmente, adaptando-se às mesmas. Sendo assim, como fruto da criatividade humana e vista como uma atividade social, a linguagem marca e demarca as práticas comunicativas dos falantes/usuários da língua.

Nesse sentido, há várias formas de manifestação e interação linguísticas que evidenciam o ritmo das inovações de textualização, consolidando o surgimento da teoria dos gêneros textuais que, por sua vez, se preocupa com a investigação científica das diferentes produções de textos que permeiam as efetivas práticas sociais.

Marcuschi (2005) define gêneros textuais como fenômenos históricos intimamente associados à vida cultural e social, de maneira que são caracterizados como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Essa definição nos mostra que os gêneros estão ligados às necessidades comunicativas dos falantes, imprimindo assim, as possibilidades de interação social que refletem a dinamicidade dos discursos cotidianos retratados através dos inúmeros usos da língua.

Dessa forma, trabalhar a questão de gêneros textuais é propiciar a oportunidade de realizar estudos que enfatizem as formas discursivas que as pessoas exercem ao se comunicarem. Por isso, não é difícil percebermos que os gêneros de textos merecem nossa atenção, uma vez que correspondem as reais produções de comunicação linguística

- produções escritas e/ou orais. Assim, estudar o gênero é considerar as possíveis e eficazes produções comunicativas, bem como, reconhecer o discurso ao qual o contexto social do evento em questão está inserido, contribuindo para a sistematização do estudo da diversidade textual que está presente nas atividades comunicativas diárias.

Gêneros emergentes e inovações tecnológicas: uma conexão produtiva

As inúmeras mudanças que presenciamos em âmbito sócio-cultural advêm do paulatino processo tecnológico que está sendo a cada dia alicerçado nas práticas discursivas. É neste contexto que pensamos nas várias formas de uso da linguagem, uma vez que os avanços tecnológicos modificaram profundamente as relações entre as pessoas, na medida em que a praticidade e a velocidade da *Internet* ampliaram/modificaram os atos comunicativos.

Com a chegada dos computadores e, principalmente, com a veiculação da rede mundial (*Internet*), marcando assim as inovações tecnológicas típicas de um mundo globalizado, novos gêneros foram emergindo e se “enraizando” nos eventos comunicativos dos falantes, são os chamados gêneros eletrônicos ou digitais. Dentre eles podemos citar o *e-mail*, os *blogs*, os *bate-papos*, entre outros, que para nós, pesquisadores da linguagem humana, proporcionam oportunidades de verificação dos efeitos de sentido que as novas tecnologias surtiram na linguagem e vice-versa.

Acreditamos que estudos sobre os gêneros utilizados na comunicação entre sujeitos sociais tornam-se cada vez mais necessários diante da intensa penetração da rede mundial de computadores, uma vez que a *Internet* afeta as relações humanas e, ter acesso à mesma, é uma questão de inclusão social.

TEXTOS DE REFLEXÃO

Se você consegue ler este texto é porque é alfabetizado e possui letramento bastante razoável numa escala quase infinita de possibilidades. Mas você sabe o que é letramento? O que isso tem a ver com textos e máquinas? E o que é letramento digital? Se olhar ao redor, dificilmente

não perceberá que os computadores estão por toda a parte. E as pessoas estão preparadas para se tornarem usuária da máquina? O que essa interação tem de especial? E como pensar o ensino nesse contexto tão tecnológico? A leitura e a escrita sofrem interferência do ambiente digital? O que há de realmente novo nesses ambientes? Enfim, essas e muitas outras questões devem e precisam ser discutidas na atualidade e esse é o momento.

(Adaptado de Carla Viana Coscarelli e Ana Elisa Ribeiro, 2005)

A ESCRITA DIGITAL

Se há cinquenta anos cabiam num ônibus todos os que usavam o computador como ferramenta de trabalho, hoje eles não cabem em pé na Amazônia inteira. Se o número de pessoas que usa o computador cresceu tanto, isto tem alguma razão de ser.

A informática tem hoje papel tão decisivo, tanto na organização de nossas práticas sociais como na ação estruturadora da experiência. (...) De fato, a língua vai bem e não está sofrendo ameaças digitais e a internet não é um agente do mal. Muito ao contrário, a internet estimula os jovens de hoje a novas experiências, colabora com a imaginação e injeta extraordinária vitalidade no ensino de língua, pois ela estimula a comunicação escrita (...) e fascina pelo inusitado que se afigura aos nossos olhos.

(Adaptado de Luiz Antônio Marcuschi, 2005)

Referências

- COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. In: _____. RIBEIRO, A. E. (Orgs.) *Letramento Digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2005, p. 25-40.
- MASCURSHI, L. A. Apresentação. In: COSCARELLI, C. V. e RIBEIRO, A. E. (Orgs.) *Letramento Digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2005.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral
Campina Grande – PB, setembro e outubro de 2010

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Tarde)

Pesquisa: Jornalismo Digital na Escola: a Leitura/Produção de Textos e a Construção de Sentidos no Ciberespaço

Responsáveis: Manassés Moraes Xavier (Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof^ª. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientadora)

Mídia: o que é?

Em comunicação, **mídia** ou **media** (um termo derivado do latim *medium*, meio e *media*, meios) são os canais ou ferramentas usadas para armazenamento e transmissão de informação ou dados. Mídia muitas vezes é usado como sinônimo de meios de comunicação de massa ou agências de notícias, mas pode se referir a um único meio utilizado para comunicar os dados para qualquer finalidade.

Evolução

O início da comunicação humana através de canais artificiais, ou seja, não através da vocalização ou gestos, remonta às pinturas rupestres antigas, aos mapas e à escrita. O Império Persa desempenhou um papel importante no campo da comunicação. Eles criaram o que poderia ser descrito como o primeiro sistema postal, o que é dito ter sido desenvolvido pelo imperador persa Ciro, o Grande (c. 550 a.C.), após a conquista da Média. O papel do sistema como um aparato de inteligência para recolha de informação é bem documentado. O serviço foi mais tarde chamado *angariae*, um termo que passou a ser aplicado para um sistema fiscal. O Antigo Testamento (Ester, VIII), faz referência a este sistema: Assuero, rei dos medos, usou correios para comunicar suas decisões.

A palavra comunicação é derivada da raiz latina *communicare*. O Império Romano também concebeu o que poderia ser descrito como um sistema postal, a fim de centralizar o controle do império. Isto permitiu que cartas pessoais e oficiais reunissem o conhecimento sobre eventos em suas mais distantes províncias. Sistemas postais mais avançados apareceram mais tarde no Califado islâmico e do Império Mongol durante a Idade Média.

A adoção de um meio de comunicação dominante foi importante o

suficiente para que os historiadores tenham dividido a história da civilização em "idades", segundo o meio mais amplamente utilizado. Um livro intitulado *Five Epochs of Civilization*, de William McGaughey (Thistlerose, 2000), divide a história nas seguintes etapas: a escrita ideográfica produziu a primeira civilização; a escrita alfabética, a segunda; a impressão, a terceira; o registro e difusão elétricos, a quarta; e a comunicação por computador, a quinta civilização.

A mídia afeta o que as pessoas pensam sobre si mesmas e como elas percebem as outras pessoas. O que pensamos sobre nossa auto-imagem e que imaginamos que os outros deveriam ser, vem através da mídia.

Embora se possa argumentar que essas "épocas" são apenas uma teoria de um historiador, a comunicação digital por computador mostra evidências de mudar concretamente a forma como os seres humanos se organizam. As últimas tendências em comunicação, denominada *smartmobbing*, envolve a organização local através de dispositivos móveis, permitindo a comunicação eficiente na forma muitos-para-muitos e a criação de redes sociais.

Mídia eletrônica

No último século a revolução no setor das telecomunicações alterou profundamente a comunicação, proporcionando novos meios de comunicação de longa distância. A primeira transmissão transatlântica de rádio em duas vias ocorreu em 1906 e levou ao desenvolvimento da comunicação comum por suportes analógicos e digitais.

Telecomunicações analógicas incluem a telefonia tradicional, o rádio e a TV. As telecomunicações digitais permitem a comunicação mediada por computador, a telegrafia e redes de computadores. Os meios de comunicação modernos permitem agora intensas trocas de longa distância entre grandes números de pessoas (e-mail, fóruns de internet e entrega à distância). Por outro lado, muitos meios de difusão tradicionais e meios de comunicação de massa favorecem a forma de comunicação um-para-muitos (televisão, cinema, rádio, jornais, revistas).

Impacto social

A tecnologia da mídia tem tornado a comunicação cada vez mais fácil. Hoje as crianças são incentivadas a utilizar meios de comunicação na escola e devem ter uma compreensão geral das diversas tecnologias disponíveis. A internet é sem dúvida uma das ferramentas mais efi-

cazes na mídia de comunicação. Ferramentas como o e-mail, MSN, Facebook, etc., tornaram as pessoas mais próximas e criaram novas comunidades online. No entanto, alguns podem argumentar que certos tipos de mídia podem dificultar a comunicação face-a-face e, portanto, podem resultar em complicações como a fraude de identidade.

Em uma sociedade largamente consumista, os meios eletrônicos (como TV) e mídia impressa (como jornais) são importantes para a distribuição de mídia da propaganda. Sociedades mais tecnologicamente avançadas têm acesso a bens e serviços através de meios de comunicação mais novos que as sociedades menos avançadas tecnologicamente.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia>.
Acessado em 12/09/2010.

Exercício: Produza um texto em que você comenta a relação entre a mídia e a sociedade.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral
Campina Grande – PB, setembro e outubro de 2010

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Tarde)

Pesquisa: Jornalismo Digital na Escola: a Leitura/Produção de Textos e a Construção de Sentidos no Ciberespaço

Responsáveis: Manassés Moraes Xavier (Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof^ª. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientadora)

Os gêneros jornalísticos da esfera do informar notícia e reportagem

A NOTÍCIA

A notícia é uma forma de se produzir informação de maneira sucinta. De caráter factual, ela se constitui como a matéria-prima do jornalista. As principais características da notícia são o uso de uma linguagem precisa, que se limita unicamente no relato de um fato. Há marca de temporalidade e a apresentação de *lead*. O *lead* é o termo jornalístico que representa a abertura de uma matéria e que tenta respon-

der a perguntas essenciais: o que? por quê? onde? como? quando?.

A REPORTAGEM

A reportagem é uma forma de textualização que, diferentemente da notícia, se caracteriza por alargar ou detalhar a construção textual de referência a determinado fato ou acontecimento. Ela exige do jornalista um maior comprometimento com a informação, uma vez que dá margem para a busca de diversas fontes que se inserem como determinantes no processo de compreensão do texto.

Achamos oportuno extrairmos um quadro comparativo entre esses dois gêneros jornalísticos da esfera do informar:

NOTÍCIA	REPORTAGEM
A notícia apura fatos	A reportagem lida com assuntos sobre fatos
A notícia tem como referência a imparcialidade	A reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação
A notícia opera em um movimento típico da indução (do particular para o geral)	A reportagem, com a dedução (do geral, que é o tema, ao particular – os fatos)
A notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais	A reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento; aprofunda
A notícia independe da intenção do veículo (apesar de não ser imune a ela)	A reportagem é produto da intenção de passar uma “visão” interpretativa
A notícia trabalha muito com o singular (ela se dedica a cada caso que ocorre)	A reportagem focaliza a repetição, a abrangência (transforma vários fatos em tema)
A notícia relata formal e secamente – a pretexto de comunicar com imparcialidade	A reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor
A notícia tem pauta centrada no essencial que recompõe um acontecimento	A reportagem trabalha com pauta mais complexa, pois aponta para causas, contextos, consequências, novas fontes

QUADRO 01 - Comparativo da definição/construção textual de notícia e reportagem.

Extraído de: PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

O JORNALISMO NO CIBERESPAÇO

A palavra *ciberjornalismo* vai remeter ao jornalismo realizado com o auxílio de possibilidades tecnológicas oferecidas pela cibernética ou ao jornalismo praticado no – ou com o auxílio do – ciberespaço. A utilização do computador para gerenciar um banco de dados na hora da elaboração de uma matéria é um exemplo da prática do ciberjornalismo.

O termo *online* reporta à ideia de conexão em tempo real, ou seja, fluxo de informação contínuo e quase instantâneo. As possibilidades de acesso e transferência de dados *online* utilizam-se, na maioria dos casos, de tecnologia digital. Porém, nem tudo o que é digital é *online*.

Webjornalismo, por sua vez, refere-se a uma parte específica da Internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável. A *Internet* envolve recursos e processos que são mais amplos do que a *web*, embora esta seja, para o público leigo, sinônimo de *Internet*. A nomenclatura encontra-se relacionada com o suporte técnico: para designar o jornalismo desenvolvido para a televisão, utilizamos telejornalismo; o jornalismo desenvolvido para o rádio, chamamos de radiojornalismo; e chamamos de jornalismo impresso àquele que é feito para os jornais impressos em papel. O quadro a seguir, apresenta, de forma resumida, as delimitações terminológicas elaboradas:

Nomenclatura	Definição
Jornalismo eletrônico	utiliza de equipamentos e recursos eletrônicos
Jornalismo digital ou Jornalismo multimídia	emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de <i>bits</i>
Ciberjornalismo	envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço
Jornalismo <i>online</i>	é desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real
Webjornalismo	diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a <i>web</i>

QUADRO 02 – Resumo das definições de nomenclaturas sobre práticas de produção e disseminação de informação no jornalismo contemporâneo.

CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO NA WEB

São características do Jornalismo na WEB:

Interatividade – a informação *online* faz com que o ciberleitor sinta-se parte do processo;

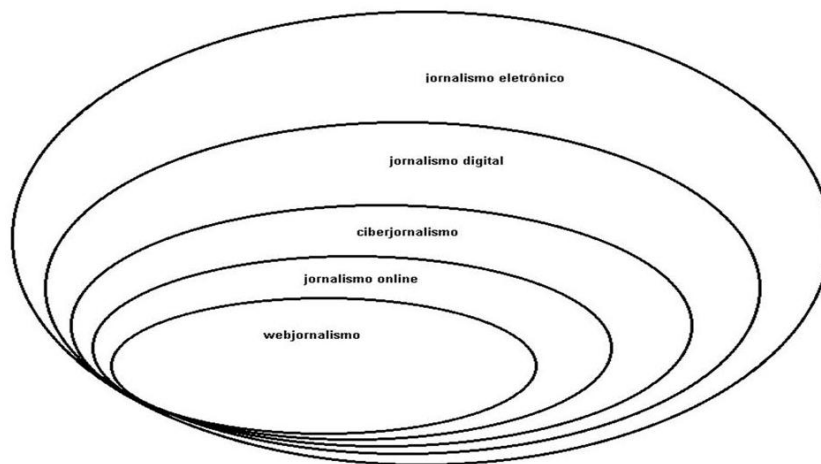
Customização do conteúdo/Personalização – produtos jornalísticos configurados de acordo com interesses individuais dos usuários;

Hipertextualidade – traz a possibilidade de interconectar textos através de links;

Multimedialidade/Convergência – trata-se da convergência dos formatos da mídia e

Memória – o volume de informação disponível ao usuário é consideravelmente maior no Webjornalismo. Desta forma, surge a possibilidade de acessar com maior facilidade material antigo.

Um aspecto importante é que elas não são excludentes, ocorre sim é que as práticas e os produtos elaborados perpassam e enquadram-se de forma concomitante em distintas esferas que delimitam as nomenclaturas.



FONTE: Luciana Mielniczuk. *Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web*. Doutora pela FACOM/UFBA, bolsista recém-doutor ProDoc-CAPES na FACOM/UFBA.

Exercícios:

Com base no que foi estudado sobre os gêneros jornalísticos da esfera do informar, notícia e reportagem, produza:

a) **Duas notícias sobre algum fato ocorrido na sua comunidade.**

Sugestões: um evento religioso, um assalto, um acidente, eventos realizados pela sua escola etc.

b) *Duas reportagens. Sugestões:*

- Produza um texto sobre as Eleições 2010 (Fale sobre a importância da Política, entreviste duas ou três pessoas sobre o que elas acham da Política no Brasil, sobre o que elas estão achando dos candidatos nesta eleição etc);
- Produza um texto sobre a importância da Educação (Fale sobre a importância da Educação para a cidadania, entreviste pais sobre o investimento que eles fazem para a Educação de seus filhos, entreviste professores, a direção da escola etc);

- Produza um texto sobre a segurança pública em sua comunidade (Fale com as pessoas que utilizam ônibus e chegam tarde em casa, entreviste comerciantes etc);
- Produza um texto sobre a importância da mídia para a sociedade (Fale com algumas pessoas específicas como: líderes religiosos, professores, líderes comunitários, comerciantes, profissionais da saúde etc).

Bom trabalho!

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral
Campina Grande – PB, setembro e outubro de 2010
Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Tarde)
Pesquisa: JOrnalismo Digital na Escola: a Leitura/Produção de Textos e a Construção de Sentidos no Ciberespaço
Responsáveis: Manassés Morais Xavier (Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)
Prof^a. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientadora)
ALUNO(A): _____ SÉRIE: _____

AVALIAÇÃO

Com base no que estudamos durante esses cinco encontros, como você, hoje, se posiciona diante dos seguintes questionamentos?

a) O que é mídia?

b) Qual a relação entre mídia e política?

c) O que significa ser um cidadão crítico diante da sua realidade?

d) Como você avalia o curso realizado? Leve em consideração:

1. O conteúdo apresentado e a metodologia de ensino do professor:

2. O que você aprendeu com o curso?

3. Quais as críticas e/ou sugestões você daria em relação ao curso?

Obrigado!

ANEXOS

Anexo A – Textos dos alunos sobre a relação mídia ↔ sociedade

A importância da mídia para sociedade – Por Aline da Silva Santos

Antigamente, não tinha muitos meios de comunicação. Usava-se o jornal impresso e as cartas que muitas vezes demorava meses para chegar. Na época colonial o que interessava as pessoas era política e a economia. Isso era a notícia do dia e as cartas traziam informações dos familiares que moravam longe. Porém, com o passar do tempo isso foi mudando, com a chegada de outros meios, como o rádio e a televisão, que foram abrindo espaços para outros interesses sociais.

Atualmente, essa realidade é outra e temos hoje vários meios de comunicação, várias opções de notícias que interessam cada idade e gosto do público que assiste.

Podemos dizer que a mídia tem grande importância na estrutura social, pois ela acompanha cada crescimento. Além disso, quem faz a mídia é a sociedade, a mídia sem o povo não existiria.

Mas, existe o lado ruim dessa interligação entre ambos, porque cada vez acessibilidade entre mídia e sociedade é maior. E a mídia tem muito poder sob a sociedade, ela pode em segundos transformar algo ou uma pessoa “no centro das atenções”. Com isso, muitas vezes, ocorre o mau uso dessa acessibilidade, pessoa que usa a mídia para a difamação de imagens, usa para cometer crimes, enganos entre várias coisas ilegais.

Apesar de tudo não podemos negar que não mais vivemos sem a mídia, pois ela nos informa sobre tudo o que acontece no mundo, em frações de segundos.

A importância da mídia para sociedade – Por Allison Oliveira

A mídia, nos mais diversos tipos de meios de comunicação, tem a finalidade de informar o que acontece no país e no mundo. Transmite as informações que acontecem em determinados lugares, para assim levar ao telespectador notícias que irão formar opiniões pessoais.

Como todas as coisas, a mídia, tem seu lado positivo e negativo, destacando alguns pontos em questão:

Pontos positivos:

ü É capaz de informar a milhões de pessoas o que se passa no momento exato da transmissão

ü Transmite informações necessárias para o benefício da sociedade, tais como: inscrição de vestibular, avisos políticos e eventos sociais.

Pontos negativos:

ü Influencia os telespectadores a comprar os produtos através da propaganda, gerando assim, lucros para a empresa em questão.

ü Gera certos “conflitos” políticos pelos candidatos, que têm como objetivo, mostrar aos telespectadores verdades e mentiras sobre a candidatura adversária.

Apesar dos pontos negativos, a mídia foi criada para o benefício social, que, tem informado a sociedade, deixando a mesma num parâmetro intelectual de igualdade cada vez mais satisfatório.

A importância da mídia para a sociedade – Por Bruna Nádia

A mídia tem um papel importante para o conhecimento de um povo. Tem função democrática e informativa, tornando-se um meio de comunicação mais útil. Tornando também a população mais intelectual. Não se pode negar a importância da mídia na modernidade. É a prova da evolução humana e a tecnologia que ela representa, fazendo o mundo se interligar através de um simples "click".

A mídia possui o papel de definir os assuntos sobre os quais as pessoas conversam dentro de casa, no ponto de ônibus, na escola ou no trabalho. Desse modo, tem o poder de definir temas, estabelecendo prioridades. Em se tratando de mídia, temos o jornalismo informativo, o investigativo e o opinativo.

Mas, afinal: Qual o papel da mídia na sociedade de hoje? Na sociedade onde "o meio é a mensagem" poucos se dão conta de que a mídia usa seu público para autopromoção e, cada vez mais, esquece seu primeiro, principal e mais belo objetivo de informar e propagar conhecimentos.

Importância da mídia para a sociedade – Por Carla Milena

É através da mídia que recebemos informações e conhecimentos. Ela apresenta fatos polêmicos da sociedade, principalmente das pessoas famosas, pessoas que adquirem mais destaque.

A mídia começa a revelar-se através de jornais, televisão, rádio, revistas e, até mesmo, por meio da internet, que inclui todos esses elementos.

Através da internet adquirimos o que queremos. Hoje, ela é o meio mais desenvolvido no mundo e as informações são cedidas e recebidas em questão de segundos.

A importância da mídia para a sociedade – Por Denise Castilho

A Mídia tem papéis fundamentais na formação intelectual e do desenvolvimento de um povo, dentre os meios de comunicação antes muito lentos, a telegrafia foi o primeiro verdadeiramente moderno, seguido pela telefonia, o rádio, a televisão, a transmissão por cabo e satélite e recentemente a internet, que é tido por muitos como o mais espetacular invento, ainda em desenvolvimento, do último milênio.

A Mídia é um importante meio de propagação de notícias e comunicação em massa, a mídia tem o poder de influenciar pessoas e gerações, não se pode negar sua importância na modernidade e a prova da evolução humana que ela representa, fazendo o mundo se interligar através de um simples “click”, onde notícias podem chegar mais rápido ao estrangeiro do que a quem está ao seu lado.

O papel da mídia na sociedade de hoje é a chamada autopromoção, informar e propagar conhecimentos, ela possui papel preponderante a ponto de definir os assuntos sobre os quais as pessoas conversam dentro de casa, no ponto de ônibus ou no trabalho. Desse modo tem o poder de selecionar e definir temas, estabelecendo prioridades.

A importância da mídia na sociedade – Por Erica Felix

Assim na sociedade, precisamos da mídia para a comunicação de nossas informações ou agências de notícias, como a mídia é o único meio de adquirir informações sobre várias áreas da nossa própria sociedade. Portanto, a mídia é usada no dia-a-dia, e em tudo o que faze-

mos usamos ela seja por, jornais, revistas, cinema e rádio, esses são os meios de comunicação, ou seja, essa é exatamente a própria mídia, os meios de comunicação modernos permitem agora intensos traços de longa distância entre grandes números de pessoas "e-mail, fórum de internet e entrega à distancia".

Hoje em nosso cotidiano, não é tão difícil utilizar de alguma forma a comunicação, cada vez mais fácil. Em uma sociedade consumista, os meios eletrônicos são importantes para a distribuição de mídia da propaganda.

Porém, a mídia em "si" afeta o que as pessoas pensam sobre si mesmas, e como elas percebem as outras pessoas o que pensam sobre a nossa outra imagem, o que imaginamos que os outros deveriam ser, vem através da mídia. A comunicação digital é um dos melhores meios para a sociedade, como por exemplo meios eletrônicos e mídia imprensa. A mídia, então, favorece a nossa sociedade, no dia-a-dia, fica mais prático, útil e ágil.

A importância da mídia para a sociedade – Por Ermeson Gesyer

A mídia é um importante meio de propagação de notícias e comunicação em massa e em quase todo o mundo, influencia, determina tendências, age como uma verdadeira força social, direcionando os cidadãos de acordo com sua vontade.

Em momento em que a sociedade brasileira discute um marco civil regulatório para a Internet, que em seu texto final a ser enviado para o Congresso, prevê em seu artigo 2º., inciso IV, a neutralidade da rede como uma das garantias do usuário de Internet no Brasil, chamamos a atenção para uma questão que transcende qualquer tentativa legislativa de se garantir isonomia no direito de utilização na Internet.

Olhar digital

A internet, muitas vezes, é vista como inimiga da educação. Retratada como um ambiente descontrolado onde sobra material pornográfico, inutilidades várias e artigos de cultura inútil. Mas alguns profissionais, atualizados com as evoluções no mundo da comunicação e da web, enxergam esse mundo possível com outro olhar: nessa terra sem lei, sobram oportunidades, mesmo que anárquicas, de conhecimento,

ferramentas usáveis na sala de aula e fora dela, úteis na hora de manter o aprendizado dos alunos em momentos de diversão e descontração.

Mas é importante deixar claro que a internet só é fonte de conhecimento quando o usuário procura por esse conhecimento. Caso contrário, a criança ou o jovem desviarão de todo e qualquer conteúdo interessante e atingirão materiais que não agregarão a sua formação crítica.

Importância da mídia na sociedade – Por Fábio Nonato

A mídia é muito importante para a sociedade. Existem vários tipos de mídia, mas a mais utilizada está sendo a mídia tecnológica.

Em uma sociedade consumista vimos que os meios eletrônicos fazem um importante papel, por exemplo, a internet é a mais nova ferramenta de comunicação virtual que existe. As pessoas podem criar seus websites, e-mails e blogs e postar opiniões sobre assuntos diversos.

Portanto, a internet é sem dúvida uma das ferramentas mais eficazes na mídia de comunicação. As escolas estão incentivando os alunos a utilizarem os meios de comunicação, como o jornalismo digital, para buscarem informações. O que é muito importante!

A importância da mídia para a sociedade – Por Géssica Romara

A mídia é um meio de comunicação de massa ou agências de notícias. Mas pode se referir a um único meio utilizado para comunicar os dados/as informações para qualquer finalidade.

A mídia afeta o que as pessoas pensam sobre si mesmas e como elas percebem as outras. O que pensamos sobre nossa autoimagem e o que imaginamos que os outros deveriam ser, vem através da mídia.

Qual a importância da mídia para a sociedade? – Por Kassia Larissa

Mídia e Sociedade: Comunicação sem fronteiras

Mídia é tudo que faz com que haja propagação de comunicação em geral e sociedade é uma ligação entre as pessoas; como uma amizade. A sociedade surgiu antes da mídia desde época da pré-história e com a evolução humana e tecnológica surgiu a mídia, assim acredito. Imagino que a importância entre elas seja com que nós seres humanos não con-

sigamos mais viver sem a mídia, pois vivemos em sociedade e a mídia faz com que haja mais facilidade em nossa comunicação.

Hoje podemos ver, falar, ouvir, saber de notícias ou de pessoas que moram do outro lado do mundo em poucas horas, a mídia nos proporciona isso assim. Dessa forma, estamos tão tão acostumados que não vivemos mais sem ela, essa forma de transmitir informação, e interatividade pelos meios de comunicação é a mais importante ligação entre a mídia e a sociedade.

De forma com que nunca mais se acabe e sim se modernize através dos avanços acontecidos e o fim seja quando haja o fim de tudo o planeta ou de toda a sociedade.

Importância da mídia para a sociedade – Por Thaynara Nathaly

Nas sociedades atuais os meios de comunicação em massa, como a televisão, têm grande poder de persuasão, tentam influenciar os indivíduos no sentido de igualar as reações e a conduta, mas também leva o indivíduo, subjetivamente, a emitir sua própria opinião.

Contudo, a experiência midiaticizada atinge a todos de forma indireta, pois mostra na mídia o fato ocorrido tornando-o conhecido por todos, mas um indivíduo não pode ser alienado por completo, tendo este uma visão crítica, embora que às vezes rudimentar, que refletirá no seu cotidiano. Uma das razões de se estudar a mídia é o impacto da mesma na sociedade contemporânea, sendo considerada como o 4º poder. A explosão dos meios de comunicação, principalmente do fenômeno chamado televisão, colabora com a disseminação deste termo.

Dentre os novos meios tecnológicos que se nos apresentam, a Internet é, sem dúvida, o mais revolucionário deles. Sua utilização nos permite, por exemplo, organizar, transformar e processar as informações em velocidade e capacidade cada vez maiores e com custos cada vez mais reduzidos. Uma rede de recuperação e distribuição que pode beneficiar tanto aqueles que produzem tais informações, quanto àqueles que se utilizam dela.

Anexo B – Fotos

1º ENCONTRO – 16/09/2010



3º ENCONTRO – 28/09/2010



4º ENCONTRO – 05/10/2010



5º ENCONTRO – 07/10/2010

